Alice De Marchi Pereira de Souza

inter**ventar**

encontros possíveis entre psicologias e juventudes

Mestrado em Psicologia

Orientadora Cecília Maria Bouças Coimbra

Niterói, 2009.

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

Alice De Marchi Pereira de Souza

inter**ventar**

encontros possíveis entre psicologias e juventudes

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora Cecília Maria Bouças Coimbra

Niterói, 2009.

.Banca examinadora

_____

Professora Doutora Cecília Maria Bouças Coimbra – Orientadora

Universidade Federal Fluminense

_____

Professora Doutora Gislei Domingas Romanzini Lazzarotto

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

_____

Professora Doutora Heliana de Barros Conde Rodrigues

Universidade Estadual do Rio de Janeiro

_____

Professora Doutora Maria Lívia do Nascimento

Universidade Federal Fluminense

VENTO
DENTRO
IN-
VENTO

Era pau.
Era pedra.
Era o fim do caminho?

Cada um no seu canto
com seu canto
nos chamou.
E nenhum de nós,
nunca mais, ficou sozinho.

No meio do meu caminho tem coisa que eu não gosto.
Cerca, muro, grade tem.
No meio do seu, aposto,
tem muita pedra também.
Pedra? Ou ovo?
Fim do caminho?
Ou caminho novo?

Porta, ponte, túnel, estrada,
mapa, vôo, navegação.
Quem disse que o fim da picada
não se abre pra imensidão?

Beco que vira avenida.
Muro que cai para o irmão.
Esperança renascida
escancarando a prisão.

É promessa de vida no meu coração.

(Abrindo Caminho - Ana Maria Machado)

Para Eric, Gustavo e Steyc, com quem
pude, em alegres encontros, inventar
uma psicologia que venta.

.Agradecimentos

Mar alto. Navego. Mergulho. Ao sair d´água, o vento no rosto. Incontáveis gotas que habitam o corpo. Para agradecer a todos os que, de alguma forma, afetaram a feitura desse trabalho, deparo-me com a imensa multiplicidade imanente à vida, que não hierarquiza os encontros que nela se efetuam...

Agradeço a todos os jovens com quem me encontrei no Programa Abrindo Caminhos e seus sagazes questionamentos e sorrisos de resistência **e** ao coletivo Estação PSI – em especial aos marujos Cá, Julia Be, Mateus, Julica, Maynar – por serem morada de amizades e vendavais birutas de pensamento **e** à capitã colorada Gislei pela forte delicadeza de uma mestre que cuida, forma e acompanha **e** ao Danichi e nossa aventura de engendrar um raro amor todo dia **e** à Carol, mãe, pai, Rê, Ju, Ana, Bruna e o carinho atento que, mesmo de longe, se faz afeto intenso e duradouro a cada encontro **e** ao vô Xico – exemplo de vida como obra de arte – , vó Adiles e vô Zildo – pelas calorosas acolhidas e conversas – **e** aos amigos!, aos amigos!, aos amigos!, afeto e afetação, escuta, correspondências – Cá, Maria, Paulinha, Maria Campos, Alice, Cari, Quel – a alegria de não caber em si; Marceu, Marília, Artur, Maíra, Iacã, Jonatha, Manoel, Maria Laura – importantes parcerias malucas potencializadoras **e** à minha-nossa revolucionária orientadora-jardineira, Cecília Coimbra, por sua incondicional aposta, confiança e inspiradora potência de vida **e** à Maria Lívia do Nascimento e seu cuidadoso e já íntimo acompanhamento niteroiense de quem vem de outros Portos **e** Heliana Conde pelo privilégio de suas aulas, dicas e a inspiração “doce-ardente” de ousar na escrita **e** a toda equipe do Programa Abrindo Caminhos em sua insistente afirmação de outros encontros possíveis com juventudes e com psicologias transgressoras **e** aos colegas de mestrado – em especial Lia, Marina, Cris, Bia, Sol e Sandro pelo contágio da ética do cuidado na relação – e a beleza de nossos percursos cruzados **e** aos professores deste Programa de Pós-Graduação pelo admirável empenho compartilhado em afirmar a produção de conhecimento-referência-e-resistência de qualidade **e** às Universidades Federais – ambas do Rio Grande do Sul e Fluminense – por constituírem, ainda, espaços públicos de exacerbação do pensar de forma coletiva e afetiva **e** à CAPES pela bolsa que tornou esse trabalho possível **e** a tantos jovens que no mundo estão em suas insurgentes lutas diárias por mais liberdade e mais vida **e**...

.Resumo

Esse trabalho coloca em análise os *encontros* possíveis entre práticas *psi* e juventudes institucionalizadas. Na experimentação de um programa de trabalho educativo como dispositivo – política pública que envolve jovens em medidas "socioeducativas" e medidas "de proteção" – alguns acontecimentos são tomados como *analisadores* dos modos como as práticas *psi* e tais juventudes tem se co-engendrado.

A cartografia como ética de pesquisar-intervir acompanha esses movimentos do que está surgindo – história do presente – e nos utilizamos de *cadernetas pessoais* e de *diários coletivos* como ferramentas metodológicas. Notamos que há uma psicologia que é esperada, demandada – e por vezes temida – nesse contexto. Tendo como intercessores, entre outros, Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari e autores brasileiros contemporâneos, partimos da imanência das relações, do *meio*, e somos convocados a pensar também as formações históricas que engendraram sufocantes práticas hegemônicas que governam vidas juvenis no âmbito das medidas supracitadas.

Experimentamos, na equipe referida, práticas *psi* que se arriscam à potência dos encontros, inventando aí intervenções ventiladas que atentam para a multiplicidade da vida e para a liberdade, e não para a tutela nem para o controle. Afirmamos exercícios de cuidado da/na relação como uma ética de intervenção com jovens: uma aposta política na insurgência de práticas *psi* e vidas mais libertárias.

.Abstract

This work analyzes the possible *crossroads* between *psy* practices and institutionalized youths. Throughout the experimentation of an educational work programme as a device - a public policy that engages youngsters into “social”, “educational” and “protection” restraints - some occurrences are viewed as *analyzers* of the way *psy* practices and those youngsters have been co-engendering.

The cartography as researching-interfering ethics follows these movements of what is arising (on going history) and we use both *individual notebooks* and *collective journals*. We realize there is an expected, demanded - and sometimes feared - psychology within this context. Considering Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari and Brazilian contemporary authors, among others, as intercessors, we depart from the immanence of relations, of the *milieu*. We are then called to also think about the historical formations that developed suffocating hegemonic practices ruling young lives in the context of the procedures mentioned above.

We’ve experienced, in the referred team, *psy* practices that risk themselves within the potence of encounters creating ventilated interventions on the watch for life multiplicity and freedom, and neither for guardianships nor for control. We assert caring exercises in/of the relation as intervention ethics with youngsters: a politic bet on the insurgence of *psy* practices and more libertarian lives.

.Sumário

Nos resíduos das primeiras falas
eu cisco meu verso
A partir do inominado
e do insignificante
é que eu canto
O som inaugural é tatibitate e vento
Um verso se revela tanto mais concreto quanto seja
seu criador coisa adejante

(Coisa adejante, se infira, é o sujeito que se quebra
até de encontro com uma palavra)

Manoel de Barros

.Içar.....12

.Desorientar (uma útil legenda)......17

:no âmbito federal.....18

:no âmbito estadual.....18

:no âmbito municipal.....25

:noutro âmbito (ou num não-âmbito).....25

.Compartir.....42

:é de marear.....43

:sem cais.....52

:navegar é impreciso.....60

.Parar, olhar.....70

.Como andar pelo mundo (ou Pelo andar como mundo).....71

:fazer carta.....72

:apetrechos.....76

:outros portos alegres – o rio, o mar, o circo e o tempo.....82

.Desinventar.....90

:os bolsos estavam furados.....91

:a juventude da psicologia tupiniquim e uma falsa dicotomia.....96

:práticas *psi* e governo – desfritando ovos.....102

:o problema é (m)eu ou o Eu como problema.....105

.Há de se catar ventos.....108
:a vida tem sempre razão.....109
:interventar - dobraduras de um coletivo psi.....113
:escredevir.....129
:ousar - amizade como metodologia?.....134
.Desfechar.....139
.Referências bibliográficas.....148
.Anexo I: Programa Abrindo Caminhos – Versão Julho de 2006.....157
.Anexo II: Historinha.....171

.Içar

> *Encontrar é achar, é capturar, é roubar, mas não há método para achar, nada além de uma longa preparação. Roubar é o contrário de plagiar, de copiar, de imitar ou de fazer como. A captura é sempre uma dupla-captura, o roubo, um duplo-roubo, e é isso que faz, não algo de mútuo, mas um bloco assimétrico, uma evolução a-paralela, núpcias, sempre "fora" e "entre".*
>
> Gilles Deleuze e Claire Parnet

Vozes. Encontros. Jovens. Coletivos. São esses os elementos que culminam em um vibrar de corpo que desencadeia esta escrita. Em conexão, corte e produção constantes: coletivos feitos de encontros com jovens que engendram vozes que são coletivas e que voltam a forjar encontros e jovens... e assim por diante, não necessariamente nessa ordem. Um princípio de movimento cujo princípio e limites são ilocalizáveis; faz-se aqui a necessidade de um recorte apenas para que não nos percamos no infinito a que remete. Como dizem Gilles Deleuze e Felix Guattari (2000, p.10) ao abrirem seus Mil Platôs, chega-se não "ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU. Não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados."

Impelem-me a pensar e a escrever numerosos encontros e incontáveis vozes, dimensão coletiva e ao mesmo tempo coletivizadora, atravessada por uma intensidade juvenil. Desde já se dissolve um eu-pesquisadora no caldo de multiplicidades de que sou parte. Cato, capto, rapto e roubo: escrevo com mãos de multidão.

...é uma força juvenil...

...são artesãos de análise...

...entrei no banheiro e chorei mesmo...

...ele foi várias vezes no banheiro pra chorar...

...não tenho nem onde cair morto, mesmo...

...tem alguma coisa diferente, só queria saber o quê...

...eu sabia que a casa ia cair, mas não achava que ia ser agora...

...abrindo caminhos para novos modos de existência...

...carrego comigo uma intensidade do grupo dos jovens...

...me senti como a Alice do Lewis Carroll, que diminui e aumenta...

...tem grupo sem a psicologia?...

...a psicologia é como uma lacuna na minha cabeça...

...é essa a verdadeira liberdade...[1]

Quaisquer dessas ou outras palavras soam insuficientes para a experimentação polifônica que inspira estas páginas. "Inaugurada[2]" em um estágio de Psicologia Social no Programa Abrindo Caminhos[3] durante minha graduação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, ela se prolonga para além da formação, como pesquisadora ainda vinculada ao grupo de extensão Estação PSI - Estudo e Ação em Políticas de Subjetivar e Inventar. É ainda desdobrada para além da terra natal, se fazendo a cada instante, para além inclusive da terra fluminense que me acolhe com seu calor. É que ela não está atrelada a tempos ou espaços delimitados. É, como dito, *experimentação*, e por isso é ética, estética e política – palavras que merecem sempre ser repetidas por dizerem daquilo que é *vivido*, e não meramente contemplado. Tem, portanto, uma duração singular que se leva consigo, como uma pulsação sempre presente e atualizável.

Escrevo com o corpo, diria em mim o poeta que gosta de verbos delirantes, Manoel de Barros: "Palavra que eu uso me inclui nela" (BARROS, 2004, p. 61). E para que?, talvez alguém me pergunte. Em andanças recentes pelos "Diálogos" (2004) de Gilles Deleuze em outro emparceiramento – com Claire Parnet – me deparei com uma linda resposta possível: "A escrita tem por exclusiva finalidade a vida" (p. 16).

---

[1] Esses são fragmentos de vários enunciados, retirados dos chamados *diários coletivos* – ferramentas metodológicas sobre as quais discorrerei mais adiante nesse texto.
[2] Entre muitas aspas, pois, como já dito, a demarcação de um início é necessária simplesmente para a inteligibilidade dessa história.
[3] Ver ANEXO I.

Se insistimos nesta árdua tarefa de escrever, não é por outro motivo senão por apostar que ela, a escrita, não conservará sentidos fechados em si. Torço, ao contrário, para que as palavras traiam a elas próprias e soem não como plenitude ou incompletude, mas como um forjar de sentidos a perder de vista. Afinal, "não há palavras certas. Também não há metáforas (todas as metáforas são palavras sujas, ou a sua causa). Só há palavras inexactas para designar exactamente alguma coisa" (idem, 2004, p. 13). Palavras que erram, conceitos com os quais lidamos com o cuidado necessário... mas sem exageros: os conceitos aí estão para serem experimentados, usados, lambuzados – e não para permanecerem intocados dentro dos livros. Foi preciso ter coragem para usar palavras e deixar que elas operem sentidos incontroláveis (em algum grau eles sempre o são). Palavras-caleidoscópios, como são na escrita delicada da escritora portuguesa Inês Pedrosa[4] (2007):

> - Tudo? Mas o que é tudo? Tudo o que vejo? - perguntas num sussurro. Como se, de súbito, te sentisses esmagado pela intraduzível vastidão do teu olhar. O que se vê nunca se pode narrar com rigor. As palavras são caleidoscópios onde as coisas se transformam noutras coisas. (p. 13)

*

O leitor aqui já foi chamado a **Içar** as velas para entrar no clima dessa escrita. Nesse momento vem à cabeça o belíssimo texto de Heliana Conde em que diz de como introduções de textos podem parecer manuais de eletrodomésticos, com os dizeres *aviso, advertência!* impressos ali (RODRIGUES, 2006). Confesso que na verdade não me agrada anunciar o que será escrito ao leitor logo de início; temo sempre estar subestimando-o, ou *entregando o ouro* do que bem que eu gostaria fossem as páginas a seguir. Essa porção de texto foi escrita antes de terminar a dissertação, prometendo – como diz Heliana em suas linhas que muito me tocaram – o ainda não feito cheio de sonhos e pretensões mirabolantes – o que, por sua vez, me forçou a meses de "atividade frenética" de escrita. No entanto, minimamente (ou academicamente?) me dispus a

[4] Inês Pedrosa é uma romancista portuguesa que tem um lugar um tanto particular para o grupo do Projeto de Extensão Estação PSI (descrito nesse trabalho, formado por estudantes de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pesquisadores ex-alunos da mesma), do qual faço parte. Alguns integrantes começaram a ler seus livros e, logo, todos estávamos recomendando suas obras entre nós, o que as tornaram presentes e objetos de empréstimos muito freqüentemente. Chama-nos a atenção o estilo de sua escrita: sensível, intensa, cartográfica... Em especial, o título "Nas tuas mãos" (PEDROSA, 2005).

trazê-lo para o início (ele estava, lá pelas tantas, perdido na sexta dezena de páginas) e organizá-lo – dessa vez, pensando em um *CUIDADO!* num sentido diferente: cuidado como zelo, delicadeza, acolhimento para com o leitor. Nada mais justo, posto que essa dissertação convida a vendavais, navios piratas e experimentações em alto mar!

A escrita "doce-ardente" (para usar suas palavras) de Heliana remete à sua amiga-e-orientadora de doutorado, Sylvia Leser, e seu "Muito de Possível" enquanto tal. O texto, que me foi dado no momento da qualificação dessa dissertação, me remeteu às minhas orientadoras: Gislei Lazzarotto, em Porto Alegre, durante a graduação; e Cecília Coimbra, aqui no Rio de Janeiro/Niterói, durante o mestrado. Correspondências aconteceram aí, e o texto referido agora se faz novamente intercessor. Amizades possíveis, amizades que se remetem entre si, com Maria Lívia do Nascimento também, banca na tese de doutorado de Gislei. Eis aí as quatro que formam um emaranhado afetivo, rede clara para mim, sobre a qual escrevo sem o menor pudor do medo de parecer piegas ou mesmo soar aduladora, porque não se supõe que, para sermos amigos, tenhamos que concordar. Pelo contrário, é na diferença que a amizade se potencializa, fazendo-se gasolina aditivada para o motor do pensar, do discordar, do discutir, do argüir para avançar (sabe-se lá para que lado!). Falo nessa banca porque ela literalmente *me bancou*, sustentando junto uma escrita por vezes ousada e fora dos padrões mais sisudos da academia, em *aposta política* por uma universidade que produza mais encontros e mais alegria e mais criação e mais vida.

Cada qual em seu momento e estilo, elas contaminaram esse trabalho com suas marcas: Cecília sempre perto, com quem (re)aprendi uma comunicação sem computadores; a marca da letra manuscrita; a frase recorrente "escreva... leia também, mas não deixe de escrever!" de um devir Foucault na esteira de Sêneca que enuncia a prática da escrita de si como cuidado. Gislei longe-perto, com quem um muito de possível é sempre engendrado; o roubo de sua tese e de telefonemas interurbanos; as correspondências-surpresas de papel; a leitura atenta e os rabiscos – ela sim, virtualmente –, principalmente nessa fase final, compondo uma língua menor em psicologia de mestre e aluna. Lívia sempre ao lado, desde a entrevista para entrar no programa da Universidade; as supervisões juntas; as orientações em referências bibliográficas e os *pés* de página como sussurros ao *pé* do ouvido. Heliana, com quem tive mais aulas do que com qualquer professor na UFF, já que metida como ouvinte nos seus cursos na UERJ; a escrita precisa e bem humorada que estimula diversos pontos de exclamação (!!!!) e os apontamentos e sugestões *preciosos* na qualificação.

Apesar disso, um *tanto* de texto escrito na solidão – solidão povoada, trabalho clandestino, dirão Deleuze e Parnet (2004) –, *tanto* que algumas se surpreenderão com o engorde notável da dita cuja desde a qualificação até aqui.

Tudo isso: zelo para com o leitor, justiça para com a banca e quem sabe um exercício para comigo, convencem-me a anunciar um planejamento. O horizonte, mesmo trêmulo, está lá.

Em nossa **Desorientação**, o leitor poderá ser esclarecido e confundido. E depois – oxalá – partirá com essa que lhe escreve, ao **Compartir** o território-mar a ser percorrido. Visão de mundo, contexto da pesquisa, afetações e problematizações ali delineadas.

Depois de **Parar, Olhar**, contamos de **Como andar pelo mundo ou Pelo andar como mundo**. Discutiremos as condições de feitura desse trabalho. Para tanto, vamos passear por alguns conceitos e experiências que dizem da invenção de uma maneira de fazer pesquisa. Metodologia como atitude.

Em seguida, abordar-se-á como mais inquietações surgem no programa Abrindo Caminhos e apontam para as práticas da psicologia. Vamos **Desinventar** algumas práticas *psi* na atualidade direcionadas à juventude em conflito com a lei e sob tutela do Estado. Esta análise será breve por dois motivos: em primeiro lugar, o objetivo principal desse trabalho não é realizar uma genealogia nem mesmo mapear extensamente como essas práticas foram se cristalizando; o tom que se deseja é de afirmação, por isso esse subtítulo nos serve de trampolim, como a plataforma de onde investiremos para a performance de um salto, esse sim, nossa intenção central. Em segundo lugar, breve porque já dispomos de um admirável material a respeito do tema, ainda que saibamos o quanto ele é sempre atualizável. Pretendemos fornecer referências para o leitor que se interessar mais pelo assunto.

Posteriormente pretende-se fazer atenção aos escapes que a potência intrínseca à vida engendra apesar dos crivos sobre ela: **Há de se catar ventos** das possibilidades de invenção de si e do mundo. Uma psicologia de resistência, que afinal de contas sempre lá esteve no Abrindo Caminhos. Cuidado de si para os jovens, cuidado de si para a psicologia... cuidado da relação: a psicologia encontra uma ética para a sua prática.

Finalmente, como **Desfecho**, concluiremos sem concluir, pois chegamos a um fim que, já alertamos o leitor: está no meio.

Vamos?

.Desorientar (uma útil legenda)

Eu tô te explicando
Prá te confundir
Eu tô te confundindo
Prá te esclarecer
Tô iluminado
Prá poder cegar
Tô ficando cego
Prá poder guiar

Tom Zé

Esse trabalho envolve uma experiência em um contexto de interseções do campo judiciário com o executivo. Nem para quem trabalha em órgãos da justiça ou pelo menos na "operação" desta é lá muito fácil conhecer e se lembrar sem esforço de todas as siglas que por ali circulam, ainda que isso possa ser necessário. Quanto mais para quem possa não trabalhar com isso e vir a ler esse texto. De toda forma, creio ser de uma pretensão absurda cobrar que o leitor conserve, com apenas um parágrafo, um parênteses ou um pé de página, a lembrança de todas as siglas que por vezes se fazem fundamentais para – o que é, diga-se de passagem, bem mais interessante do que as próprias siglas – alguns dos acontecimentos e análises aqui realizados.

Por isso, além dos parágrafos, parênteses e pés de páginas ao longo do texto, apresento aqui uma legenda para, enfim, facilitar as coisas. Mesmo que algumas dessas siglas sejam já velhas conhecidas de alguns, esse atalho pode ser útil caso o leitor se depare com algum grupo de letras incógnitas. Fica evidente aqui também que, se foi necessário criar essa legenda para o leitor, é porque não são poucas as siglas que se referem aos estabelecimentos e os mecanismos neles embrenhados para dar conta de uma infância e juventude brasileiras. Começa já o esboçar de perguntas que nos acompanharão quando paramos para pensar na (enorme) quantidade de empregos e cargos gradativa e crescentemente criados a serviço desse público. "A serviço"... A expressão nos leva a outra indagação: para quem, ou melhor, *para que* mesmo tantos trabalhadores estão atuando? Tais estabelecimentos e trabalhadores estão ativamente contribuindo para engendrar o que?

Mas há ainda outra interrogação recente, me feita por uma amiga, colega de mestrado, mulher sagaz e de questionamentos precisos: como se faz uma legenda para o que não é mapa, e sim cartografia?

De um lado, na legenda de um mapa temos cores e símbolos (códigos) que correspondem ao que se vê na carta geográfica, que nos traduz seus significados. Numa cartografia, o que temos não é um mapa estático, pronto. Longe disso: temos movimento, traços por se fazer, já que a cartografia – como veremos – se faz processo que acompanha processo. Por isso, leitor, não se assuste se vir mais do que descrições e explicações. Essa legenda já traz a experimentação do que, a princípio, seriam apenas siglas frias. Você já vai encontrar trechos dos *diários* que utilizamos como ferramenta metodológica para essa pesquisa antes deles serem explanados, mas se precisar, dê um pulinho lá onde eles aparecem, na página 37, onde aclaramos do que se tratam.

Está bem, está bem: vamos primeiro esclarecer as siglas. E, nisso, confundir...

.no âmbito federal:

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei Federal 8.069/1990.

JF – Justiça Federal.

MPF – Ministério Público Federal, também conhecido como MPU (Ministério Público da União). Não confundir com o Ministério Público Estadual!

PRRS (ou simplesmente "PR") – Procuradoria da República no Rio Grande do Sul, órgão da primeira instância do MPF.

Regional – Abreviação de Procuradoria Regional da 4ª Região (região sul do país). É segunda instância do mesmo MPF.

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

.no âmbito estadual:

MPE – Ministério Público Estadual.

FASE – Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul. Até 2002, era, junto com a atual FPE (ver logo abaixo), uma só instituição: a FEBEM (Fundação do Bem Estar do Menor). Tem por função executar "*medidas socioeducativas*" de internação aplicáveis, segundo o ECA (BRASIL, 1990), a

adolescentes (portanto pessoas de 12 a 18 anos[5]) em conflito com a lei. Mais especificamente, aplicáveis a jovens que foram autores de atos infracionais considerados graves, ou por terem repetido o cometimento de infrações ou ainda por terem reiteradamente deixado de cumprir medidas antes aplicadas (idem, 1990).

A nomenclatura "socioeducativa" remete a uma medida que socialize e eduque, mas não podemos naturalizar esse termo. Podemos começar questionando: o que é socializar? O que isso pressupõe (adolescentes que cometeram ato infracional não estariam *na* sociedade)? Isso nos leva inevitavelmente a repensar noções também instituídas de "exclusão social". E "educação", o que seria? Aproximar-se-ia de uma pedagogia para a vida... ou em alguma outra direção? Fato é que as práticas de aplicação das medidas socioeducativas muito têm de penal-punitivo – o que não é de surpreender em uma sociedade que tem o dogma da pena embrechado em seu seio há séculos como mais um braço do funcionamento capitalista[6]. Em diversas unidades de aplicação desse tipo de medida no Brasil (e aqui não estamos apontando uma em especial), é sabido que o que há são intervenções violentas e perversas que violam diariamente diversos direitos da infância e da juventude. Isso, por sua vez, não pode ser atribuído a um grupo delimitado de pessoas intencionalmente "más" – ainda que, sem dúvida, os operadores de qualquer dispositivo estarão sempre contribuindo ou sabotando o funcionamento deste. É que, assim como a infração juvenil, as políticas de segurança e de execução de medidas desse tipo devem ser entendidas como, a um só tempo, produtos e peças de um sistema, de uma lógica. Essas análises mais amplas, extremamente pertinentes, permearão esse trabalho, apesar das práticas *psi* serem nosso foco principal.

Com ou sem esse propósito, o nome FASE remete a uma curta duração, como num esforço para assegurar que a "antiga FEBEM" esteja efetivamente extinta e que a medida – obedecendo aos dizeres do ECA – seja mesmo breve. Irônico é observar que, em praticamente todo comentário acerca da FASE e de eventuais intervenções com o público que atende (seja em trabalhos acadêmicos, reportagens ou conversas das mais variadas naturezas), o nome FEBEM é ainda evocado – inclusive por crianças e jovens sobre os quais medidas de internação são aplicadas. Isso lhe cede uma sobrevida que,

---

[5] Em alguns casos, como, por exemplo, o da aplicação de uma medida socioeducativa a um adolescente que cometeu ato infracional a um dia do seu aniversário de 18 anos, a medida pode se estender até os seus 21 anos de idade. Isso porque uma medida desse tipo pode ter até três anos de duração, o que configura a idade de 21 anos como a máxima contemplada no/pelo ECA.

[6] O capítulo II, intitulado "Cartografias da infração juvenil", em Bocco (2005), nos traz uma excelente e detalhada análise das interseções de Estado penal, sociedade de consumo, mídia e juventude pobre e de como a infração juvenil é produzida socialmente no contemporâneo.

justo na direção contrária, faz perseverar o velho e alquebrado *script* de instituição total de tempos já quase remotos (e paradoxalmente tão presentes), como assim é a figura do orfanato e seu par: a figura do *menor*.

Mas de "fase", "temporário", a FASE não parece ter nada... Ainda que as medidas socioeducativas tenham, no máximo, três anos de duração (BRASIL, 1990), os jovens sentem a perda de uma grande parcela de suas vidas, conforme eles mesmos nos contam. E o estabelecimento é capaz de provocar sensações muito mais intensas e duradouras do que aquelas que permanecem em nosso corpo por pouco tempo...

> **Assunto: apenas um sonho, apenas uma fase**
> Meus sonhos, nas últimas semanas, têm me remetido muito à realidade. Não foi diferente nas noites passadas: sonhei com um lugar cinzento, portões, guris e gurias que estão ou que já estiveram no Abrindo Caminhos, outros rostos inventados, técnicos, gente do Estação PSI. A Gislei acompanhava a Cá e eu, num labirinto de prédios e salas com um ar científico, azul e cinza, refeitórios, jalecos, testes, provas e papéis, ela sempre com uma expressão que mesclava brabeza com indignação e decisão, dizia "não, eu vou lá com vocês! isso não pode ser!" e nós caminhávamos, subíamos escadas, eu dizia "deixa que a gente vai, Gislei, precisamos fazer isso" e ela "não, mas eu vou também", e eram câmaras nas quais se passava com roupas especiais e toucas, e se falava com outros funcionários que nos indicavam outras direções, e mais gentes psi iam nos encontrando, dali a pouco era a Valéria, a Fer, a Júlia, mais rostos inventados...
> O que era aquilo? A Prorext[7]? A Universidade? Éramos nós à procura-exigência das bolsas de extensão? Éramos nós passando por crivos científicos, fazendo mil caminhos para que o Programa acontecesse? Éramos nós escrevendo o artigo científico pro CNPq? Ou então era a FASE? A Fundação de Atendimento Sócio-Educativo se confundiu com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O higienismo médico, a segurança, a educação, o moralismo, em forma de blocos de concreto e corrimãos de metal, achatavam-nos enquanto a gente-agente persistia em andar e andar, era um não encontrar o fim, era uma resistência? Mas onde era a saída?
> Chegamos a um salão-pátio. Era como se todos ali desaguassem as escadas-cascatas. E houve um encontro indignado. E houve comentários. E houve uma despedida daqueles "jovens da FASE".

[7] Pró-reitoria de Extensão da UFRGS, à qual o Projeto de Extensão Estação PSI está vinculado. Nesta época, acabara de acontecer a avaliação anual de todos os projetos de extensão da Universidade para serem redistribuídas as bolsas de extensão. O Estação PSI, que sempre obtivera pontuações altas em vários critérios – e, por isso, recebera mais de uma bolsa –, dessa vez obteve uma avaliação ruim, sem que nos fossem apontados os critérios não atingidos. Foi bastante surpreendente, visto que as ações do Projeto haviam crescido bastante. Os alunos integrantes foram à sede da PROREXT para pedir esclarecimentos, mas a recepção que tivemos foi a orientação de "escrever um email para a PROREXT" – o que nos soou absurdo, visto que já estávamos ali presencialmente e, afinal de contas, éramos nós os executores, os avaliados e os (não) contemplados com bolsas...

Hoje fomos visitar a FASE[8]. Dia frio, úmido, vento cortante. Fomos Julia, eu e uma servidora da Regional. [..] Um sonho ou um pesadelo tomaria a tarde? [...]

Conhecemos a unidade feminina. Uma casa tão bonitinha, as técnicas perfumadas e pintadas, as portas abertas (a não ser a da frente, que levava um cadeado cuja chave carregava uma funcionária grávida). O G1 e o G2 eram os grupos das meninas, que somavam 25 no total. Cada um ocupava um lado da casa, que começava com uma cozinha/sala onde estavam lanchando e que seguia por um corredor de quartos. Na sala, decoração de flores e fadas e bichinhos e lacinhos. "Aqui é o berçário?" Perguntou a servidora da Procuradoria Regional que veio conosco. Não. Era apenas a decoração feita pela monitoria. As gurias riram. Não tinha muito de adolescência naquilo, mesmo! Daquele ambiente infantil, limpo, claro, familiar, fomos ao corredor, onde as portas dos quartos me chamaram a atenção.

Aquilo não eram quartos. Eram celas ajeitadinhas. Individuais, reformadas, sim. Mas celas. Portas com pequenos quadrados gradeados no alto. No banheiro, uma lista de tarefas do dia, que era o higienismo, literalmente, escrito: "sempre tomar banho ao despertar"; "jogar o papel no cesto"; "fazer xixi antes de entrar no banho"; "não sair do quarto sem o lenço"... Como assim? Que lenço? A monitora me explicou em alto e bom tom, enquanto passávamos por gurias com lenço e outras sem lenço na cabeça, que "muitas delas têm piolhos e lêndeas, né, então pra que não passe pras outras tem que usar o lenço". Fiquei constrangida, desviei o olhar delas. Vidas regradas. Privacidade mínima. Ainda assim, estofado rosa no sofá. [...]

Hora de conhecer uma das unidades masculinas. Pegamos a chave de um portão em outra unidade masculina, onde houve o último motim da FASE. Impossível não imaginar onde foi, como foi, quem foi. Na passagem para a unidade a ser visitada, um pátio-meio-terreno-baldio, uma torre de controle que aparentava, ao longe, ter tiros nas janelas. Já nem sei, podiam ser simplesmente adesivos... Atravessamos um espesso portão de metal. A funcionária da FASE que nos guiava na visita [...] foi nos preparando: "agora é unidade masculina. Não é a feminina. Vocês são visadas. É bem diferente: quando se abre um portão, se passa pro outro lado, sem demoras." [...]

Na entrada da unidade, Rosa[9] e uma outra técnica fumavam um cigarro e via-se uma mesa com bijuterias, provavelmente alguém as vendia. Não esperava aquela cena assim, na entrada! Rosa simpaticíssima como sempre, me cumprimenta com um caloroso "Oi, pequeninha!" Ótimo: me sentia menor ainda diante do que estava por vir. (Hum... *menor*... nomenclatura tão usada para aqueles que ali estavam internados...).

Deixamos as bolsas numa sala e, no que viramos à esquerda, viu-se a primeira grade. A cor? Azul forte, como no sonho. Não apenas grades, mas estas eram cobertas por placas de metal. Trancas grossas, abriam-se e fechavam-se em pancadas. Não, o prédio não era bonitinho. Vozes ao longe, gritos, onde estão os jovens? "Esta é

[8] Duas estagiárias de psicologia e uma servidora da Procuradoria Regional – estabelecimento que estava com um projeto de trabalho educativo em estágio de implantação – compunham o grupo que foi conhecer a FASE, como experiência que fazia parte dos processos de envolvimento nos projetos Abrindo Caminhos (na Procuradoria da República) e Aprendizes da Cidadania (na Procuradoria Regional).

[9] Rosa é o nome fictício para uma das técnicas que já era conhecida por nós no Abrindo Caminhos por encaminhar jovens para as seleções na PR. Todos os nomes são fictícios nesse trabalho, a não ser os nomes dos integrantes do Estação PSI.

a sala de aula" [...]. "Eles estão no recreio. Vamos subir pra ver os quartos, não tem ninguém lá."
Me desculpe, mas quartos o CARALHO. Se as gurias tinham celas irônicas, os guris tinham celas assustadoras. Não é à toa que eles chamam de “brete”, que significa baia para bichos. É diferente conhecer através do discurso de técnicas, de pessoas da equipe de extensão, de jovens em medida sócioeducativa. Estar ali era a experimentação do lugar.
Pedi para ver um "quarto": três colchões onde deveria haver um; não se via o chão nem a rua. As paredes nem sei de que cor eram, só sei que eram escuras. O pessoal foi seguindo, caminhando, aquela porta aberta, deduzi que deveria fechá-la como as outras, e então encerrei-a em pancada e empurrei a barra de ferro da tranca. Sensação de desconforto me tomou, cheguei a tirar a mão dali como se tivesse tomado um choque, sim, me chocou ver a minha mão fazer aquilo.
Nomes estampados nas portas. O espaço para ver TV era um recuo no corredor. Ali estavam as alas C e D. A lotação da unidade é de 72 jovens. Há 147 deles ali. Vidas controladas. Privacidade zero. Estofado não tinha.

Na descida, fomos ao pátio, que não passa de uma sala mais ampla, com uma porta que dá pra uma quadra de futebol-5, com grades como teto, onde dois jovens chutavam a bola de um lado pro outro. Os que estavam no pátio olhavam, e muito. Enquanto a monitoria e as técnicas estavam no ambiente, era "boa tarde", "oi, dona". Se ficávamos pra trás, já sentíamos olhares mais vidrados, mais fixados, mais ousados, mas é óbvio! Quando vêem meninas jovens arrumadas por ali? Soube que pouquíssimas vezes vão a festas na unidade feminina. Passamos por oficinas de costura e de velas - tão estranho ver meninos costurando! E tão bem! Um deles contou que não é qualquer um que faz a atividade: tem de "estar bem na ala". Pergunta clássica de psicóloga, perguntei o que era estar bem na ala. Titubeio, vergonha, explicação: "Ah, é não arranjar confusão, né dona". Sim, claro, o tal do "bom comportamento".
[...] A visita era praticamente feminina; mas é tão paradoxal as vozes agudas dirigidas de uma técnica a outra, "obrigada, querida!" combinadas ao estrondo de cadeados e portões. "Ai, que bom, sabe, eu fico tão feliz que o Éolo tá dando certo lá no programa, ainda mais depois daqueles primeiros que eu encaminhei... Os dois foram mortos... Mas o Éolo sempre foi um amor, aqui dentro mesmo, sabe?"... "Blum, Blam!"... "Mas que legal que eles fazem escola aqui, né?"... "Por aqui, gurias!”... “Blam!"
Nos encaminhamos ao portão-de-rápida-passagem, como disse a funcionária da FASE, para sair. Comenta a servidora da Regional que adolescência é apenas uma fase: sua filha quase a enlouqueceu quando adolescente. Tem uma teoria de que se a pessoa não aprontou nada nessa época, é porque vai aprontar quando adulto, e muito pior. Então é melhor que apronte agora! É, uma fase, não podia ter nome melhor pra insituição, observa a funcionária da FASE.
Foi então que me dei conta de que não queria sair. Não! Não queria aquela despedida. Vontade de ficar, apesar de me sentir presa, de me sentir demasiado olhada, de me sentir desconfortável, de me sentir tensa. Vontade de conhecê-los, vontade de saber quem vai ser encaminhado para a seleção, quem não vai, vontade de quebrar as grades, vontade de abrir as portas, vontade de mudar aquilo!
Não, não faço a menor idéia de como; é apenas um sonho.
Alice.

(Diário coletivo Ventovida, em 02 de maio de 2006).

RE: apenas um sonho, apenas uma fase
"I have a dream" (eu tenho um sonho), disse Martin Luther King....

e assim o mundo ouviu transformações possíveis, e as fez reais.
Fer.

(Diário coletivo Ventovida, em 02 de maio de 2006).

FPE – Fundação de Proteção Especial do Rio Grande do Sul. Tem por função executar "*medidas protetivas*" ou "*de proteção*" aplicáveis, segundo o ECA (BRASIL, 1990), a crianças e adolescentes cujos direitos reconhecidos pelo Estatuto "forem ameaçados ou violados".

Exemplos de casos para aplicação desse tipo de medida são a omissão dos pais, responsável, sociedade e/ou Estado e a observação de maus tratos dos mesmos em relação à criança. A renda da família abaixo do nível de pobreza por vezes serve de argumento para aplicação desse tipo de medida, embora o próprio Estatuto não permita: segundo o Artigo 23 do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), "a falta ou carência de recursos materiais não constitui motivo suficiente para a perda ou a suspensão do pátrio poder". No entanto, no contato com adolescentes e também conforme relatos de colegas que trabalham na rede pública, é sabido que há um grande número de encaminhamentos de filhos de catadores de papel da capital gaúcha e arredores para estabelecimentos de abrigagem sob alegação de falta de condições financeiras dos pais para criarem as suas crianças.

Para os jovens ou crianças "em perigo" as medidas denominadas "protetivas" muito pouco têm a ver com proteção enquanto acolhimento. Têm, isso sim, muito mais com um processo de institucionalização que os torna expressivamente dependentes – e, com isso, tiram muito da força de suas tentativas de autoria e liberdade em suas vidas. Há de se perguntar: a proteção é de quem? Dos jovens cujos direitos fundamentais foram violados ou da sociedade, que por crianças pobres pode estar sendo ameaçada devido a uma periculosidade virtual daqueles que podem vir a ser criminosos?

A FPE também é "filha" da abolida FEBEM e, tal qual sua irmã (ou será prima?) FASE, assiduamente é associada à velha instituição dos vastos pavilhões apinhados de "menores". Muitas vezes, a figura do "menor abandonado" inspira ações assistencialistas. Entendemos essa atitude como despolitizadora e despotencializadora, processos concomitantes de extrair o que há de força de vida em jovens taxados como

vítimas vulneráveis. O estigma segue sendo o mesmo para aqueles que estão sob tutela do governo, seja via FASE, PEMSE (programa que executa medidas socioeducativas em meio aberto, descrito logo adiante nessa legenda) ou FPE. Tais quais os filhos de escravos e ex-escravos no começo da República, vistos, à época (e como não dizer: até hoje[10]!), como potencialmente perigosos, são até agora ditos *menores infratores* ou *menores abandonados* (COIMBRA & NASCIMENTO, 2003). E, muitas vezes, são forçados a se identificarem pela instituição a que estão vinculados, como crachás que se olvidaram de pendurar no peito. Identidades ingratas, incômodas, reducionistas, constrangedoras para quem emana potenciais formas de existência à flor da pele à flor da idade.

A experiência do Programa Abrindo Caminhos, que envolve adolescentes em situação de medida socioeducativa e/ou de proteção, nos coloca diante de intricados acontecimentos que fazem pensar a respeito disso: como lidam com isso aqueles que nesses estabelecimentos estão? Qual o sentido dessas siglas para eles?

ISPAE – Internação Sem Possibilidade de Atividade Externa. Medida gerida pela FASE que consiste na permanência do jovem que a cumpre na instituição fechada sem poder sair para qualquer tipo de atividade externa (como escola, trabalho, lazer, atendimento médico, etc). Pressupõe que tais atividades sejam oferecidas dentro da unidade de internação.

ICPAE – Internação Com Possibilidade de Atividade Externa. Medida gerida pela FASE que consiste na permanência do jovem que a cumpre na instituição fechada por um turno do dia, permitindo saída do mesmo para fazer outra atividade no turno invertido desde que cumpra os horários de saída e chegada à unidade de internação. Em alguns casos, conforme avaliação da equipe técnica da unidade, o jovem pode passar os finais de semana em casa, seguindo também horários de saída e de chegada à FASE pela mesma estabelecidos.

> **Assunto: diário de quinta (continuação)**
> Segue a conversa: relatos de coisas que aconteceram nas casas, todos falando, a Florence começa a perguntar o que é LA, ISPAE...[...]Quando a Florence pergunta o que é ICPAE pra Atena, ela diz que o Hefesto tá cumprindo isso. Pergunto "o que é ICPAE, Hefesto?" E duma vez só ele "ICPAE é uma merda!"
> (Diário coletivo Mais_vida, em 26 de novembro de 2005)

[10] Se não são mais filhos de escravos, já que escravidão não há – supõe-se – , são filhos de negros, pobres, que por sua vez eram filhos ou netos de escravos...

.no âmbito municipal:

FASC – Fundação de Assistência Social e Cidadania da Prefeitura de Porto Alegre.

PEMSE – Programa de Execução de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto. Pertence à FASC e executa medias socioeducativas sem "privação de liberdade", expressão usada para designar instituições fechadas. Executa, nesse caso, as LAs e as PSCs. É claro que podemos perguntar se não estar em privação de liberdade implica necessariamente em estar livre...

L.A. – Liberdade Assistida. Medida socioeducativa administrada pelo PEMSE que consiste em manter atendimentos com uma freqüência que gradativamente diminui, conforme o caso, a jovens que, segundo entendimento do juiz, tenham cometido atos infracionais considerados leves – e aí não adianta tentarmos delinear mais especificamente o que isso significa, pois há entendimentos muito variados de juízes no país para esse critério de infração "leve"[11]. Os atendimentos são feitos por uma equipe técnica conforme a região de Porto Alegre onde o jovem habita.

P.S.C. – Prestação de Serviços à Comunidade. Medida socioeducativa gerida pelo PEMSE aplicável a jovens cujo ato infracional atribuído à sua autoria tenha sido considerado bastante leve. Consiste em alocar esses jovens em estabelecimentos públicos para desempenhar atividades que contribuam para a comunidade, sem qualquer remuneração, durante um período e horários determinados. Exemplos são: jardinagem no hospital psiquiátrico, serviço de recepção em postos de saúde.

.noutro âmbito (ou num não-âmbito):

Psicologia – O leitor provavelmente está se perguntando o que tal palavra está fazendo aqui, se isto é uma legenda para siglas. Mas será que sabemos mesmo o que é

[11] Um filme interessante que ilustra o cotidiano de uma sala de audiências da II Vara Regional da Infância, da Juventude e do Idoso do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro é o documentário de Maria Augusta Ramos (2007), "Juízo". Nele, são visíveis (e problematizáveis!) as relações entre juiz, jovem acusado de ato infracional e outros operadores da justiça não apenas no momento da audiência, mas também após a aplicação de medidas socioeducativas.

psicologia? (Há quem diga: ela "é um intervalo no meu cérebro[12]"). Em que âmbito ela está? Poderíamos dizer que está em todos esses supracitados e também em nenhum deles. Acontece que há mais de uma psicologia. E ela não está grudada a um estabelecimento. Caso entendamos que, mais do que um corpo único, se trata de conjuntos de discursos e práticas, podemos então deduzir: estamos falando de *modos de intervir* em psicologia. Ou ainda: *práticas psi*. Por isso não se localizam necessariamente em lugares determinados, e sim os atravessam, aparecendo como produtoras e efeitos de outras práticas. "Não há coisas: só existem práticas", nos diz o arqueólogo e historiador Paul Veyne (1982, p. 154). Arnaldo Antunes (2006) faz uma interferência aqui para abrir nossos poros a esse modo de pensar que não é o das "coisas em si". Reproduzo no papel o mais próximo possível do que encontro em seu livro, "Como é que chama o nome disso", já que a forma tem importância no poema:

coisa em si
não existe

tudo tende
pende
depende

o mar que molha
a ilha molha
o continente

o ar que se
respira traz
o que recende

coisa em si
não existe

tudo é rente
tangente
inerente

pedra
assemelha
semente

sol nascente:
sol poente

coisa em si
não existe

[12] Fala de um professor do Programa Integrado de Profissionalização Gráfica e Marcenaria (PIPGM), realizado na Companhia Rio-Grandense de Artes Gráficas (CORAG), no período de 1999 a 2002. Retirada do texto "O Entre-lugares da Psicologia" (UFRGS, 2002).

mesmo que
aparente

coisa em si
coisa só

parida do seu
próprio pó

sem sombra
sobre
a parede

sem mar
gem
ou afluente

não existe
coisa assim

isenta
sem ambiente

não há coração
sem mente

paraíso
sem serpente

coisa em si
inexiste

só existe
o que se
sente

Tomemos esse exemplo: teorias psicológicas classificam alguns comportamentos de crianças e adolescentes como incorretos e indesejáveis, assim como postulam que aqueles que vivem em famílias muito diferentes de um determinado modelo podem vir a desenvolver problemas ditos psicológicos, inclusive os tais comportamentos indesejáveis. São subjetividades ameaçadoras a outro grupo de pessoas, estas consideradas normais. Isso fornece justificativa para a intervenção do Estado – que cria mecanismos, que constrói grandes edificações e institucionaliza as vidas dessas crianças e jovens na tentativa de consertar os desajustes que causam ou mesmo que possam causar os supostos prejuízos àquele outro grupo. Ora, Michel Foucault já chamou atenção para esse tipo de controle de virtualidades, que nada mais é do que uma ação "sobre as possibilidades de ação dos outros indivíduos" (1995b, p.

244). Nesses mesmos estabelecimentos, teremos mais uma vez os saberes e as práticas *psi* avaliando, prevenindo e corrigindo modos de ser e estar no mundo. No entanto, não tenhamos tanta certeza acerca de um único ponto de partida: o mesmo Foucault (1995a) em seu "História da Loucura" nos mostrará que é mesmo na prática excludente da institucionalização (enquanto isolamento de corpos em estabelecimentos fechados ou semi-fechados) que reside a condição de possibilidade da criação e do fortalecimento de teorias sobre tais existências consideradas anormais. Uma vez isoladas (em manicômios, prisões, orfanatos), estas últimas são meticulosamente estudadas e analisadas, no intuito de criar e sustentar saberes que, completando um ciclo de retroalimentação, embasarão a separação entre joio e trigo, mal e bem, bandidos e mocinhos, desviantes e normais de forma cada vez mais especializada e legitimada. Atentemos para esse movimento: práticas que geram saberes que geram práticas... mutuamente (VEYNE, 1982).

Essas do exemplo são faces da famosa psicologia "resolve-pepino", que tanto recebe e com tanto gosto acolhe demandas para resolução de abacaxis, batatas-quentes, qüiproquós, situações-problema. Uma psicologia – o leitor já deve ter percebido – atrelada à *moral* (FUGANTI, 2008), visto que empenhada em seguir padrões, julgar, prescrever, adaptar, ajustar, apaziguar, pacificar, harmonizar, conciliar, consertar, corrigir aquilo que incomoda, desassossega, destoa, desorganiza, revoluciona, revolta(-se), utilizando-se para tanto de vias igualmente normatizadas e artifícios devidamente legitimados. Ela já não está restrita a uma linha, a uma corrente teórica: diversos autores, através de sortidos conceitos e aparelhos metodológicos, investem nessa direção. Tampouco se resume a livros técnicos, à fala e à ação de psicólogos: espraia-se no que se diz sobre ela, no que se espera dela, no que se sente frente a ela. É a mais conhecida, mais repetida e, portanto, fabricante do senso-comum (ou fabricada pelo mesmo?). Sabe-se que é a mais conhecida simplesmente porque ela nos chega através dos mesmos meios pelos quais ela se tornou celebridade: está na fala da profissional que dá seu parecer na polêmica reportagem do jornal televisivo da noite de domingo da Rede Globo[13]; está em conversas de elevador ("Soube que você é psicóloga, não é? Eu

[13] Na noite de domingo do dia 19 de março de 2006, foi lançado o documentário "Falcão – Meninos do tráfico", produzido pelo cantor de rap MV Bill e pelo produtor musical Celso Athayde, no programa "Fantástico", da Rede Globo. No programa, além de trechos do filme – que discorre sobre a participação de crianças e adolescentes no tráfico de drogas em vários estados do Brasil – foram exibidas entrevistas com especialistas, entre eles psicólogos, que relacionaram o envolvimento com o crime à ausência da figura paterna nas vidas desses indivíduos. Em diversas outras ocasiões, psicólogos compareceram e

estou com um problema, sabe...”); está em piadas de mesa de bar (“Cuidado com o que diz, ele é psicólogo!”); está em cantadas (“Você está me analisando agora?”); está em expressões das mais populares (“Freud explica!”). E, bem, clichês à parte, um sem-número de profissionais constantemente é capturado nessa mesma lógica ortopédica, reproduzindo-a[14]. Todos nós, aliás, somos cotidianamente fisgados por tal maneira de pensar e agir, visto que se trata do prolongamento de um *modus operandi* (e *vivendi*) que reina no mundo atual, conforme veremos mais adiante. Já podemos dizer desse tipo de práticas *psi* que é uma idéia de psicologia que se cristalizou. Tornou-se psicologia enquanto disciplina, objeto, psicologia enquanto *coisa*, como já vimos que é o que diria Paul Veyne (1982). Acostumou-se com o que se tornou.

Ora, tratemos de desacostumar a psicologia enquanto saber coeso. Vamos torcê-la, pervertê-la, tal qual o poeta pantaneiro Manoel de Barros faz com as palavras em suas poesias:

> Há quem receite a palavra ao ponto de osso, de oco;
> ao ponto de ninguém e de nuvem.
> Sou mais a palavra com febre, decaída, fodida, na sarjeta.
> Sou mais a palavra ao ponto de entulho.
> Amo arrastar algumas no caco de vidro, envergá-las pro chão, corrompê-las
> Até que padeçam de mim e me sujem de branco.
> Sonho exercer com elas o ofício de criado:
> usá-las como quem usa brincos (BARROS, 2002, p. 19).

Mais do que brincar com a palavra “psicologia”, este é um convite a que a coloquemos em análise. “Análise”, uma palavra que pode incorporar significados diferentes: tem tanto o sentido de *exame* quanto o sentido de *quebra* (LOURAU, 1993). Ao examinarmos, quebramos a palavra “psicologia”. Estamos empregando aqui o trabalho foucaultiano de descoisificar, desconstruir, desnaturalizar a psicologia como objeto, tal qual anunciamos que faríamos, pois há mais de uma psicologia. Essa operação é prenhe de psicologias sempre inacabadas, momentâneas, locais. Melhor dizer novamente: há *práticas psi*, isso sim. Lançar esse olhar que privilegia menos a questão do o quê e do porquê e mais a questão do *como* nos faz enxergar a possibilidade de outras práticas para além das que conhecemos (FOUCAULT, 1995b). Práticas que se abram e se refaçam, rigorosamente fiéis ao que se passa na ocasião da intervenção.

---

comparecem à mídia para conceder suas opiniões de peritos da subjetividade acerca de temas extremamente noticiados, como o da violência ou da possibilidade dela acontecer.

[14] É importante ressalvar que a psicologia é apenas uma parte de um programa muito maior que compreende uma rede complexa de saberes a serviço da governamentalidade de vidas. Sobre isso discorreremos mais adiante, na porção desse trabalho subentitulada “Desinventar”.

E o sentido de rigor aqui é outro que não o rigor científico comprometido com prescrições metodológicas e regras teóricas. Não confundamos rigor com rigidez! Dizer "práticas abertas e inacabadas" pode dar a impressão de que sejam soltas e sem critério, o que definitivamente não é o caso. Referimo-nos a um rigor ético-estético-político, pois está atrelado ao acompanhamento dos modos como subjetividades são produzidas em determinado espaço-tempo. Rigor *ético* porque comprometido não com normas, mas sim com princípios que dizem das possibilidades de efetuação da multiplicidade inerente à vida[15]. *Estético* por estar preocupado em potencializar a criatividade existencial, já que criações singulares de sentidos e de mundos a cada momento são "*la única vía capaz de dar batalla al fascismo en todas sus dimensiones*[16]". (GUATTARI, 2009, p. 3.). *Político* porque concebe ações e mundo numa relação de imanência – e, portanto, impossível nos furtarmos à responsabilidade das práticas *psi* nesse sentido, sejam quais forem as escolhas metodológicas que façamos.

Estamos falando de modos de intervir que tomam o lugar de produção, diferente daquele de reprodução (que repetem técnicas já conhecidas). Eles também têm seu lugar no mundo, ao lado e mesmo em meio às "psicologias-nós-temos-a-solução". Na interferência dos encontros em que se envolve. Nos mesmos espaços que aquelas práticas, pode-se dizer. Em menor número, é verdade. A contragosto dos positivistas e moralistas de plantão, é bem verdade também. O leitor já intui, decerto, que há práticas *psi* menos preocupadas com a *moral* e mais preocupadas com a *ética* (FUGANTI, 2009). Detalhes sobre isso nós veremos mais adiante. Fato é que em qualquer dispositivo teremos linhas mais endurecidas e linhas mais maleáveis – umas imanentes às outras, efetuando-se conforme um determinado dispositivo permitir (DELEUZE, 1996).

Toca-nos, então, pontuar que a concepção de *dispositivo* que utilizamos é uma leitura que Gilles Deleuze (1996) faz do conceito de Michel Foucault. São planos, agenciamentos, conjuntos multilineares aos quais pertencemos e nos quais agimos. Seus vetores constituem "os objetos visíveis, as enunciações formuláveis, as forças em exercício, os sujeitos numa determinada posição" que estão em cena em determinado espaço-tempo (idem, p. 83). E "desenredar as linhas de um dispositivo, em cada caso, é construir um mapa, cartografar, percorrer terras desconhecidas" (idem, p.84).

---

[15] A vida cá aludida também não é a concepção de vida a que estamos habituados – a de vida meramente biológica. .

[16] "A única via capaz de fazer frente ao fascismo em todas as suas dimensões". Traduzido pela autora que vos escreve.

Daí nos é útil ressaltar duas naturezas de linhas: aquelas duras, de segmentação – que também podemos chamar de linhas *molares* – e as linhas de força – as quais podemos chamar de *moleculares*. Importa voltar a dizer que essas dimensões são imanentes umas às outras: "se distinguem, mas não se separam", para usar as palavras de Eduardo Passos[17].

As primeiras se referem ao que é forma, às figuras visíveis, aos enunciados, bem como às enunciações que os produziram em um determinado dispositivo. Dispositivos, desse modo, são como "máquinas de fazer ver e de fazer falar". Para Deleuze (1996, p.84):

> Cada dispositivo tem seu regime de luz, uma maneira como cai a luz, se esbate e se propaga, distribuindo o visível e o invisível, fazendo com que nasça ou desapareça o objeto que sem ela não existe. (...) Os enunciados, por sua vez, remetem para as linhas de enunciação sobre as quais se distribuem as posições diferenciais dos seus elementos. (...) Assim, uma ciência, num dado momento, ou um gênero literário, ou um estado de direito, ou um movimento social são definidos precisamente pelos regimes de enunciados a que dão origem. Não são sujeitos nem objetos, mas regimes que é necessário definir pelo visível e pelo enunciável, com as suas derivações, as suas transformações, as suas mutações. (idem, p. 84-85).

Os vetores de natureza molecular, diferentemente, dizem do que é força, do que é invisível e indizível. Estão sempre se entrecruzando e cruzando linhas de luz e de enunciação, cobrindo seus trajetos e curvaturas, efetuando ligações entre palavras e coisas. São dessa natureza as linhas de poder e as de subjetivação: ambas se tratam de forças, ainda que as de poder[18] contribuam para os movimentos de retificação, "estratificação e sedimentação" (idem, p.95), enquanto que as de subjetivação digam de linhas que superam, rompem, dobram as primeiras, efetuando fissuras, criações inéditas, devires, novos modos de ser e agir. Estas, contudo, nem sempre estarão presentes em um dispositivo. As curvas de subjetivação, para Deleuze, são o caso de

> quando uma força, em vez de entrar em relação linear com outra força, se volta para si mesma, actua sobre si mesma e afecta-se a si mesma(...). Pois também uma linha de subjectivação é um processo, uma produção de subjetividade num dispositivo: ela está por se fazer(...). É uma linha de fuga. Escapa às outras linhas, *escapa-se-lhes.* (idem, p.86-87)

[17] Essa fala foi extraída das anotações de aulas da disciplina de Clínica e Subjetividade, ministrada neste curso de mestrado da Universidade Federal Fluminense, no segundo semestre de 2007.

[18] O conceito de poder utilizado por Deleuze (1996) é aquele trabalhado por Michel Foucault ao longo de toda a sua obra. Deteremo-nos nele posteriormente.

A questão que nos interessa repousa sobre como urdir práticas *psi* inventivas – e, portanto, produtoras de novas estéticas de existência, outras maneiras de estar no mundo mais potentes, livres, alegres – em contextos cuja lógica é tão rígida – e, por conseguinte, muitas vezes reprodutora de tristes enrijecimentos nas maneiras de viver – como o da Justiça[19] e de suas solicitações e expectativas quanto à psicologia. Em nosso caso, uma Justiça que comparece tanto na Procuradoria da República quanto nos estabelecimentos que tutelam juventudes minoritárias (FASE, PEMSE e FPE) como performadora de moralizações e de hierarquizações.

A posição em que nos encontramos nessa experiência é de corda bamba, é de fio da navalha, é de equilibrista. É de estar *no meio* e *em meio* a tais embates de forças imanentes, diariamente, em várias situações no dispositivo, forças que como flechas nos cruzam a frente (e por vezes nos dão belas rasteiras):

> **Assunto: uma borboleta bate asas e do outro lado do mundo se dá um furacão**
> Por aqui [na PRRS] as coisas vão acontecendo... **os jovens vão acontecendo**: aparecendo os egressos, sumindo os atuais, "melhorando" imensamente os que antes eram motivo de reclamação (a Héstia[20] está arrancando elogios e mais elogios da sua chefe...), reclamando, os que antes estavam tranquilos (Páris anda mal-humorado), perdendo matrícula do colégio (Éolo, que foi hoje na escola tentar recuperar vaga), se chateando com chefia (Florence[21] hoje ficou emburrada com críticas de sua chefe), exibindo sorrisos e habilidades com a câmera (Páris e Héstia na oficina para operar câmera de vídeo que o Jorge nos emprestou!)... Enquanto isso, está difícil de reunir os jovens, está difícil de conseguir sala, está difícil de marcar reuniões com setores... A PR segue funcionando nas suas linhas molares, burocráticas, muitas vezes rápidas para o cumprimento de um prazo ou o fechamento de um malote, mas **lenta** (...) **para o ritmo juvenil**.
> (Diário coletivo Ventovida, em 14 de fevereiro de 2006).

[19] A Justiça aparece aqui com letra maiúscula por dizer de uma instituição que funciona sob a lógica de um Direito baseado em fatos objetivos, é produtora de ordem, organização, hierarquização e segmentarização da vida.

[20] Os codinomes dos jovens foram escolhidos a partir de uma conversa com um dos ex-participantes do Abrindo Caminhos durante a feitura dessa pesquisa, na qual perguntei que nome fictício ele gostaria de receber no trabalho. Ele respondeu "Põe nomes de anjos, de heróis e deuses gregos, nomes históricos, nomes importantes pra gente. Assim, vai pegar a atenção dos leitores, eles vão se impressionar e ninguém vai se esquecer da gente quando ler a dissertação". Acatei a sugestão... anjos, heróis? Fato é que são personagens importantes e inesquecíveis nessa história... Todos os nomes de servidores citados são também fictícios.

[21] O nome fictício dessa jovem foi retirado de uma mensagem de email recentemente me enviada por ela que continha em anexo uma apresentação de slides sobre "As heroínas anônimas da África". Essa jovem sempre se mostrou defensora dos direitos das mulheres e dos negros, tendo instigado debates e argumentações a respeito do tema no espaço do Abrindo Caminhos e do estabelecimento ao qual foi vinculada durante anos. Sua atitude firme e sua trajetória de luta – uma luta para ter onde morar, para seguir rumos diferentes dos da sua família, para estudar, para trabalhar – fazem dela, para mim, uma heroína também.

O leitor já vai notando que o Programa Abrindo Caminhos, enquanto política pública, pode ser considerado um dispositivo, com as múltiplas linhas que o atravessam e constituem. De fato, a investigação do conceito de dispositivo já vem se fazendo presente no grupo do Estação PSI há tempos:

> **Assunto: Sobre dispositivo**
> Oi, Cá. Depois de ler pela 9284723987590328570928350gésima vez o texto "O que é um dispositivo?", do Deleuze[22], me senti na obrigação de te esclarecer uma coisa, caso tu não o tenha feito ainda:
> Ele fala mil vezes em trocentas [sic] linhas, mas a divisão final que ele faz, referindo-se ao Foucault, em suas três "fases" do pensamento é:
> 1) Linhas (ou dimensões, ou curvas) de visibilidade e de enunciação. (Dimensão do saber)
> 2) Linhas de força (Correspondem ao poder)
> 3) Linhas de subjetivação ou linhas de fuga (o que o Foucault chama de subjetivação, mesmo.)
> Não precisa dizer que elas estão juntas, né?
> Então, esta última é a dobra, pro Deleuze[23]. Lembra que falamos disso no grupo [de supervisão]? Então os programas [de trabalho educativo] (ou o encontro das instituições com o Estação PSI) têm linhas de saber e de poder que podemos perceber quando nos convocam àqueles lugares tecnicistas, etc.(saber) e quando coisas são feitas ou não em nome da hierarquia (poder). Mas, no entanto, contudo, porém, não obstante, existem essas linhas de subjetivação que estão sempre se fazendo, seja no trabalho dos servidores com os jovens, seja no diário coletivo, nos grupos, nas reuniões... acredito que a cada vez que se pára para pensar sobre, que se sai da verticalidade, das linhas duras... o devir se dá. Ou seja, quando se sai do lugar-comum - exemplos: de trabalho (servidor) ou da transgressão (jovem) ou da avaliação psicológica (equipe de psicologia) - estamos todos nos olhando e nos transformando, e então é que a dobra (criação de novos territórios de existência) se dá.
> (Correspondência eletrônica com membro do grupo Estação PSI, em 13 de novembro de 2006. Observações entre colchetes feitas por mim.)

Deleuze (1996) faz mesmo esse jogo com o leitor a respeito do número de linhas presentes em um dispositivo, ora dizendo que são três, quatro, ora afirmando serem duas as suas curvas – e não é só no texto referido que o arguto pensador brinca com os vetores em questão[24]. Isso porque o objetivo é exatamente mostrar que não importa o quanto nos detenhamos no fator descritivo de *o que é* um dispositivo (aliás, é perfeitamente imaginável que Deleuze estivesse rindo sarcasticamente quando deu título

[22] Em Deleuze (1996).
[23] Ver também Deleuze (2005).
[24] Também no texto "Políticas", do livro "Diálogos", com Claire Parnet, é montado um vai-vem de afirmações sobre as linhas de que está falando. Para saber mais, consultar Deleuze e Parnet (2004).

ao seu texto; tal qual o faria, quiçá, Foucault com seus sorrisos perigosos[25] e zombateiros...). Mais relevante é o caráter de movimentação e incessante engendramento de realidade referentes a *como ele funciona* e quais efeitos tece.

Nesse sentido, o exercício e a experimentação de uma psicologia que opere linhas de "actualização e criatividade" (DELEUZE, 1996, p. 95), no grupo de extensão Estação PSI, começa em seu próprio nome: Estudo e Ação em Políticas de Subjetivar e Inventar[26]. Curvamo-nos sobre nós, voltamo-nos para nós mesmos afim de cartografar que linhas de fuga são possíveis de se traçar e de fato se traçam nos dispositivos que atuamos, bem como os momentos de impasse e captura em vetores de cristalização e de exercício de poder.

> **Assunto: relato do seminário pós-estágio**
> ...quem sabe esse lugar que não existe, e por isso mesmo tem de ser inventado... esse nem dentro nem fora, mas na borda, no entre, no que há de paradoxal. Talvez seja por isso que pros servidores da Regional seja tão complicado... isso mexe com certezas e objetividades, essa tendência inexorável de DEFINIR um lugar e a fixidez da hierarquia reproduzida nisso...
> (Diário coletivo Birutar, em 15 de novembro de 2007)

Ora, já sabemos: se fazemos parte de dispositivos e neles agimos, tais linhas só podem ser cartografadas, visibilizadas, acompanhadas pelo fato de existirem exclusivamente encarnadas em nossas ações e nas relações que estabelecem:

> **Assunto: a reunião de (indi)gestão**
> Acreditamos nos efeitos de um trabalho assim, como dispositivo de análise de todas as linhas que confluem (psi, jovem, trabalho, políticas publicas, infração, hierarquias, poderes, etc). Queremos tensionar mesmo, evidenciar essas acomodações que nos tomam a todos, esse distanciamento do mundo de carne e osso que costuma ocorrer em vários organismos públicos (e privados).
> (Diário coletivo Ventovida, em 02 de março de 2007).

Para esse texto, a atuação que nos interessa é a de equipe de psicologia no Abrindo Caminhos – programa que, ele mesmo, só acontece graças aos convênios feitos *entre* PRRS-UFRGS-FASE-FPE-PEMSE (o leitor pode dar uma olhada na legenda, eu o espero aqui). Estamos de volta, pois, à questão do não-lugar da equipe *psi* (ou, quem sabe, mais do que um não-lugar, estaríamos habitando muitos?). Uma psicologia

[25] Deleuze descreve Foucault como o conjunto das sensações que no encontro com ele se passa, e fala de seus "risos e sorrisos que se sentem como 'perigosos' no exacto momento em que se experencia a ternura". Também Albuquerque (2006) escreve sobre o bom humor de Foucault e sua incidência no modo de escrever a História.

[26] Até hoje problematizamos esse nome, eventualmente: Estudo já não é ação? Subjetivações não são sempre invenções? Ações, e estudos, também não são sempre políticos, já que não neutros?

habitando alianças. Apesar desse grupo atuar em outros *entres* além desse (tendo assessorado outros programas de trabalho educativo e de profissionalização, bem como realizado atividades de formação, sensibilização e organização de seminários, etc.) tampouco poderíamos determinar o lugar-referência dessa psicologia como o da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (mesmo que com ela haja vínculo institucional): esse fazer *psi* não existe fora das relações com aquelas instituições.

> **Assunto: nós e a gestão dos projetos**
> lendo o porjeto e atualizando me dei conta de uma questão central: no projeto há uma certa ambiguidade quanto ao nosso lugar: as vezes somos assessoria da gestão, outras somos parte dela . Pode parecer detalhe, mas isso tem tudo a ver com o lugar que queremos ou não daqui para frente. Para pensar.
>
> **RE: nós e a gestão dos projetos**
> Falamos algumas vezes já dessa ambiguidade, porque realmente por momentos ocupamos um lugar e por momentos outro. Acho que no início entramos plenamente no lugar de integrantes da equipe [de gestão do Abrindo Caminhos], pois conhecíamos mais do trabalho e havia muitas coisas a serem feitas em conjunto, além de serem pensadas coletivamente. Mas a pergunta é interessante porque remete ao nosso desejo: O QUE QUEREMOS? Assessoria ao projeto, ou meter mão na massa totalmente? [...]
> Enfim, acho que o sentimento deve circular também para os servidores, etc, sempre estivemos em um não lugar totalmente inventado e, se como diz MV BILL, se trata de ocupar espaços, que espaço ocupamos e queremos ocupar??
> (Diário coletivo Ventovida, em 15 de agosto de 2006)

Eduardo Passos e Regina Benevides (2001) se utilizam da expressão "u-topos" para se referirem a esse lugar de nem dentro, nem fora de uma prática clínica, referindo-se também a uma outra temporalidade. A clínica, assim, se faz utópica e intempestiva:

> Se a clínica não está aqui, nem está lá, é porque ela se localiza em um espaço a ser construído. Nesse sentido, podemos dizer que ela habita uma utopia, uma vez que é pela afirmação do não-lugar (*u-topos*) que ela se compromete com os processos de produção da subjetividade. Assim é que ela também não pode ser uma ação do presente ou do passado. Sua intervenção se dá num tempo intempestivo, extemporâneo, impulsionado pelo que rompe as cadeias do hábito para constituição de novas formas de existência. (idem, p. 90).

Apropriamo-nos do conceito de clínica, aqui, enquanto aquilo que diz de uma prática que acompanha os movimentos de produção de subjetividade[27] seja aonde for, e

[27] Para saber mais sobre esse conceito de produção de subjetividade, veja GUATTARI & ROLNIK, 2005, o capítulo "Subjetividade e História".

não mais uma noção de clínica como a prática de um psicólogo em um consultório fechado, consoante com os autores em questão. Passos e Benevides bebem, como nós, de fontes-autores como Deleuze, Guattari e Foucault – que, como já vimos e ainda veremos nesse trabalho, concebem mundo e subjetividade em constante produção mútua. Por isso falamos em clínica sem medo de estarmos "invadindo" uma área que "não nos diz respeito" (se considerarmos, por exemplo, que a linha de pesquisa à qual estamos atrelados nesse Programa de Pós-Graduação não é a que recebe o nome de "Subjetividade e clínica", e sim "Subjetividade, Política e Exclusão Social"). O modo de pensar que nos é interessante nos leva, justamente, a dissolver tais fronteiras e, por isso mesmo, junto com esses autores, diremos *clínica política*, já que não desatrelável desse "social". No Programa Abrindo Caminhos, pois, podemos dizer que fazemos clínica; uma clínica cuja política e efeitos-subjetividade (para a própria psicologia) buscamos perseguir nesse estudo.

Falávamos de não lugar: nem mesmo burocraticamente esses *habitats* ficam estáveis: os psicólogos em formação do Estação PSI que estagiam no Abrindo Caminhos usualmente têm um primeiro ano de vínculo formal apenas com a UFRGS, como bolsista de extensão; já o segundo ano de estágio se dá em contrato de estágio direto com a PRRS. Mas isso também varia...

Ainda que por vezes seja mencionada como "a psicologia", ao longo desse texto, por ser de fato a única equipe de psicologia no projeto, há circunstâncias em que é vista (e por nós mesmos reproduzida) como a expressão absoluta de uma disciplina universalizada. O leitor notará que muitas vezes a expressão refere-se a alguém da equipe do grupo Estação PSI, numa tentativa não de atribuir ao indivíduo um estatuto de representante desse saber, mas justamente ao contrário: para desindividualizar as intervenções. Isto porque, ainda que a singularidade de cada estudante de psicologia obviamente marque seu percurso e as intervenções que realiza, dispomos de ferramentas metodológicas que pretendem coletivizar as implicações, as análises produzidas no trabalho, o planejamento das ações, as avaliações de seus efeitos e encaminhamentos.

O mesmo princípio de desindividualização vale para quando nos referimos a técnicos e servidores: diversas vezes destacaremos falas que inspiram, talvez, caras feias e indignação naqueles que repudiam conservadorismo, assistencialismo e o dogma penalizante; no entanto, sabemos que as pessoas que trabalham com esses jovens não são as vilãs de uma história idealizada. Tomá-las como culpadas seria "jogar água no moinho" da lógica punitiva e culpabilizante neoliberal em que estamos inseridos

(GUATTARI & ROLNIK, 2005). Somos, isso sim, frequentemente fisgados por tais vetores que dizem do poder sobre a vida, e se jogamos luz sobre uma ou outra situação e/ou enunciado é apenas para chamar a atenção para o quanto nos damos conta (ou não) dessas capturas – e aí sim, a partir de então somos responsáveis quanto ao que fazer com isso...

Seguindo a direção da despersonalização, "a psicologia" do Estação PSI no Abrindo Caminhos passa a ser apenas um nome de acesso mais simples para o que de fato é um coletivo disforme, que ganha e perde integrantes e nuances à medida que alunos se graduam, graduados retornam e a professora coordenadora se transforma, ainda que permaneça como coordenadora.

Um grupo, destarte, em incessante rearranjo. Uma psicologia, portanto, sempre por se inventar.

Dários Coletivos – Mais uma vez o leitor se vê confuso com um termo que não é uma sigla, no entanto está citado em uma legenda. Essa é uma ferramenta metodológica fundamental para esta pesquisa e para o grupo Estação PSI. Na tentativa de dar vazão e duração a (quase!) todas as vozes e afetos que encontramos pelo caminho, criamos um grupo virtual através do qual seus integrantes (professora coordenadora, graduandos em psicologia, bolsistas e pesquisadores) trocam e-mails em forma de *diários de campo*. Ao escrever um diário de campo, segundo o referencial da Análise Institucional, um pesquisador tem a oportunidade de se relacionar de outra forma com a sua pesquisa, permitindo o "conhecimento da vivência cotidiana de campo (não o 'como fazer' das **normas**, mas o 'como foi feito' da prática)" (LOURAU, 1993, p. 77). Isto porque, no diário de campo, o intelectual relata o dia-a-dia da feitura de sua investigação sem preocupações e censuras geralmente presentes em textos acadêmicos a serem publicados, que se transformam facilmente em assépticas leituras de resultados finais (idem, ibidem). A feitura do diário de campo compreende os embaraços, as dificuldades, os afetos, julgamentos e sensações daquele que pesquisa, rechaçando a noção de neutralidade. Acolhe os mais variados atravessamentos como material de pesquisa, como parte importante da mesma. Por estarem forjados a muitas mãos, de *Diários coletivos* lhes batizamos – e talvez Hess & Weigand (2006) também assim os chamassem.

Indo mais além, Gislei Lazzarotto (2009, p. 75) nos mostra

como a ferramenta lista de discussão se acopla ao agenciamento de formação em psicologia e passa a compor um *diário coletivo* no contágio com uma abordagem conceitual e metodológica: um movimento da lista para um *diário coletivo*, para um modo de escrever, para a composição de uma pragmática de uma língua menor na formação em psicologia.

É que esses diários coletivos são mais do que relatos, narrativas, descrições de um cotidiano de uma pesquisa-intervenção (conceito que mais à frente será desenvolvido). Em nossos diários, o *dedilhar* de escritas (LAZZAROTTO, 2009) de uns interfere no dos outros, na medida em que, com o recurso tecnológico do formato de emails, podemos editar, sublinhar, apagar, colorir, meter-nos no meio da escrita de outra pessoa que faz parte do grupo. E, mais do que a interferência na forma, engendram-se pensamento, análises, encaminhamentos, estratégias de intervenções no campo que traduzem práticas *psi* inventivas, inacabadas, perecíveis, cartógrafas – posto que atentas à movimentação constante da realidade.

A escrita faz-se no calor da experimentação, ainda com as sensações vividas nas intervenções recentes pulsando no corpo. Antes, a escrita do diário é em si experimentação: experimentamos também conceitos, ensaiamos e erramos, gaguejamos, colocamos os conceitos "para dançar", ainda que alguns tropecem, ainda que nós mesmos pisemos em seus pés... É que a escrita do diário coletivo se faz também, se não despreocupada (seria mesmo injusto adjetivá-la assim!), pelo menos *preocupada em menor grau* com preciosismos de linguagem e com a exatidão de "acerto" no uso de conceitos, por não ser o texto final, acadêmico, a ser publicado e avaliado. É lugar de ensejar e aprender; somos psicólogos em formação – mesmo aqueles que já possuem diplomas e títulos...

Assunto: as quartas e os conceitos
O conceito nos movimenta e cria territórios para tensionar a intervenção com certa tranqüilidade sobre o que fazemos.
E nesse processo também está a lista [diário coletivo], seu uso, sua produção de sentido de formas diferentes para cada uma-um de nós. Para mim ela é também a teoria se construindo. Mais potente quando consigo trazer leituras de autores e ir para nossos registros de outros tempos, cartografando caminhos de processos por aqui escritos.
Talvez, Mateus e Julia, possam abrir espaço para esse tempo no estágio. Algo como "Tenho uma reunião com a psico agora" mesmo não sendo quarta-feira [dia de supervisão]: ir para os diários da lista; ou textos; ou seu próprio diário e pensar sobre o que acontece, enfim parar! A Julia afirmou que está em formação, em um estágio, o Mateus ficou silencioso e já comentou que tem se esforçado para escrever. Então vamos assumir esse lugar de formação que

> queremos manter sempre em nosso trabalho, antes e depois da formatura: uma psicologia em formação.
> (Diário coletivo Ventovida, em 09 de março de 2007).

Insurge, assim, segundo Lazzarotto (2009), uma escrita própria que corresponde a uma *língua menor* na formação-prática em psicologia no paradoxo com o "não saber o que fazer". Língua que tensiona, desvia e provoca variações numa língua maior de constantes, uma vez que nos fazemos estrangeiros na própria psicologia que constitui nossa prática[28].

Cadernetas – Além dos Diários Coletivos, mantemos individualmente, os integrantes do Estação PSI, cadernetas portáteis a qualquer canto, onde deitamos a anotar (e desenhar) o que quer que nos faça pensar em relação ao projeto. Relatos, idéias, lembretes, anotações. *Diários de campo* (esses sim!), assim os chamaria Lourau (1993).

Faz parte deste estudo percorrer os diários supracitados (sejam os coletivos, sejam as cadernetas) empregando meu olho-do-visível e meu *corpo vibrátil* na busca pelos relatos, sensações e pensamentos carregados da afetação vivenciada na intervenção com os jovens do Abrindo Caminhos que colocam as práticas *psi* em análise. Vejamos como isso acontece...

O conceito de *corpo vibrátil*, cunhado por Suely Rolnik (2006), diz de um corpo que temos que é tocado pelo invisível, capaz de conectar-se com o plano do sensível. Só ele pode perceber uma dimensão de intensidades e uma agitação de afetos não acessível a olho nu (ou ao olho-do-visível) – intensidades sem forma ou expressão, "estado intensivo da potência de afetar e ser afetado" (p. 39). Dimensão nada transcendental nem idealizada, o corpo vibrátil simplesmente acessa uma camada de realidade sempre presente, mas que por nós muitas vezes é negligenciada em detrimento do que é tangível e visível. O emprego (ou ativação) desse outro corpo se faz útil – e por que não dizer... *necessário*! – quando o que queremos é rastrear justamente o que se coloca para nós como importante nessa pesquisa: processos micropolíticos, isto é, que dizem respeito ao modo como (de)compomos nossas práticas e como se dão as suas relações com o mundo e com a produção de subjetividade.

---

[28] Para uma leitura bastante interessante sobre os diários coletivos no Projeto de Extensão Estação PSI e suas relações com a formação em psicologia, a extensão acadêmica, a pedagogia, a filosofia e o ensino à distância, veja a tese de doutorado de Gislei Lazzarotto, "Pragmática de uma Língua Menor na Formação em Psicologia: um diário coletivo e políticas juvenis" (2009).

De certa forma é fazer uma cartografia de uma cartografia (toda cartografia já não o é?), uma vez que, além da escrita desses diários já ser cartógrafa, revisitar esses escritos é deixar que as marcas que os escreveram se atualizem, produzindo ainda novos sentidos no presente. E fazemos isto segundo o critério, repito, da afetação (ROLNIK, 1993). As situações que comparecem nesse texto são os principais *analisadores* das questões trabalhadas nessa investigação. E o que seria um analisador? Conceito formulado por Felix Guattari, diz do que coloca em análise (catalisa fluxos, produz rupturas) diversas instituições – aqui entendidas como avatares que organizam nossas vidas, e não como meros estabelecimentos – de forma a fazerem visíveis os tensões de força em determinado espaço-tempo (BARROS, 2007). Nosso olho, então, deixa-se afetar por acontecimentos analisadores das práticas *psi* de nossa equipe, acompanhando quais processos são colocados em cena.

O leitor notará (e já apareceram trechos de diários anteriormente) que os diários coletivos estão escritos com outra fonte. Trata-se do tipo de letra com que os emails são escritos. Por sua vez, as transcrições de cadernetas aparecerão com a fonte diferenciada em *itálico*, remetendo á escrita a mão. Deve ter notado, ainda, que os trechos de diários estão encabeçados por seus títulos-assunto, como o fazemos no momento de escrever uma mensagem eletrônica. Tais títulos aparecem em negrito, no início da citação do diário, e quando se ler "**RE:"** é a indicação de que o trecho de diário que segue é resposta a outro email.

Os diários dialogam com algumas notícias veiculadas em mídias como jornais e sites, e a intenção é impregnar o texto da dissertação com a força de uma experiência singular, irrepetível, aberta. Falei em diálogo? É também no contágio com correspondências, conversas, orientações, leituras, aulas, amizades, encontros e tantos disparos que essa obra se põe em pé. Escrita coletiva, montagem, trabalho em bando:

> O que há de positivo num bando, em princípio, é que cada um trata daquilo que lhe diz respeito ao mesmo tempo que encontra os outros, cada um recolhe a sua parte dos despojos, e um devir é esboçado, um bloco põe-se em movimento, já sem pertencer a ninguém, mas "entre" todos, como um barquinho solto por crianças e perdido, que outros roubam. (DELEUZE & PARNET, 2004. p.20).

*

O leitor tem sua legenda cartográfica em mãos. Agora, como não podia deixar de ser, queremos que parta conosco, fazendo bando, performando juntos um itinerário que busca ventos para essas velas içadas do nosso barco.

.Compartir

O que conta num caminho, o que conta numa linha, é sempre o meio, não o princípio nem o fim. Está-se sempre no meio de um caminho, no meio de alguma coisa.

Gilles Deleuze e Claire Parnet

:é de marear

Mar aberto
Mar adentro
Mar imenso
Mar intenso
Sem cais
'Tou com medo
'Tou com medo
'Tou com medo
'Tou com medo de ver
Que 'inda posso
Que 'inda posso
Que 'inda posso
Ir bem mais

Caetano Veloso

Para cada percurso, um mapa. Para cada viagem, uns itens acomodados em uma valise. Tanto o traçado do itinerário quanto os utensílios a tiracolo não estão, de antemão, em posse desta viajante que aqui quer, de modo singular, contar sobre uma jornada. Isso, no entanto, não faz dela uma caroneira sem rumo. Sem destino certo – isto é certo dizer –, mas pelo simples fato de não fixar o local de chegada, e precisamente assim deixar que as intempéries temperem a experimentação do terreno, se assim o exigirem. Não se trata de falta de meta, e sim da possibilidade de criação de mais de uma meta, coletivamente, no tempo do *durante* ao invés de no tempo do *a priori*. "São as marcas que escrevem", diria sabiamente Suely Rolnik (1993), e cabe à caminhante deixar que elas, as marcas[29], abram e desviem caminhos. O mapa-escrita de quem assim pesquisa faz-se no movimento desta aventura: aventura-cartografia.

O leitor nesse momento é convidado a partir com. Partir junto é compartir de como nossa problemática de pesquisa se delineou outrora e como se reedita no ato de pesquisar. Mas já partimos, já estamos andando desde... difícil dizer desde quando. Essa investigação já começou antes dessas páginas, antes de ser dissertação de mestrado. E o que se pretende, mais do que chegar a conclusões, é desfrutar – e afirmar – do processo – já que seu suposto "objeto" é precisamente a prática, a maneira pela qual se faz (pesquisa e intervenção *psi*). Compartir de uma maneira de viajar, experimentar junto

[29] A autora entende por *marca* "estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos vivendo. Cada um destes estados constitui uma diferença que instaura uma abertura para a criação de um novo corpo, o que significa que as marcas são sempre gênese de um devir" (1993, p. 242).

uma atmosfera, um clima, um jeito de caminhar, uma atitude de escrita que começa pelo meio:

> Nunca fazer raiz, nem plantar, se bem que seja difícil não recair nos velhos procedimentos. "As coisas que me vêm ao espírito se apresentam não por sua raiz, mas por um ponto qualquer situado em seu meio. Tentem então retê-las, tentem então reter um pedaço de erva que começa a crescer somente no meio da haste e manter-se ao lado"[30]. Por que é tão difícil? É desde logo uma questão de semiótica perceptiva. Não é fácil perceber as coisas pelo meio, e não de cima para baixo, da esquerda para a direita ou inversamente: tentem e verão que tudo muda. Não é fácil ver a erva nas coisas e nas palavras (DELEUZE & GUATTARI, 2000, p. 33-34).

Partimos do meio porque partimos de relações. Imanência. Ações sobre ações. Estamos sempre em cruzamentos: poder e resistência, teoria e prática, práticas resolve-pepino e práticas inventivas, controle e cuidado, psicologia e juventude. Não há nada de dicotômico aí: são pares que co-habitam espaços-tempos; pelo menos se alternam. Não queremos partir de um *ou* de outro. Entendido está que não foi assim que aconteceu:

> *Indo para a praia (Atlântida).*
> *O que "tá mal"? Tá mal não A PSICOLOGIA, nem OS GURIS. O que tá mal é UMA RELAÇÃO que se engendra entre eles, nós, ao longo da hist[oria. É preciso RECRIAR essa relação a cada encontro. Como? Sabendo que ela não é a única nem verdadeira; despindo-nos da postura de intervenções perscritas, dispondo-nos à INVENÇÃO na prática, colocando-nos EM MEIO a essa relação, ou ao menos prestando muito mais atenção ao que se passa aí.*
> (Caderneta Diferença, em 19 de janeiro de 2009).
>
> *Voltando de Angra.*
> *Pensando em uma sequência ou lógica para a escrita da minha pesquisa, dou-me conta de como é difícil fazê-lo na escrita: teoria e prática co-emergem, na medida em que vivo e sinto o que vou lendo e a leitura e a escrita teóricas não deixam de ser descoberta, novidade. A pesquisa sendo feita como os passos que se dá: não há distinção clara de quando termina um passo e começa outro (como diz a Cris* [Knijnik, colega de mestrado]*. Tampouco se pode contar uma história de forma cronológica na qual primeiro eu tenha me deparado com práticas psi engessadas/resolve-pepino (incidência de linhas de poder sobre a vida) para depois ter encontrado práticas psi inventivas. Nem mesmo é o caso de ter inventado práticas psi "a partir" de uma realidade reprodutora da psicologia-controle. Muito menos vice-versa.* ***As forças estiveram sempre ali entrecruzadas****, em uma* ***tensão fecunda*** *(Rolnik[31]), em um jogo, uma incitando a outra, condicionadas ao agenciamento em voga.*
> (Caderneta Diferença, em 26 de abril de 2009).

[30] "Kafka, Journal, Grasset, p. 4". Esta nota de rodapé é a original do texto de Deleuze e Guattari (2000) e corresponde à seguinte referência bibliográfica: KAFKA, Franz. *Journal Intime*. Paris: Éditions Bernard Grasset, 1950.
[31] Refiro-me a Rolnik, 2006.

Falamos em cartografia por ela afirmar o que fazemos em ato nesse estudo. Por performar um partir sempre do meio. O traçar do traço, o caminhar do caminho, o ondular da onda, o movimento em si. A cartografia define-se muito mais por uma *operação* do que por um substantivo – ou uma *coisa*. Doravante, diz de uma *ética*; um *modo de* (pensar, pesquisar, intervir... viver). Abordada por Gilles Deleuze e Félix Guattari (2000) pela primeira vez nos seus "Mil Platôs", ela aparece como um gesto que acompanha derrames e estancamentos de *rizoma* e *árvore* – formas roubadas da Biologia para dizer do hibridismo e conectividade do mundo justapostos pelas estruturas que os esquadrinham.

Mundo, pois. Cabe assinalar que esses autores o concebem como um emaranhado de formas e de forças, coexistência de *plano de organização* e *plano de imanência* (DELEUZE & GUATTARI, 2005a). Com isso, estão dizendo – e não sós: Foucault também nos mostra ao longo de toda a sua obra como a realidade é sempre produto de contingências – que o mundo não é composto de elementos fechados em si, meramente intercomunicantes ou encadeados; nem mesmo estão dizendo que se trata de pura intensidade contínua (o que remeteria ao caos completo). Estão, isso sim, afirmando o caráter variável de um mesmo plano em que tudo é engendrado e desmanchado incessantemente a partir dos cruzamentos entre fluxos e contornos. Notemos as ondas: não basta dizer que são feitas de água – matéria tangível que lhes dá forma. Elas não existem enquanto tais sem o que as torna singulares a cada instante: as ondulações – movimentos apenas possíveis de acompanhar se sentidos com o corpo no nado, no balançar de um barco, no surfar em uma prancha. Uma onda nunca se repetirá. É nesse sentido que o que parece sempre ter sido assim, um dia não foi. Nem para sempre será.

É dessa concepção que partimos aqui, não só por ser fundamental para entendermos a cartografia, mas também por traduzir de forma precisa a tendência contemporânea: vivemos uma atualidade neoliberal cada vez mais rizomática, que captura ardilosamente as mutações do desejo para usá-lo em prol do capital (ROLNIK, 2006). Em outras palavras, fazemos parte de um conjunto de códigos cuja estratégia não mais exclui o destoante nem o ato criativo, como em idos tempos de algumas instituições estáveis e de uma constante e eficaz aproximação de existências-padrão. Ao contrário, ele agora opera por inclusão: incorpora o caráter flexível da subjetividade e sua inerente pujança como mais um contribuinte do seu funcionamento, de modo a

aumentar a oferta e o consumo de identidades pré-fabricadas agora transformadas em mercadorias a serem consumidas[32].

Nada parece escapar. Temos aí um polvo, um papa-tudo, um megalomaníaco. O marginal agora é *in*, desde que dentro das leis de mercado; a criatividade agora é competência, desde que mire os valores da empresa; o maior capital agora se chama *talento* ou *tendência*[33] (e não *força de trabalho*), e consiste em valor a ser agregado à corporação sob pena desta perder a competitividade caso mantenha-se conservadora em demasia. Nossa força de criação agora é incitada e festejada nessa sagaz manobra neoliberal que Suely Rolnik atribui ao "capitalismo cognitivo", já que é sempre a ele – o capital – que esse *modus operandi* se refere (2006, p. 18). Força vital, pois, *cafetinada*, posto que sedutoramente objetalizada por um arranjo que dela pretende abusar (e de fato abusa) para assim empanturrar os bolsos de quem interessa (idem, ibidem) [34].

Para driblar o seu apetite, talvez a tática consista em sermos tão glutões quanto esse estranho personagem. Mas havemos de nos munir de outra ética, numa direção oposta à do engorde do capital e sua triste dieta da governamentalidade. Sejamos ávidos por expansão de vida.

Por isso optamos pela cartografia. Termo tomado de empréstimo da Geografia, ela é descrita pela dupla de autores franceses referida anteriormente como o exercício de desenhar mapas em territórios desconhecidos (aqueles subjetivos, psicossociais se incluem aqui) – sem que, faça-se atenção, o próprio cartógrafo fique de fora deles (DELEUZE & GUATTARI, 2000). É, pois, acompanhar os movimentos do mundo sabendo-nos parte deles. Algo bem diferente de tomarmos o mundo como dado e

---

[32] Não nos é interessante nem muito menos estratégico apresentar aqui os manjados e clássicos modos de compreender o mundo que recusamos. As concepções dialéticas e identitárias simplesmente não cabem aqui e é apenas por esse motivo que não forçaremos o leitor (desculpem-nos os mais acostumados a academicismos e à lógica linear) a usar seu tempo em longas páginas a respeito do que *não* faz sentido para esse trabalho.

[33] Observamos que essa nomenclatura bastante atual é utilizada por diversas agências de marketing em pesquisas de mercado para identificar o que está se tornando objeto de desejo de consumo. Essa modalidade de pesquisa – "de tendência" ou "*cool hunting*" – vem se mostrando um verdadeiro *hit* entre as empresas que querem justamente se apropriar de um conceito ou idéia de produto que ainda não existe, mas que está em formação no imaginário de seus consumidores em potencial, para que assim possam ser os primeiros a lançar tal produto. Podemos dizer sem medo que se trata de uma arrojada técnica de captura da formação do desejo para convertê-lo em mercadoria (ROLNIK, 2005 e GUATTARI & ROLNIK, 2005). Não por acaso, as agências que oferecem tal serviço têm ganhado prêmios e, é claro, muito dinheiro...

[34] Para uma leitura bastante atual e elucidativa a respeito do funcionamento do neoliberalismo e da produção de subjetividade em seu seio, recomendo ao leitor o "Prefácio à nova edição", em Rolnik (2006), bem como o capítulo "Subjetividade e História", em Guattari e Rolnik (2005). Para uma perspectiva mais sócio-histórica, ver "Ordem Mundial" e "Produção Biopolítica" em Hardt & Negri (2004).

imutável, objeto passível de conhecimento e interpretação desde que segundo critérios de neutralidade e racionalidade. Algo que não se faz, portanto, como uma fotografia de uma paisagem e sua subseqüente codificação em legendas universais. É de, estando no mar, marear: incorporar em si o balanço incerto da água salgada em diálogo com o vento e a sensação vertiginosa de estar nesse nosso imenso oceano-mundo sempre em vias de desmanche-e-feitura.

Para esgarçar o sentido da *carta* ou *mapa* como ferramenta, Deleuze e Guattari investem no que definem como um encontro com a multiplicidade do mundo. Importa poder dispor-se à afetação mútua e conseqüente construção de novos relevos – o que se opõe à assepsia de restringir-se à reprodução de uma imagem congelada, própria da operação do *decalque*:

> A orquídea não reproduz o decalque da vespa, ela compõe um mapa com a vespa no seio de um rizoma. [...] O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. [...] Ele faz parte do rizoma. O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação. (DELEUZE & GUATTARI, 2000, p.23)

Já podemos intuir algo: cartografar implica em um quê de invenção e um quê de abertura para encontros, como esse da vespa com a orquídea. Anunciam-se aqui, também, aspectos dessa escrita aberta e despreocupada em ganhar *status* de verdade absoluta.

Há, sobretudo, algo no funcionamento cartográfico que merece ser destacado. Algo que é singular e irrefutável: é "inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real" (idem, ibidem:23). Em outras palavras, não basta mirar a vista impressa em cartões postais; o convite aqui é que se viaje junto.

Talvez tenha sido justamente por isso que por muito tempo irritei-me com os escritos e discursos sobre cartografia – que, diga-se de passagem, não são numerosos. Irritação não só minha, mas também de muitos outros que se aventuram em saber mais sobre o conceito de cartografia. Parece-me que a dificuldade está em nosso costumeiro gosto (sem dúvida, adquirido e legitimado durante séculos de pensamento ocidental) por maneiras de produzir conhecimento – e de ensinar – fortemente fundamentadas na separação de teoria e prática, segundo as quais devemos primeiro "aprender a técnica" para depois "aplicá-la". Teimamos, assim, em entender a cartografia como mais uma

receita de bolo metodológica, sem muitas vezes perceber o quão agarrados ao método científico ainda estamos ao demandarmos que nos ensinem tecnologias prontas. E, para entender a cartografia, isso não é cabível. Dou-me conta de que irritava-me por simplesmente ainda não saber como ela encarnaria um modo de intervir enquanto não estivesse, eu própria, em meio a uma experimentação.

Acontece que Deleuze (e, sem dúvida, podemos pensar em outros autores que também o fazem) não escreve da forma, digamos, clássica e didática que se utiliza de metáforas – às quais estamos acostumados a recorrer tanto quando damos explicações quanto quando as pedimos. Um de seus comentadores, François Zourabichvili, escreve a respeito do filósofo francês e a questão da literalidade, enfatizando sua insistência sobre uma compreensão *ao pé da letra*:

> O próprio Deleuze nunca se deteve para estudar a questão da literalidade. Esta questão aflora incessantemente, tanto em suas aulas quanto em seus livros, é objeto de alguns desenvolvimentos, embora nunca seja verdadeiramente discutida. Nem por isso ela é menos decisiva, tanto para compreender Deleuze quanto para continuar fazendo filosofia hoje. Ao contrário, ela constitui uma via de acesso privilegiado a Deleuze, situando-se nas antípodas do tipo de abordagem confortável, que consiste em compreender e, talvez, reutilizar os conceitos de Deleuze a partir de um campo de compreensão ou de interpretação que lhe é exterior (muitos leitores de Deleuze têm, assim, a impressão de vê-lo movimentar-se, mas eles próprios parecem continuar parados, mesmo quando gesticulam).
> Talvez seja necessário levar a sério a expressão "fazer filosofia". O enunciado filosófico não é separável de um *fazer*, e este fazer é o desvio, o deslizamento, o deslocamento de perspectiva geral, que constitui a originalidade de um filósofo, e que não pára de repetir-se ao longo de sua obra, de modo a dar-lhe cada vez mais consistência. (2005, p. 1311)

Sem a pretensão de ser filósofa (ou quem sabe convém dividir a responsabilidade com quem compõe a singularidade dessa escrita coletiva e ousar pretendê-lo!) é inegável a impregnação dessa escrevedura pela filosofia de Deleuze e seus intercessores. É que já embarcamos e convidamos a embarcar em uma mudança de prática da linguagem...

Palavras de alguns autores como os franceses Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari e aqueles oriundos da Análise Institucional, bem como as do alemão Friederich Nietzsche (com suas marteladas...) de fato portam consigo uma batida de revolução e, mais do que "ensinar", fazem reverberar em nós um incômodo. Não só as deles, topei com palavras de pensadores brasileiros aliados à mania de incomodar: Cecília Coimbra, Heliana Conde, Eduardo Passos, Regina Benevides, Cristina Rauter,

Edson Passetti, Suely Rolnik – são os primeiros nomes brazucas que encontrei assinados em textos, no mínimo, indigestos. É como se algo sem nome irrompesse nosso corpo e por certo tempo permanecesse ali, feito um intruso que não quer nos deixar em paz. Inquietação emergida na leitura de termos estranhos, de uma língua desconhecida que nos invoca a estudá-la...

> **RE: contágios em Niterói**
> Aproveito pra dizer que minhas leituras, que estão em fase inicial (bóio nuns diálogos de vocês, Gislei e Dani!) serão reforçadas por um grupo de estudos que se chama "Cartografias Esquizoanalíticas", espaço onde estarei trocando/aprendendo bastante, acredito - e tem tudo a ver com o estágio. Vamos ler Regina Benevides e Rosane Neves, inclusive... Espero poder trazer pra cá o que surgir lá... Vou estar sendo uma intercessora?
>
> Beijos
> Alice
>
> **RE: contágios em Niterói**
> Alice, bom te ler por aqui!!!!!
> Fica tranquila que as leituras e entendimentos desses autores loucos que estudamos vai ocorrendo por contágio mesmo, tem uma hora que o corpo se acopla na viagem deles e segue o movimento!
> Com certeza esse grupo de estudos será muito bom!! [...] Sim, intercessora acho que todos somos de alguma forma, mesmo sem perceber... porque sempre há efeitos de nossos encontros pela vida, não? A coisa é saber com quais coisas queremos conectar, que tipo de intercessora ser, e aí, pra mim, vem a necessidade das teorias, conceitos, autores, pra roubar deles o máximo possível!
>
> Beijos
> Fer

(Diário coletivo Mais_Vida, em 07 de abril de 2005)

Ora, essa sensação de inquietude não é ela mesma um sinal de que algo absolutamente novo (in)surge? Não seria isso o prelúdio para um pensamento?

Concordo com Deleuze (1987), que dirá que só pensamos se formos forçados a tanto. O pensamento, neste sentido, não é um ato voluntário de determinado sujeito – como postulou Descartes – , e sim uma força que o acomete de forma a desencadear um processo de desestabilização, de interferência inevitavelmente problematizadora de uma organização... e conseqüentemente criadora de algo novo. O pensamento, pois, passa a ser acontecimento: algo pensa em mim. “Um perfume vermelho me pensou”, disse Manoel de Barros alguma vez (2004, p.69).

Em “Hermenêutica do Sujeito”, Foucault (2006) chama de “momento cartesiano” (com muitas aspas, como ele próprio faz questão de afirmar), a circunstância da história da verdade na qual se localizaria uma passagem do predomínio do “cuidado

de si” para o “saber de si”, este último desqualificando o primeiro. O “conhece-te a ti mesmo”, associado assim à filosofia moderna, torna-se condição fundamental para o acesso à verdade, posto que a existência própria do sujeito como ponto de partida inalterado é o imperativo cartesiano. O saber, a partir daí, não modifica mais quem o opera nem aos outros; não é mais necessário se transformar para saber, como o era num momento anterior. O espaço aberto pelo “cuidado de si” sofre um golpe e é ocupado pelo “conhece-te a ti mesmo”: todas as técnicas, a partir daí, reorganizam-se em torno desse imperativo. É preciso, para conhecer-se a si mesmo, “desligar-se das sensações que nos iludem, [...] estabelecer a alma em uma fixidez imóvel que a desvincula de todos os acontecimentos exteriores” (idem, ibidem, p.86). O saber, pois, é tido como reto. E perde seu perfume: fica inodoro. “Inodoras epistemofilias” é mesmo a expressão usada por Heliana Conde para lamentar que “na academia ainda se difundam (e sejam placidamente acatados) discursos que se apóiam em evidências apodíticas (...) em auto-divinizantes neutralidades” (RODRIGUES, 2008).

Então não é de se estranhar que a leitura desses autores estremeça-nos tanto. Ela abala as estruturas useiras de uma tradição de pensamento ocidental de longa data. Ela devolve cheiros e cores ao pensamento, privilegiando – e não tendo medo de anunciá-lo – uma contaminação com o que para alguns seriam impurezas elimináveis. Convoca-nos ao acolhimento do que é desencadeado como desvio, erro, transformação do que conhece e do que é conhecido (por isso também foi inevitável falarmos aqui de cuidado de si, abordado mais adiante). Arnaldo Antunes, como outros poetas – já falamos de Manoel de Barros... – retoma o que há pouco dizíamos sobre o pensamento, aliados a Gilles Deleuze (1987): ele nos acomete.

> Pensamento vem de fora
> e pensa que vem de dentro,
> pensamento que expectora
> o que no meu peito penso.
> Pensamento a mil por hora,
> tormento a todo momento.
> Por que é que eu penso agora
> sem o meu consentimento?
> (ANTUNES, 2006, p. 66)

*

Certa feita, em fins de 2004, vi-me em um misto de estranhamento e curiosidade. Em uma escolha crucial numa dessas esquinas acadêmicas da graduação em psicologia, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, poderia optar por um ano de Estágio em Psicologia Escolar e mais um ano de Estágio em Psicologia do Trabalho, ou então dois anos em um mesmo local de estágio em Psicologia Social. Pesquisei as opções, mas nada me arrebatou. Vi então cartazes nas paredes da UFRGS que diziam "Estágio em Psicologia Social, com dois anos de duração, em um Projeto de Extensão. É preciso que o aluno tenha interesse pelo trabalho com jovens em conflito com a lei e querer estudar autores da Análise Institucional e da Esquizoanálise. Trabalho em ambiente do poder judiciário. Possibilidade de bolsa". Entre tantos caminhos especializados e especializantes, próprios da capilarização do saber-fazer-Psicologia – capilarização esta efeito da divisão capitalista do trabalho (COIMBRA & LEITÃO, 2003) – aqueles cartazes sugeriam um punhado de mistério.

Empurrada pelo comichão inconveniente dos livros que desbravava e por amigos companheiros de coceiras, escolhi fazer contato com o Projeto de Extensão. Empurrada também por tantos outros disparos: a experiência nômade de ter estado recentemente dois anos fora do Brasil e a radical abertura ao novo, ao inesperado, à condição clandestina e ilegal abarcada nisso; os rearranjos dos sentidos que a psicologia tomava para mim desde meu retorno, havia um ano, à terrinha de Porto Alegre; o pulular de afetos que se apresentavam em uma época de (re)encontros cheios de potência.

Nuances minúsculos, enormes, longínquos e fresquinhos de toda uma vida que vinha sendo vivida até então pareciam colaborar mais ou menos diretamente com esse empurrão. A conectividade do mundo, enfim, sentida no corpo. O barco foi lançado ao mar.

:sem cais

Não sou eu quem me navega,
quem me navega é o mar

Paulinho da Viola

Não havia ponto de partida mais oportuno para se embarcar em uma viagem: entrei para o grupo de extensão Estação PSI, vinculado ao Departamento de Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da UFRGS. Esse grupo, como o leitor já viu em nossa útil legenda, é composto por uma professora coordenadora – Gislei Domingas Romanzini Lazzarotto –, por estudantes da Faculdade de Psicologia da UFRGS e por psicólogos pesquisadores, como eu.

Estação como ponto de partida? Qual o quê. Como quem pega o bonde na corrida, fui compelida a experimentar: correr! Lambuzar o corpo como uma criança que brinca com tinta. Pedalar a bicicleta sem as rodinhas. Navegar ao sabor do mar. Molhar-me na chuva, pois guarda-chuva não há – nem guarda-sol que nos proteja da luz brusca do caos. Caos com o qual se entra em contato não para nele se perder, mas sim para dele pegar emprestadas armas contra cômodas e enrijecidas opiniões prontas. Deleuze e Guattari (2005b) comparam a função da opinião – assim como a do senso comum – à de um guarda sol que criamos para nos proteger do contato doloroso e angustiante com o céu-caos. Ao invés de evitarmos a relação com este, os autores nos sugerem que mergulhemos nele: "Só o venceremos a este preço." (p. 260). Fazendo referência a "um texto violentamente poético" de Lawrence, aproximam cientista e filósofo daquilo que o artista – através da poesia – faz:

> Os homens não deixam de fabricar um guarda-sol que os abriga, por baixo do qual traçam um firmamento e escrevem suas convenções, suas opiniões; mas o poeta, o artista abre uma fenda no guarda-sol, rasga até o firmamento, para fazer passar um pouco do caos livre e tempestuoso e enquadrar uma luz brusca, uma visão que aparece através da fenda (idem, p.261).

Só então, nessa *experiência*, uma outra ética fez sentido para mim – não apenas para os tempos de estagiária e, mais tarde, como psicóloga, mas para minha existência em suas incontáveis possibilidades de efetuação. E se falo em "fazer sentido", é no plano mais literal da expressão. Afinal, cartografar é precisamente isso: manufaturar sentidos (ROLNIK, 1989).

Em princípios de 2003, esse grupo começara a acompanhar projetos de *Trabalho Educativo*, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente[35], em organizações públicas federais da esfera do poder judiciário. O desejo de construir um projeto assim surgiu, ao final de 2002, de um servidor público da Procuradoria da República no Rio Grande do Sul (ou PRRS, órgão da primeira instância do Ministério Público Federal). Ele era também um dos fundadores do Comitê da Cidadania[36] - onde o movimento para isso se consolidou de forma mais coletiva. Inspirado por uma ação similar na Justiça Federal (JF) que desenvolvia um trabalho com jovens autores de ato infracional internos da Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul (FASE), imediatamente ganhou eco e apoio da sua instituição. É interessante apontar que o trabalho na Justiça Federal, por sua vez, havia se inspirado em outro Programa assessorado pela equipe de psicologia da UFRGS[37], na Companhia Rio-Grandense de Artes Gráficas – a CORAG (BOCCO, 2005). Tratava-se agora da demanda para assessoria a um projeto social nos mesmos moldes daquele da Justiça Federal, pedido esse direcionado ao Estação PSI como equipe de psicologia, visto que a própria Procuradoria da República no RS não possuía uma equipe técnica como a da Justiça Federal. Em poucos meses, era parido o Projeto Abrindo Caminhos, no qual me inseri, em março de 2005, como estagiária de Psicologia Social.

Este projeto (hoje instituído como Programa) existe devido às parcerias de Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul (FASE), Programa de Execução de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto/Fundação de Assistência Social e Cidadania (PEMSE/FASC), Fundação de Proteção Especial do Rio Grande do Sul (FPERGS), Procuradoria da República no RS/Ministério Público Federal (PRRS/MPF) e UFRGS. Ele possibilita que jovens que cumprem as chamadas medidas socioeducativas e de proteção[38] estagiem, remunerados, na já citada modalidade

---

[35] O Trabalho Educativo está definido no artigo 68 do Estatuto da Criança e do Adolescente como "atividade laboral em que as exigências pedagógicas relativas ao desenvolvimento pessoal e social do educando prevalecem sobre o aspecto produtivo" considerando que "a remuneração que o adolescente recebe pelo trabalho efetuado ou a participação na venda dos produtos de seu trabalho não desfigura o caráter educativo." (BRASIL, 1990).

[36] Grupo de servidores da Procuradoria da República no RS envolvido em ações contra a desigualdade social. Para saber mais, ver o site do Comitê: http://www2.prrs.mpf.gov.br:8080/home/comite

[37] Tratava-se do Programa Integrado de Profissionalização Gráfica e Marcenaria (PIPGM). Para saber mais, ver Bocco, 2005.

[38] As medidas socioeducativas e de proteção estão previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), respectivamente, no título III, capítulo IV e título II. Relembremos: as medidas socioeducativas são aplicáveis à criança ou adolescente que tenha praticado ato infracional; as medidas de proteção, por sua vez, aplicam-se sobre crianças ou adolescentes cujos direitos reconhecidos no ECA sejam violados.

Trabalho Educativo em diversos setores da PRRS. A passagem de *projeto* para a condição de *programa* diz de como linhas molares, linhas duras que perpassam esse dispositivo (DELEUZE, 1996) são estrategicamente necessárias para que o Abrindo Caminhos seja assegurado para além de uma gestão de um procurados-chefe. É a composição de relações com um plano de organização e seus segmentos que possibilita que a embarcação enfrente o mar aberto, pois pode ficar submetida a uma iniciativa pessoal, individualizada, de quem está na hierarquia. O dispositivo opera linhas segmentares e de força que afetam, que insistem, que não têm uma natureza "boa" ou ruim por serem linhas duras ou moleculares. Lembremos: importa mais *como* o dispositivo funciona.

> **RE: convênio, estagnação e autoria**
> Estagnação???? olhem, talvez seja a perspectiva que as ondas do mar dão por aqui, mas eu só vejo movimento!!!!!
> Vamos lá pro velho método, estou escrevendo em verde!![...]
>
> >From: "Gislei Lazzarotto" < gislei@portoweb.com.br>
> >Reply-To: Mais_vida@yahoogroups.com
> >To: Mais_vida@yahoogroups.com
> >Subject: [Mais_vida] convênio, estagnação e autoria
> >Date: Thu, 12 May 2005
> >19:36:11 -0300
> >
> >Hoje se deu a formalização do convênio Estação PSI/PRRS!! Estranho pois já estamos lá há quase TRES anos e agora assinamos toda a formalidade. A repórter perguntou o que mudaria com a assinatura?? Sempre achei que já tínhamos feito isto!! hehe pra mostrar como as "ilegalidades" produzem e muito!!
> > Interessante mesmo é que no convênio eu coloquei a formação da rede e o acompanhamento de egressos , como ações (isto foi em outubro de 2004). Hoje estamos assinando e tudo isso está em andamento. A rede era algo do âmbito da discussão da PR com FASE e um pouco o Pemse. A intervenção já estava em curso, fomos fazendo elos, produzindo rizoma e aí está, um ano de programação conjunta das instituições. É sempre bom ver como a formalização serve pra dar uma formatada nas coisas, mas que na verdade elas já vêm ocorrendo!!! As conexões, a impossibilidade de controle sobre o que se produz já que tratamos de multiplicidade, as bifurcações , os impasses, os bloqueios e as invenções e.....
> (Diário coletivo Mais_vida, em 13 de maio de 2005).

Dito de forma bastante objetiva, o processo ocorre da seguinte forma: primeiramente, as vagas para jovens estagiários existentes na PRRS são divulgadas às equipes técnicas das políticas executoras das medidas, a saber: FASE e PEMSE/FASC para socioeducativas, FPE para protetivas. Em seguida, tais equipes indicam alguns jovens para o programa, encaminhando para a equipe de psicologia do Abrindo Caminhos (constituída, por sua vez, de estagiários em psicologia da UFRGS, através do

Estação PSI) fichas que trazem algumas informações dos jovens indicados[39]. Indicações feitas segundo critérios internos das instituições bastante variados e problematizados a cada seleção. Por vezes, a indicação é para favorecer um(a) jovem que vem se "comportando bem" no estabelecimento, segundo a equipe técnica local, funcionando como uma espécie de recompensa. Por outras, é devido a uma certa dificuldade de tal equipe em lidar com o(a) jovem, e assim por diante. A análise desse processo em curso é enunciada nas seleções no programa.

A equipe de psicologia e os servidores dos setores que receberão os jovens realizam uma seleção, juntos. Esta varia conforme o setor, o seu momento, o momento pelo qual o programa está passando e geralmente envolve ainda uma etapa da qual os jovens que já estagiam na casa participam. A Procuradoria (PRRS), assim, recebe esses adolescentes como local de estágio por um ano, em média, em cinco de seus setores. A UFRGS, através do Estação PSI, opera a linha do saber *psi* e de extensão acadêmica em práticas no Abrindo Caminhos como equipe de psicologia, estando presente não só nas seleções, mas também em reuniões com os setores, acompanhando jovens e servidores, em oficinas, em processos de desligamento dos jovens e na rede de que o Abrindo Caminhos faz parte. A gestão é coletiva e reúne Estação PSI e equipe local da PRRS – composta por procurador-chefe, servidores dos setores envolvidos e servidores oficineiros[40].

Pois bem. Um belo programa social de caráter afirmativo – alguns diriam. Muito mais do que isso – diríamos os participantes do Abrindo Caminhos. Toma um caldo quem afoitamente presume que as estruturas aqui apresentadas asseguram estabilidade para quem navega. Ao contrário, veremos o que as especificidades desse contexto colocam em jogo.

Importa destacar que de modo algum o Abrindo Caminhos constitui cumprimento de medida, seja ela "socioeducativa" ou "protetiva". Isto é, ter de 16 a 18 anos e estar vinculado a alguma das políticas executoras das medidas mencionadas é pré-requisito, exclusivamente, para a *entrada* no estágio, mas não para a continuidade nele (tampouco o desligamento está condicionado ao rompimento com tais medidas). A própria modalidade de Trabalho Educativo, conforme o ECA (BRASIL, 1990), não está ligada à aplicação dessas medidas. Os moldes do Abrindo Caminhos foram pensados

[39] Também essa ficha é elaborada junto com os setores da PRRS, tendo em mente o que interessa saber de um candidato nesse primeiro momento.

[40] Diversas atividades itinerantes vêm sendo desenvolvidas no projeto. Uma delas é a de oficinas, que são ministradas por servidores conforme as demandas juvenis: oficina de física, idiomas, entre outras.

estrategicamente dessa forma meramente para poder articular o interesse em trabalhar com esses jovens e os meios para tanto oferecidos pelo Estatuto. Contudo, frequentemente, desavisados envolvidos – e nem tão envolvidos – nessa rede ainda confundem a execução dessas medidas com o programa em questão, na certa por haver outros projetos e iniciativas que efetivamente são uma extensão da implementação de medida. É o caso de programas de cumprimento de medidas socioeducativas em meio aberto do tipo Prestação de Serviços à Comunidade, as PSCs, geralmente relacionadas a atividades laborais.

Podemos problematizar a tensão de forças presentes aí. Não haveria, mesmo que o programa não seja propriamente aplicação de medida, uma expectativa tipicamente neoliberalista investida na oportunidade de trabalho direcionado a esse público, como uma "salvação dos excluídos" e uma "recuperação dos infratores", como se o trabalho formal fosse a "verdadeira natureza do homem" (MONTEIRO, COIMBRA & FILHO, 2006, p.8)? Essa questão surge em discussões e encontros de supervisão do Estação PSI:

> **Assunto: seminários...**
> O projeto, à priori, não é assistencialista ou não-assistencialista. É sempre algo a se fazer. Há uma pergunta constante nos setores: "Mas tu não acha que vai ser ruim pra eles [jovens] passarem por uma seleção e não serem selecionados?" É o tipo da questão que pode se transpor às não-exigências na rotina de trabalho, ou ainda, uma fala que pode conter nas entrelinhas uma idéia de que "nós, cidadãos de bem da Procuradoria, estamos dando uma chance para os vulneráveis". Quando quisermos marcar, eu loco "Quanto vale ou é por quilo?"[41] do Sérgio Bianchi.
> (Diário coletivo Ventovida, em 8 de fevereiro de 2006).
>
> **Assunto: Intelectuais e o poder: esquizar e lista e conexão de pensamentos!**
> A discussão girou muito em torno desse fazer psi e como permanecer na borda, no entre, sem assumir uma posição ou discurso totalizante, de como é difícil (e como se faz?) conciliar modos de pensar, objetivos e ética do fazer. Discutimos que "políticas afirmativas" muitas vezes funcionam com um objetivo de inclusão e um fim de igualdade ou menor discrepância (social, financeira) (...).
> Acho que o que queremos não é a estabilização, a igualdade ou uma ideologia, pois nessa direção acabamos por instituir o que não queremos, portanto o objetivo não é o fim, e sim o meio. O que se quer é afirmar, mas afirmar a diferença. É ela, dependendo do contexto (seja ele micro, macro...) aquilo que permeia nossa ética, aquilo que se faz nômade, que faz construirmos, destruirmos, reconstruirmos estratégias e intervenções, para buscar esse ponto de desvio e de produção de singularidades em seja qual for o regime de poder/dispositivo que esteja emperrando/limitando/permitindo o

[41] O filme "Quanto Vale ou é por Quilo?" (BIANCHI, 2005) é pensado pela equipe do Estação PSI como ferramenta interessante para problematizar, junto a servidores e jovens, os jogos de poder presentes em iniciativas de algumas organizações não-governamentais (mas que, paradoxalmente, de governamentais tem muito!), bem como o assistencialismo aplicado e alguns de seus efeitos.

> diferir: pode ser uma universidade, uma família, um grupo específico, um governo de esquerda ou de direita, uma Procuradoria da República ou um Projeto Social. Sempre exercitando a análise dos nossos atravessamentos nesse processo.
> (Diário Coletivo Ventovida, em 25 de abril de 2007, comentários entre colchetes meus).

Perguntemo-nos também: quais seriam os efeitos do Abrindo Caminhos sobre eventuais atenuações de medidas socioeducativas, usualmente chamadas de "progressão de medida", no meio jurídico? E para as de proteção? São questionamentos que sem dúvida permeiam constantemente o Abrindo Caminhos e entram na baila de discussões não só em supervisões da equipe *psi*, mas também em reuniões com setores, conversas de corredor, explicações ao telefone e processos de seleção. E inevitavelmente levam a outras indagações – no mínimo cabeludas – tais quais: a que serve uma medida socioeducativa ou protetiva? O que significa uma aplicabilidade eficiente delas? Qual o papel dos estabelecimentos que as aplicam? Qual o papel da chamada sociedade civil nesse contexto? Que lugar(es) tem essas medidas nas vidas dos jovens que as cumprem e que lugar(es) ocupa, por sua vez, o Abrindo Caminhos? Isso sem falar naquelas outras perguntas, indo mais adiante: qual a implicação da sociedade num momento anterior à medida? E do trabalho? E do Estado? E...? Sendo dispositivo, o programa põe para funcionar todo o tempo relações de força entre Estado e saber e modos de controle e modos de subejtivação e...

> A opção por propor ações no espaço da organização com esse público não emerge como unanimidade, mas sim como um posicionamento institucional na tensão do exercício da função pública de uma organização estatal, que, em determinado cenário, assume contribuir com uma proposta de ação específica. Ao acolher esse tipo de proposta, a organização considera a complexidade envolvida nas políticas estatais e públicas, bem como as diferentes posições presentes na organização e na sociedade no que diz respeito ao jovem que cumpre medidas. (LAZZAROTTO, 2009).

A presença de jovens transgressores das leis do Estado (autores de ato infracional) e jovens protegidos por este mesmo Estado (aqueles que estão em abrigos) em uma instituição do Ministério Público Federal (a PRRS) – emblemática figura da missão de cumprimento da lei – é a própria imagem do paradoxo. Esse é um ponto nebuloso para muitos também por um motivo curioso: "Ministério Público" é uma única expressão recorrentemente usada para designar dois órgãos diferentes. Um deles é a organização judiciária *federal* (MPF) – esta que abriga a PRRS e onde tramitam processos contra crimes constitucionais, como aqueles que ferem interesses coletivos e

difusos da população, bem como direitos de minorias (indígenas, por exemplo) e o próprio patrimônio público[42]. O outro órgão é do âmbito *estadual* (MPE) – por onde tramitam processos que, entre outros, podem prever penas e medidas individualizadas, como, por exemplo, as aplicadas sobre os adolescentes que chegam ao Abrindo Caminhos[43]. Eis porque alguns jovens em medida socioeducativa, especialmente, uma vez em seleção ou mesmo após meses de estágio no Abrindo Caminhos, questionam sua participação ali: "Mas não foram esses os caras que me botaram dentro da FASE? Não é o Ministério Público?". É novidade bizarra saber que o mesmo Estado tem tentáculos controladores (privando-lhes a liberdade) e outros, possibilitadores (oferecendo-lhes estágio), com nomes tão parecidos... Mais estranho ainda entender que o surgimento do programa onde estagiam nada tem a ver com funções previstas institucionalmente, e sim com uma algo impalpável, nada passível de carimbos nem de papéis.

Cabe aqui lembrar que em lugar algum existe a prescrição ou obrigação legal atribuída especificamente à Procuradoria da República de desenvolver uma iniciativa de Trabalho Educativo voltada para jovens[44]. A idéia de ter um projeto como o Abrindo Caminhos e sua condição de possibilidade estão em um outro registro, informal, como dito, ligado a uma dimensão intensiva. É a fluidez rizomática e afetiva do encontro que subverte a ordem de representações *a priori* imutáveis. As embarcações tornam-se mais encontro com o mar do que contorno dele, nem falamos mais de mar que faz contorno da terra firme, mas de oceano. Um outro regime de regras se cria para essas funções, regras facultativas que criam outra visibilidade para o que *podemos*: poder afetar-se, poder afetar o outro; um outro arranjo é dado para personagens e elementos que a princípio estariam em lugares inflexíveis, mas que no dispositivo Abrindo Caminhos

Temos, pois, um território que, ao mesmo tempo, é predominantemente hierarquizado; formas do poder judiciário bastante consolidadas; é dizer, linhas molares aparentemente intransponíveis. Ora, o princípio do Direito é trabalhar com os fatos. E, concomitantemente, toda uma intensidade de afetos, dúvidas, surpresas, relações e seus matizes; afinal, onde há gente há subjetividade; onde há subjetividade há incertezas. Enfim, linhas flexíveis em constante embate com as primeiras. Ondas, ondulações.

---

[42] Para saber mais sobre as funções do Ministério Público Federal, consultar o site da Procuradoria Geral da República: www2.pgr.mpf.gov.br.

[43] Para saber mais sobre as funções do Ministério Público Estadual do Rio Grande do Sul, consultar o site: http://www.mp.rs.gov.br/.

[44] O Estatuto da Criança e do Adolescente prevê que não só o governo, mas a sociedade em geral se responsabilize pelas suas crianças e adolescentes, sem nomear ou especificar executores de programas de trabalho educativo.

Discursos e estruturas instituídas permeadas por forças instituintes[45] ainda sem forma alguma, que corriqueiramente nos fazem questão:

> **Assunto: corpos decompostos**
> Hoje é a reunião misturada[46]. Estou gostando desta palavra "mistura" pois é esta a sensação que passa pelos meus sentidos. Embora sejam tão iguais servidores da PR e PRR4, a hierarquia, os prédios , os andares dão a sensação de lugares isolados, pessoas com uma zona de circulação delimitada. Aí aparece jovens da FASE, jovens da FPE, jovens da psico, reuniões com terceirizados e servidores, reuniões entre andares, prédios, professoras da UFRGS. Os corpos expandem seus limites, já não são corpos, são forças que podem circular, misturar pensamentos, sentidos, para onde vamos???
>
> **RE: corpos decompostos**
> Pois é, hoje no almoço fiz uma coisa que eu adoro, mas que não faço à toa pra não banalizar, pra manter o "especial", o divertido. Quibebe, salada de tomate com rúcula bem temperada, pasta de cenoura com alho, arroz e legumes variados ao vapor. Reguei de azeite, vinagre balsâmico. Olhei o prato, pausei, sorri e com a faca e o garfo misturei, misturei tudo, adoro! Vejo a minha mãe inconformada e explico que, com o frio junto ao quente, não quero tornar morno, quero sentir o frio junto com o quente - talvez, claro, agora menos frio e menos quente. Com o docinho junto ao azedinho, não quero um gosto homogêneo nas papilas, quero o contraste. Acho que ela entendeu. E então ontem eu participei da formação, vi as minhas colegas trabalharem, admirei; me senti uma convidada participativa. [...] Tenho gosto por sentar na frente de alguém e falar do que eu acredito, convidar, seduzir por uma idéia, escutar o que se pensa disso tudo. Foi tri bom. Melhor foi falar com a gurizada, porque ainda tô me experimentando quando a gente conversa. Que linguagem é essa aqui? Gosto. [...] Enfim, *a mi tambien me gusta el gusto de la mescla*.
>
> (Diário coletivo Ventovida, em 18 de julho de 2006).

Este novelo que Deleuze (1996) provavelmente chamaria de dispositivo, como já vimos anteriormente, coloca em movimento incessante elementos como violência e direitos humanos e modos de trabalhar e assistencialismo e moralismo e autonomia e educação e afetos e ética e política e medo e lei e universidade e clínica e...

> **Assunto: sala quinta e mergulho**
> Julia na quinta (para quem não sabe, estávamos numa entrevista dos jovens do programa abrindo caminhos com a psico) disse que se sentia num mergulho ao falar de sua participação no Estação, e o jovem Posidon disse: cuidado para não se afogar,ou olha que pode

[45] Segundo René Lourau (1993), o conceito de instituído diz do que já é conhecido, estabelecido, o *status quo*, da ordem das formas. Já o instituinte diz do que é novo, desconhecido, da ordem de forças – que por sua vez é dimensão sempre presente no que é instituído.

[46] Reunião que se daria entre a Procuradoria da República (PRRS) e a Procuradoria Regional (da 4ª Região) como uma das intervenções no processo de implantação de um programa de trabalho educativo na Regional inspirado no Abrindo Caminhos (desenvolvido na PRRS).

> se afogar (foi isso mesmo???). Senti uma vontade de dizer que quando se tinha companhia no mergulho se podia contar com o outro para experimentar. Mas de que ele falava mesmo? podemos mergulhar com os jovens? Em especial ele que sempre coloca em cheque a confiança??? Podemos mergulhar na psico?
>
> (Diário coletivo Mais_vida, em 29 de agosto de 2005).

> **RE: sala quinta e mergulho**
> Fiquei pensando nisso também... por que cuidar pra não se afogar???? haveria aí um aviso de que os mundos não se misturam impunemente??? Ou que não podem se misturar em absoluto??? que contágios tão perigosos parece que Posidon quer salientar... parece que sempre é o outro que se afoga, enquanto eles ocupam um lugar aparentemente salvo e longe dos perigos?? que medo existe nessa proposta de nadar juntos que tentamos construir!!! medo nosso, medo deles...
>
> (Diário coletivo Mais_vida, em 30 de agosto de 2005).

Já molhados nesse mar de que falamos, aparecem tais relações possíveis entre mar e timoneiro, entre quem entra na água com a gente e nós mesmos, entre jovens e psicologia... Afinal, estamos no mesmo barco?

:navegar é impreciso

Aqui nesse barco ninguém quer a sua orientação
Não temos perspectiva mas o vento nos dá direção
A vida que vai à deriva é a nossa condução
Mas não segumios à toa
Não seguimos à toa

Arnaldo Antunes

Perguntamo-nos: como a psicologia poderia se posicionar nesse oceano (ou nesse novelo, para seguir nas palavras de Deleuze), repleto de instabilidade? Nas primeiras supervisões com a coordenadora do grupo de extensão, Gislei Lazzarotto, tentei adivinhar algum padrão para nele apoiar as minhas atividades iniciais de estagiária. Mas qual foi a minha surpresa quando me dei conta de que referência era o que menos havia a meu alcance. À minha pergunta de marinheira de primeira viagem, em pleno mar aberto, “o que devo fazer, afinal?”, Gislei respondeu “vais ter de inventar.”

Uma resposta irresponsável? Não. Uma professora que saiu dos eixos? Talvez

sim, já que alguns eixos confundem-se com rígidas amarras. Gislei não me dava uma rota de navegação exata com as coordenadas todas prontas. Dava eram velas para se viajar com o vento: ferramentas para se colocar disponível ao que sopra, pegar carona com o que passa. Nas entrelinhas de sua fala estavam uma aposta e uma ética para que eu levasse a tiracolo. E de fato levei. Não sozinha: algo me dizia que o primeiro passo a ser dado era estar *junto com* os jovens do Abrindo Caminhos. Não saber como seria era, a um só tempo, o que acuava e o que instigava. É que, "preste atenção: o mar não ensina, insinua" (GESSINGER, 1993), e não via como evitar o afogamento se não fosse um trabalho coletivo. Era então possível intuir um dos princípios do cartógrafo: o de trabalhar a partir do *encontro*.

Em novembro de 2005, insegura, porém sedenta pelo porvir, convidei os jovens do Abrindo Caminhos para constituirmos um grupo semanal. A invenção a que a minha supervisora se referira – agora eu começava a entender – tinha a ver com buscar a composição de um mapa com outros, tal qual Deleuze e Guattari (2000) sugerem que a vespa faz com a orquídea. Buscar a criação de um devir:

> Devir nunca é imitar, nem fazer como, nem uma sujeição a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade. Não há um termo de que se parte, nem um ao qual se chegue ou ao qual se deva chegar. Também não há dois termos intermutáveis. A questão "o que tu devéns" é particularmente estúpida. Porque à medida que alguém devém, aquilo que devém muda tanto quanto ele próprio. [...] Uma conversa, poderia ser isso. Simplesmente o traçado de um devir. A vespa e a orquídea dão o exemplo. A orquídea parece formar uma imagem de vespa, mas de facto há um devir-vespa da orquídea, um devir-orquídea da vespa, uma dupla captura uma vez que "aquilo que" cada um devém não muda menos do que "aquele que" devém. A vespa devém parte do aparelho de reprodução da orquídea, ao mesmo tempo que a orquídea devém órgão sexual para a vespa. Um único e mesmo devir, um único bloco de devir, ou, como diz Rémy Chauvin, uma "evolução a-paralela de dois seres que não têm nada a ver um com o outro". (DELEUZE & PARNET, 2004, PP. 12-13).

Rapidamente ficou claro que cartografar, neste caso, não era tão somente seguir os processos subjetivos dos participantes do Programa (jovens em medidas protetivas, jovens em medidas socioeducativas e servidores da PRRS). Era também – e talvez seja mais complicado aceitá-lo – acolher o devir-psicologia que se efetua a cada intervenção, já que no desconhecido lidamos com nossos próprios limites:

> A Psicologia, tal como qualquer outro campo de saber/poder não explica nada. É ela mesma que deve ser explicada e isto só se dá numa relação de intercessão com outros saberes/poderes/disciplinas. É no entre os saberes que a invenção acontece, é no limite de seus poderes que os saberes têm o que contribuir para um outro mundo possível (BENEVIDES, 2005, p.23).

A dimensão do *vivido* foi colocando a pergunta: que psicologia era aquela ali que executávamos no Abrindo Caminhos? Logo percebi que havia uma diferença entre uma psicologia que acontecia (as práticas da nossa equipe) e uma psicologia que era esperada, demandada, exigida, mas também por vezes temida e idealizada no Programa (fosse por servidores da PRRS, por equipes das políticas executoras das medidas socioeducativas e de proteção, fosse pelos jovens). Isso fica explicito na fala de um servidor da PRRS, que em determinada época estava se aproximando do programa e queria entender qual era exatamente o papel da psicologia no mesmo. Mas a fala dele expressa um regime de enunciação, isto é, suas indagações não são só suas; elas dizem de falas que circulam não só na PR como na sociedade em geral. Tínhamos já uma atividade em que reuníamo-nos em um grupo semanal uma estagiária de psicologia e os jovens:

> **Assunto: reuniãozinha buena**
> Conversamos [eu e uma técnica da Fundação de Proteção Especial] sobre como há um interesse aqui de uma escuta do sujeito, e não de um assujeitamento dele. Disso eles [jovens] já estão cheios, isso eles nasceram escutando, o blábláblá do certo e errado, o que é bom pra eles ou não, e todas as outras coisas que o Charles [servidor], na sexta feira, disse que éramos nós, psicólogos que deveríamos fazer ("Botar na cabeça dessas crianças que ser doméstica é profissão digna, dizer o que é melhor pra elas, restaurá-las, recuperá-las, dar palestras sobre essas coisas" AAAAAAAAAAAA Julia precisamos escrever aqui sobre isso!!!).
> (Diário Coletivo Ventovida, em 29 de agosto de 2006).

A psicologia do Estação PSI, ao se esquivar de demandas como essa, era (e segue sendo...) inesperada, estranhada, misteriosa, eventualmente incômoda. O leitor deve se lembrar da fala de um outro servidor anteriormente narrada aqui: “a psicologia é um intervalo no meu cérebro”. Uma psicologia nada convencional, nada trivial e até um tanto suspeita... seria um navio pirata?

O que para mim parecia também obscuro e vago, começou a ficar mais nítido, no entanto não cristalino – e muito menos estanque. Era difícil explicar o que fazíamos, visto que nada era regra, nada era repetido ao pé da letra – ou, se era, sabia-se do risco de *cair por terra*. E se falamos em risco é por ele conter mais de um sentido. Para muitos a terra firme é sinônimo de desejável segurança, certeza, porto seguro, ausência de risco e perigo; para nós, é um lugar a ser evitado. Há mais interesse no risco da instabilidade do alto mar, nos perigos do abrir-se à afetação. Não queremos cair por

terra, pois há aí o risco de perder nosso sentido de intervenção, de nos repetirmos e de termos nossas práticas esvaziadas, ainda que isso fatalmente ocorra em algumas ocasiões. Queremos correr outro tipo de risco, mais potente: o da ausência de verdades incondicionais, o das possibilidades contidas nos encontros que nos levam a certezas provisórias e específicas.

Esse exercício de trafegar marginalmente se faz delicado, muitas vezes:

> **Assunto: da psicologia e da cartografia**
> Florence não quis ir [ao grupo] por estar "muito cheia de trabalho". OK... tento não psicologizar a coisa e achar que é pelo momento dela de saída do programa, mas é inevitável não pensar nisso. E talvez o seja mesmo. Na semana ela saiu do futebol, atividade que tinha sido iniciada por ela sem análise com sua chefe e a qual a chefe, por sua vez, não soubera dizer "não" por medo do que a psicologia diria. Glória [servidora] age com medo de julgamento da psicologia, coloca a voz da jovem na gente. E quando eu converso com Florence (no acompanhamento no início da semana), ela toma minha proposta de análise da relação das duas (Glória e Florence em clima tenso) como um "não" ao futebol. Pronto, ela coloca a voz da chefe na Psicologia. Eu tenho pensado muito nisso, nessa posição diferente da psicologia. Por ela não ser objetiva e definida no sentido de "tomar partido", e sim querer potencializar a construção coletiva a partir da diferença e através do encontro, muitas vezes é tomada/vista como força individual ou que se alia a alguma linha específica do agenciamento. Acho que ela (nós, psicologia!) tem, sim, estes momentos em que afirma e tem mais é que se posicionar. Mas não é uma questão de neutralidade, e sim de conexões e de não julgar. Como é difícil sair desse lugar de quem julga... isso é muito fácil das pessoas fazerem e é claro que o fazemos também, mesmo sem querer, mas a nossa ética de intervenção não é essa! Queremos ir além, pois julgamento é palavra de ordem, é simples, é opinião. Quando propomos discussão é que a coisa se complica. Fazer parada para pensar, nos dias de hoje, é subversão. É resistência à velocidade daqueles que querem produção, produção de bens, de matéria, de trabalho... Se enxergamos e apontamos produção produção produção de subjetividade, nos olham de volta e perguntam "onde? cadê a matéria? o mensurável? cadê a verdade?" e acreditam que a temos e que devemos introduzi-la na cabeça das pessoas. Quando nós estamos é tentando engendrar muitos sentidos que podem ou não trazer efeitos. Mas não depende de nós. A transformação não é introjetada, e sim sentida na pele e inventada por cada um, junto com outros (encontro), mas de forma singular.
> (Diário coletivo Ventovida, em 16 de setembro de 2006.)

Sabíamos dizer que éramos uma psicologia que queria manter-se na borda, que queria mesmo aquele algo de mistério, de indefinido. Mas seria equivocado dizer que ela era qualquer coisa, que era imprecisa e que tanto fazia ter a nossa equipe ali ou não. Algo, inevitavelmente, ela fazia! Algo *sempre se faz*, posto que nenhuma prática é

neutra ou imune ao mundo que cria e no qual é criada. Algo nela e dela se mantinha, sim, algo dela reincidia, e

> *aos poucos fui avistando que não tinha a ver com técnicas, regras, macetes, esquemas de pensamento – "se* **delinquente***, logo* **falta do pai***"; "se* **discurso vitimizado***, logo* **sedutor***"; "se* **entrada no programa***, logo* **chamar a família para conversar***"; "se* **excluídos***, logo* **inclusão pelo trabalho***"; "se* **psicólogos***, logo* **escutemos***". Com o rolar das águas, vi que tinha a ver com pistas, princípios e critérios esse algo que permanece, esse algo que dura nessa psicologia singular.*
>
> (Caderneta Diferença, sem data).

Não temos a trajetória pronta; temos um norte. Navegar faz-se, então, impreciso: não se sabe de partida onde se vai aportar, mas há precisão no bem navegar. Ainda que o horizonte esteja trêmulo, há precisão no que se inventa e experimenta a cada momento, a cada ondulação. Não temos cais, mas não seguimos à toa.

É aí que o termo *ética* nos serve. Ele diz não de método (como procedimento detalhado a ser seguido como psicólogos), mas de algo anterior: *postura*, *atitude*, *modo* (FUGANTI, 2009; ROLNIK, 2006). Modo de trabalhar indissociável de um modo de pensar indissociável de um modo de viver, já que para nós *mergulhar* é admitir que "implicado sempre se está" (BARROS, 2007, p.231), no que se refere aos diversos lugares que ocupamos em nossas vidas. Quer dizer, a certa altura já não podia mais negar que o que se passava no contexto do Abrindo Caminhos (as problematizações, as análises disparadas) se expandia para o espaço do estágio de Psicologia Clínica, para as relações com amigos, para as mesas de bar, para as caminhadas na rua, para as viagens que fazia:

> *Quando estamos imersos na experiência de cartografar, nos vêm as questões: por que não pensar a cartografia como, mais do que modo de pesquisar, também modo de intervir? Afinal, se a pesquisa é intervenção, então cartografar se desloca da produção de conhecimento a acadêmica como se ela acontecesse em uma redoma de vidro e vai para o "chão de fábrica", para aí descobrir que não há redoma de vidro. Pensar que nossos modos de existir não estão separados de uma política – isto é, pensar que fazemos o mundo e por ele também nos fazemos sujeito – é pensar que trabalhar não está separado da vida.*
>
> (Caderneta Diferença, em 18 de maio de 2009).

Ética diz daquilo que dá sentido a uma forma de existir, porque está para além de normas artificialmente restritas ao "local de trabalho". Diz do que, de alguma forma,

em nossas incessantes tentativas de responder à mesma pergunta que nos é dirigida (o que vocês fazem?) pode ser afirmado-dito porque é afirmado-praticado pelas intervenções. Trata-se de uma estratégia para podermos falar de como essa prática *psi* opera sem cair em um modelo, pois isto seria contrariar sua... ética! É uma questão política podermos responder o que essa psicologia é (e não só o que ela não é), ainda que temporariamente, para que ela não caia na vala da relatividade absoluta, do samba-do-criolo-doido, da imprecisão e conseqüente ausência de sentido. Vala tão temível quanto seu oposto: a dos sentidos dados e fechados em si.

A pergunta desdobra-se, então, em: que ética é essa? E como ela é colocada em prática? A cartografia[47] aqui é uma aposta, conceito-ferramenta para a afirmação de um fazer diferente plenamente possível no presente.

A indagação que me atingiu ao iniciar esse trabalho, todavia, foi: como escrever sobre novos modos de intervir sem me referir àqueles que se pretende extrapolar?

A resposta que encontramos está contida na pergunta: é um trabalho a ser feito nesse embate mesmo, fazendo uso do que se quer ultrapassar como um impulso para o salto acrobata[48] que se pretende. Trata-se do que Foucault afirma ser a *ontologia crítica de nós mesmos*:

> uma atitude, um êthos, uma via filosófica em que a crítica do que somos é simultaneamente análise histórica dos limites que nos são colocados e prova de sua ultrapassagem possível. [..] Implica, penso, o trabalho sobre nossos limites, ou seja, um trabalho paciente que dá forma à impaciência da liberdade. (FOUCAULT, 2003:351)

O mesmo autor nos ensina, portanto, que se pode tanto propor uma nova política ou uma nova ética a partir de uma história (ao historicizarmos, contingenciamos os limites do presente e então abrimo-nos para a possibilidade de novidades), como se pode fazer o contrário: a partir da (ou talvez seja melhor dizer *em meio à*) transgressão encarnada em experiências transformadoras que nos remetemos à história: história do passado e história do presente em devir (RODRIGUES, 2005).

---

[47] Suely Rolnik provavelmente tem, como o leitor já deve ter percebido, um dos materiais mais ricos a respeito da cartografia. É com essa autora que constatamos que a expansão de vida é o princípio do cartógrafo; princípio, por isso mesmo (e isso vai soar redundante), *extramoral* e *vital*.

[48] A expressão remete ao que René Lourau chamou de *salto mortal*, segundo ele executado pelo colega Georges Lapassade ao romper com a abordagem intimista (sob influência da psicologia) de grupos até então vigente entre os institucionalistas para chamar a atenção para uma dimensão política de atravessamento institucional em qualquer que fosse o grupo (RODRIGUES, 2008).

Heliana Conde Rodrigues, no precioso (e preciso) texto de apresentação do livro "Foucault e a Psicologia", nos convida a desencaminhar o presente *psi* com o auxílio desse filósofo – carinhosamente apelidado por ela de "careca" – e de sua

> valiosa inquietação em face do que é considerado *dado*, *coerente*, *óbvio*, *lógico*, *previsível*, *evidente*, *funcional* ou *nobremente científico*, inquirindo o quanto comporta de "empatia com os vencedores" – para usar uma expressão de Walter Benjamin que, tal como Foucault, desejava "escovar a história a contrapelo" (RODRIGUES, 2005, p.18)[49]

Ora, é uma variação disso a que Manoel de Barros nos convida em "Uma didática da invenção" quando nos sugere, ao desinventar objetos, utilizar o mesmo pente de formas tão destoantes que ele vire uma begônia:

> Desinventar objetos. O pente, por exemplo. Dar ao pente funções de não pentear. Até que ele fique à disposição de ser uma begônia. Ou uma gravanha.
>
> Usar algumas palavras que ainda não tenham idioma. (BARROS, 2004, p.11).

Subverter o uso do pente, quiçá, é um meio de escovar a história a contrapelo, se queremos nos utilizar dos acontecimentos e de seus graus de ruptura e transgressão como o que, de fato, faz história. A história do presente sempre em vias de feitura nos remete à história daquilo que se deseja transpor.

Disse Lilia Lobo, emblemática professora da UFF, em uma defesa de dissertação de cuja banca participou em princípios de 2009: "Como se faz para desfazer, desinventar algo? Como desfrito um ovo? Acho que não há como voltar no tempo nem fingir que esquecemos o que sabemos, mas o que podemos é localizar a pergunta no *uso* que se faz do que sabemos. Talvez aí possamos preparar o ovo de outras formas, inventar outras práticas!".

A inquietação valiosa citada por Rodrigues (2005) é disparada em alguns encontros no Abrindo Caminhos e aponta para as já manjadas práticas da psicologia na atualidade que modulam subjetividades juvenis para colocar nos eixos algo que está fora da ordem, fora da nova ordem mundial. Mas também esses acontecimentos fazem

[49] A referência usada por Rodrigues para a expressão de Walter Benjamin é: BENJAMIN, Walter. "Sobre o conceito de história". Em: *Obras escolhidas – magia e técnica, arte e política.* São Paulo: Brasiliense, 1994.

pensarmos em como desinventar um uso das práticas *psi* (desfritar o ovo-psi!) e, a reboque disso, inventar outras práticas até então não dadas à luz.

Como recorte necessário a ser feito em um estudo de mestrado[50], então, optei por destacar as experimentações no Abrindo Caminhos que colocam as práticas *psi* em análise, e isso inevitavelmente é falar daquelas que envolvem o público juvenil. Creio que isso já foi dito, mas algo nela mesma – questão – pede para que seja repetida (e eu bem que avisei a você, leitor, que a pergunta se reedita)... "Repetir, repetir - até ficar diferente. Repetir é um dom do estilo", nos assopra no ouvido mais uma vez nosso querido poeta de Cuiabá, Manoel de Barros (2000).

Esta escolha por um afunilamento seria uma atitude perfeitamente coerente para uma pesquisadora que quer tracejar sua questão de investigação... não contivesse ela uma falsidade em si mesma: o que aconteceu foi menos uma escolha minha em razão de uma predileção qualquer ou de algum critério de viabilidade para a realização da pesquisa. Foi e tem sido muito mais pela impossibilidade de me furtar a essa questão que a sustento. Em outras palavras, foi e tem sido pelo critério de *afetação*, daquilo que *toca a pele*, que a problematização das práticas *psi* com jovens institucionalizados e suas possibilidades de (re)inveção têm pedido passagem. Ou melhor, *exigido* passagem. Dizer "minha escolha" faz sentido apenas para designar uma postura: a da disposição à afetação do que acontece no seio do Programa Abrindo Caminhos. Postar-se na borda, na beira, disponível ao toque. Talvez tenhamos de reconhecer que somos muito mais escolhidos do que escolhemos.

O arrebatamento para estudar a in(ter)venção em psicologia, portanto, é disparado graças a algo que se passou e ainda passa *entre* nós. Encontros datados e locais. Vespa e orquídea, mais uma vez, nos acenam na estrada para lembrar que se trata de arranjo de mapas sempre coletivos.

E se falamos em lugar e tempo, é porque essas duas dimensões estão mesmo em questão nessa pesquisa, como já pudemos perceber...

> *Na minha dissertação, os encontros com os jovens colocam em análise a psicologia. Ora, o que é "colocar em análise"? Antes que mais uma vez nos esqueçamos do endereçamento dessa*

[50] O curso de mestrado está inserido em uma lógica temporal que respeita critérios de velocidade, produção e certo número de páginas que dão os limites de uma pesquisa. Isto é, há de se inserir nestas regras acadêmicas e realizar um recorte necessário a fim de não nos perdermos em uma lógica rizomática atemporalizada e infinita, se queremos construir uma "obra" com fim, que é a escrita da dissertação. As conexões subterrâneas propagadas pelas produções de sentido desta obra-rede, essas sim (oxalá!), seguirão indefinidamente, clandestinamente, sem qualquer controle nosso...

> *dissertação (como se todos os seus leitores já soubessem a língua, o sotaque utilizado), deixemos claro que colocar em análise é mais do que relativizar; é contingenciar, é eventualizar, e isso sim nos joga a três tempos simultâneos:*
> 1) *Como chegamos até aqui/o que fizemos de nós mesmos/como se fez a psicologia, a intervenção psi para ela ter essa cara hoje? (Esse seria um dos tempos, o passado).*
> 2) *Como estamos reproduzindo essa psicologia tradicional, clássica, e como não a estamos reproduzindo? Quais os efeitos da reprodução e da produção? (O que concerne ao presente).*
> 3) *Como fazer diferente? Como, então, se os efeitos da reprodução desembocam em práticas restritivas da liberdade, da vida, produzir novas práticas? Aí é que entra a invenção e a indispensável postura disposta ao encontro. Uma ética para fazer diferente, pois. Até porque formular novas regras e modelismos significaria justamente manter a repetição que não mais desejamos... (Isso não concerne propriamente ao futuro, mas a um tempo intensivo do presente, um tempo do devir, isto é, daquilo que está se fazendo, do que está sempre em experimentação, em processo.)*
>
> (Caderneta Transgressões, em 09 de setembro de 2008).

A direção que se anuncia é a de uma psicologia que será filha bastarda, no entanto não desprovida de ética, consistência e utilidade. Talvez possa seguir com seu nome de batismo – psicologia – ou talvez se desmanche em outros fonemas, em outros jeitos de pronunciá-lo. Psicologia-cartógrafa? Psicologia devir? Psicologia-resistência? Psicologia-inventiva? Psicologia-cuidado? Psicologia-ética? Psicologia-transgressora?

Interessa menos o nome que terá – *o que* é ou será. Pensemos, com Deleuze e Foucault, em *como* funcionará e, com os autores da Análise Institucional, em *para quê*.

*

Seguindo tais ondulações, acomete-me o desejo de dividir (ou melhor, multiplicar) essas experimentações com juventude. E abri-las, espraiá-las, perder-me um pouco de mim:

> Na cartografia não se busca a firmeza de um equilíbrio estático ou avanços em direção à verdade enquanto experiência de eternidade. O cartógrafo é um experimentador das perdas que o conhecimento impõe. Ele também quer perder-se, pois é o único modo de ganhar: ganhar a experiência de se rever e de manter um certo grau de desprendimento perante a pesquisa e o conhecimento produzido (KIRST, P.; GIACOMEL, A.; RIBEIRO, C., COSTA, A; ANDREOLI, G. , 2003, p. 97).

De que forma? Fazer mestrado.

O mapa do Brasil arma-se feito dobradura no virar de páginas de livros e artigos, como um convite à sua exploração. O Brasil impresso no material que leio, o Brasil como campo. Exibe-se; possibilidade de outras terras férteis para um estudo como esse. Autores e afetos que há tempos vinham cruzando a vereda que piso avolumam o ímpeto de ir mais ao norte e mais ao leste do país. As demais contingências da vida permitem que a direção Universidade Federal Fluminense seja tomada. Lá passa a ser aqui e torna-se um novo lugar para exacerbar o pensamento.

.Parar, olhar

Cuidávamos estar perto do porto, mas somos lançados em pleno mar alto.

Gilles Deleuze

O leitor nos acompanha. A bagagem desta viajante-cartógrafa contém itens simples, porém imprescindíveis, como: a bússola ética; algumas roupagens conceituais que sirvam; e, sobretudo, os diários, por serem os instrumentais metodológicos que colocam a pesquisa para funcionar. É claro, alguns personagens fazem-se presentes na jornada, seja por estarem acompanhando desde a partida, companheiros de viagem; seja por atravessarem as estradas e mares que se cruza, andarilhos-passageiros como eu. Interlocutores de diversos lugares (poetas, mestres, músicos, amigos, amores, autores, colegas) que, em um duplo movimento, compõem comigo a consistência teórica e conferem leveza ao texto.

Uma vez iniciada a andança, a cada fronteira transposta deparo-me com novas bordas – e com as transfigurações de meus próprios contornos também.

.Como andar pelo mundo (ou pelo andar como mundo)

Não preciso do fim para chegar.
Tudo que não invento é falso.
Do lugar onde estou já fui embora.

Manoel de Barros

:fazer carta

Busco – seguindo na navegação! – um sopro de vida, uma leveza de poder pesquisar dando passagem à vida. Já notamos, leitor e eu, que há pesquisa feita e registrada em diários, em Porto Alegre, e há pesquisa a ser feita como dissertação de mestrado, texto acadêmico, publicação escrita em outra cidade, sob outra condição. (Duas pesquisas? Mais de duas? Uma extensão da outra? Ou seria uma só?). Já foi dito algures de como adentrar um programa de pós-graduação implica em se relacionar com um esquema de regras, de datas, de entregas e de leis que regulam os modos de produzir conhecimento atualmente em universidades – tantas vezes num ritmo frenético... Mas o que mais há?

Como eu apostava, a UFF se fez espaço potente para exacerbar o pensamento. Para além das normas, encontrei (e não só na UFF!) aliados "contra a pressa, a produtividade, a concorrência, a previsibilidade, a especialização custe o que custar, as certezas e as imposições" (GAGNEBIN, 2008). Fui confirmando, mas também aprendendo muito sobre como

> podemos exercer, treinar, mesmo numa sala de aula, sim, pequenas táticas de solapamento, exercícios de invenção séria e alegre, exercícios de paciência, de lentidão, de gratitude, de atenção, de angústia assumida, de dúvida, enfim, exercícios de solidariedade e de resistência. (idem, ibidem)

Pois bem: estamos, mais uma vez (ou ainda...), às voltas com a cartografia. Ela, como modo de pesquisar, é resistência no contexto acadêmico brasileiro – consoante com o mundial – tão preocupado com pontuações, números, avaliações. É modo de navegar aproveitando as correntes e ventos que se apresentam, buscando outras, tal qual uma

> tempestade de escolher rotas a serem criadas, constituir uma geografia de endereços, de registros de navegação, buscar passagens... Dentro do oceano da produção de conhecimento, cartografar é desenhar, tramar movimentações em acoplamentos entre mar e navegador, compondo multiplicidades e diferenciações (idem, ibidem:92).

E como afirmaríamos um modo de intervir em psicologia que é a todo instante enlaçado pela invenção (que já ocorre no Abrindo Caminhos, antes de ingressar na UFF, como pesquisa e intervenção) senão utilizando esta mesma ética para seguir

pesquisando aqui? Não só incoerente; seria realmente impossível fazer diferente disso neste estudo.

A invenção nesse caso opera não como um apanhado aleatório de teorias e idéias como se fossem itens desconexos socados em uma mala; mas sim como a montagem singular de uma metodologia. Montagem, colagem: apropriação de conceitos e subseqüente rearranjo dos mesmos; aquisição e criação de estratégias para melhor manter a questão de pesquisa vibrando:

> *Hoje, conversando com o Danichi, ele me disse despretensiosa, mas exatamente o que é uma metodologia: é manter uma questão pulsando. É o meio que buscamos quando nos perguntamos: como manter a nossa questão viva?*
> *Para mim foi lendo os diários. É como se encontrasse uma pesquisa já feita (e já estava mesmo, mas não em forma de um texto convencionalmente acadêmico). Isso porque saí da graduação com essa sensação de que algo precisava ficar, algo precisava ser registrado (mais do que em emails), algo precisava ter duração, publicação, algo precisava ser espalhado no mundo, quis corporificar algo que ficava se fazendo questão... Ainda que, no mestrado, fizeram-se outras questões (quanto mais se sabe, menos se sabe, diria Manoel de Barros). E não pude deixar de escrever mais diários também...*
>
> (Caderneta Alice no País das Maravilhas, sem data).

Um pouco antropófaga também, essa operação, já que ao andar pelo mundo – mergulhada nas intensidades que se apresentam – variadas matérias (autores, acontecimentos, linguagens, anotações, escritos de diários, filmes) são devoradas para a composição de uma cartografia (ROLNIK, 2006[51]). Ao andar, *como o mundo* também, além do caminhar ser modo de vida, constituir mundo em si. Assim, tudo o que se fizer potente para pesquisar é abocanhado, digerido, transforma-se em marca em mim, pois não é *colhido* aleatoriamente, e sim *acolhido* como aspecto transformador. Impossível não lembrar-se de Foucault, que nos indaga "De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece?" (1984, p.13).

[51] Suely Rolnik trabalha com o conceito de antropofagia em variados textos, além de seu livro "Cartografia Sentimental", associando-a à cartografia. Vale à pena acessar o site do Núcleo de Estudos da Subjetividade da PUC-SP, para quem quiser ler mais sobre o assunto, em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suely%20rolnik.html>. Aqui nessa escrita, a própria noção de antropofagia foi roubada e deglutida para reforçar como a montagem de uma cartografia envolve heterogeneidade e afetação dos materiais utilizados no corpo da pesquisadora.

A cartografia é uma arte de fazer pesquisa, por assim dizer, honesta. Como já dito algures, o cartógrafo preocupa-se menos em mascarar o relato de uma pesquisa detrás de uma neutralidade imaginária, inatingível, idealizada, e mais com uma *rigorosidade* de outra ordem: não com o que deve ser feito, mas com o que acontece de fato.

> *Vim para o mestrado com o material disposta a escrever, justamente, O QUE FOI FEITO. Mas mesmo assim a feitura desvia caminhos. Por isso a metodologia conta o que foi feito: não só o material da teoria, dos diários, das estratégias utilizadas, mas também das sensações surgidas, os imprevistos enfrentados, o caminho percorrido desde a entrada no mestrado.*
>
> (Caderneta Diferença, em maio de 2009)

E uma vez mais não é por mera predileção que escolho um instrumental metodológico para fazer bailar de modo mais bonito os conceitos nestas páginas – do mesmo modo que os conceitos não estão à toa nos diários que escrevo sozinha ou coletivamente. Eles estão inevitavelmente constituindo territórios e a intervenção está irremediavelmente acoplada às análises que vão sendo registradas. Conceitos e intervenção: trata-se de produção mútua.

> *Eis aí a cartografia, um trabalho sem dúvida mais complexo e perigoso, mas que exige mais de quem o exercita, já que convoca a uma atenta análise de implicações das instituições e afetos que transitam em um plano. É uma prática que sempre tenderá à* ***abertura*** *e à potencialização da força* ***VITAL****.*
>
> (Caderneta Transgressões, em setembro de 2008)

Vik Muniz, artista contemporâneo brasileiro, faz uso dessa ética em sua obra: não é explicação, e sim disparador. Sua obra mesma é dispositivo, na medida em que nem desnuda nem faz mistério (como se houvesse algo "detrás" de suas fotos): provoca sentidos a serem tecidos. A partir do uso de materiais que não poderiam ser outros para seus desenhos fotografados: açúcar para fazer crianças de um canavial caribenho; lixo para ilustrar catadores do Gramacho, pigmento de óleo para reproduzir quadros originalmente feitos a óleo. Todo material usado tudo tem a ver com o que a obra será: matéria e forma em encadeamento simples e lotado de sentidos. Literalidade.

Nesse nosso trabalho, igualmente nos utilizamos de materiais que fazem todo sentido para a nossa colagem-metodologia. As ferramentas do referencial da Análise Institucional praticamente se agarram ao que acontece como imãs que se aproximam

pelo critério da funcionalidade, pois não poderiam ser outras. São produzidas e produzem (pesquisa)intervenção. Isso significa que os conceitos não são colhidos e encaixados a uma escrita prévia e muito menos são o que dita os nuances dela; eles estão cruzando nossa rota o tempo todo, mas aqueles que embarcam nessa aventura são os carregados de sentido, os que catalisam fluxos do pensamento, isto é, os que efetivamente operam nesta escrita. É preciso que os conceitos, como a teoria, sirvam; é preciso que eles funcionem (FOUCAULT, 1979).

A pesquisa-intervenção surge nos anos 60 com o Movimento da Análise Institucional Socioanalítica na França e define-se justamente por "interrogar os diversos sentidos cristalizados nas instituições" (BARROS, 2007, p. 230). A própria idéia de instituição já não mais é entendida como estabelecimento, e sim como "processo de produção constante de modos de legitimação das práticas sociais" (idem, ibidem, p.231). É por entender que pesquisador e pesquisado (ou o que chamamos de sujeito e objeto em uma pesquisa) se constituem a um só tempo, isto é, num mesmo processo, que nos utilizamos também de alguns outros instrumentais advindos da Análise Institucional nessa investigação. Eles igualmente têm tudo a ver com a noção de cartografia e o que ela implica (como, por exemplo, a compreensão do mundo tal qual plano onde tudo está em constante engendramento e desarranjo, de que falamos no início de nossa escrita):

> Na pesquisa-intervenção, sujeito e objeto, pesquisador e campo de pesquisa, se criam ao mesmo tempo. A relação que se estabelece é da ordem da imanência. As práticas produzem os objetos assim como também produzem políticas de subjetivação. (BARROS, 2007, p. 232).

O exercício da análise de implicações coaduna com esse movimento a dissolução de um eu-pesquisadora. Ela traz a lume as diferentes instituições que me atravessam à medida que piso as terras e mares (forma e fluxo) a serem mapeadas, servindo para quebrar com a dicotomia sujeito/objeto e teoria/prática descabida para um cartógrafo. Como nos aponta Lourau, "estar implicado (realizar ou aceitar a análise de minhas implicações) é, ao fim e ao cabo, admitir que eu sou objetivado por aquilo que pretendo objetivar: fenômenos, acontecimentos, grupos, idéias etc." (2004, p.147-148). Tudo a ver com o fazer carrtográfico. Ao fim das contas, não seria em absoluto um exagero dizer que essa pesquisa é uma análise de implicações em si. É o que faz o roteirista de cinema Charlie Kaufman em seu filme "Adaptação", dirigido por Spike Jonze: coloca em cena todas as vicissitudes que estiveram presentes na elaboração de

uma adaptação de um livro para um roteiro de cinema. Ao ver-se relutando para lograr um bom texto em meio às pressões hollywoodianas e suas inseguranças, Kaufman decide incluir-se no roteiro, que passa a ser sobre a feitura do roteiro mesmo. Narrativas fictícias se misturam com história real, e o produto é um filme-cartografia. Como já está evidente, são também as situações vividas e a análise delas, registradas em diários, que orientam essa escrita de uma psicóloga que problematiza sua intervenção e a intervenção da instituição "psicologia". O texto final, claro está, sempre será criação narrativa.

:apetrechos

> *Uma longuíssima preparação, mas em método nem regras ou receitas. Núpcias, e não casais nem conjugalidade. Ter um saco onde ponho tudo o que encontro, sob a condição de que eu também seja posto num saco. Descobrir, encontrar, roubar..*
>
> Gilles Deleuze e Claire Parnet

O material utilizado nesta pesquisa é extenso e variado. Leitura e escrita alternando-se, foi-se de um a outro, catando marcas, marcando-se mais. Nas cadernetas, marca-páginas coloridos indicavam as páginas com escritos potentes para repensar, para serem usados e para ativar a escrita. Nos diários virtuais, um garimpo longo em meio a muitíssimos emails. Milhares. Alguns iam sendo impressos, destacados, as canetas marca-texto. Alguns foram recortados e colados nas paredes. Outros, dispostos no chão. Control + C, control + V em trechos de diários coletivos para a feitura do texto de dissertação. Análises inteiras, prontas, já feitas. Como usá-las? Como editá-las? Faz muita diferença. Como editar um filme. Trabalho de *bricoleur*, colagem de materiais diversos para a composição de algo que não seja aleatório, e sim heterogêneo, polifônico, variante.

.espancamento e dedilhar de teclado

Correspondências, poemas, poesias, escritas livres de minha autoria armazenados no computador. Algumas nem identificamos seus rastros: o próprio texto as engoliu, digeriu, aí estão. Outras, aparecem identificadas.

.cadernetas

As cadernetas – ou caderninhos – foram sendo adquiridos por vários integrantes do grupo de extensão Estação PSI como uma alternativa aos grandes cadernos que até então carregávamos durante a faculdade. Os pequenos cadernos eram práticos e permitiam serem carregados nas bolsas, agora que cumpríamos uma grande carga horária de estágios nos últimos anos do curso, locomovendo-nos muito. De lugar para anotações de supervisão, atas de reunião e algumas idéias, foram se transformando, para mim, em itens indispensáveis para as intervenções... mas já não só: levava-os para reuniões, locais de estágio e também para passeios, parques, viagens, casas de amigos. Eles passaram a ser presenteados entre os participantes do Estação PSI, utilizados em apresentações de trabalhos em eventos e oficinas, a ponto de fazer parte já de um estilo de vida, compor um modo de escrita – ou desenho -, afetado pelos acontecimentos na rua ou seja onde for, já que portáteis a qualquer canto.

Sigo utilizando-me de cadernetas e presenteando algumas pessoas com elas por vivenciar uma delicadeza para com o que afeta muito e pede passagem e duração via escrita. Encontrei-me tardiamente com o texto "A Escrita de Si", de Michel Foucault (2006b), ainda que me tenha sido indicada tal leitura por Heliana Conde na banca de qualificação (e isso descobri anotado em uma das cadernetas...). Desta vez, foi Gislei – que passou a acompanhar muito de perto a minha escrita nos últimos meses de mestrado – quem me perguntou se eu já lera o texto do francês. Retorno a esse ponto de minha escrita já no fim da dissertação (o que me faz de repente pensar: é tão intrigante quando lemos uma obra... Não temos como saber exatamente o que foi escrito antes ou depois. Quantas idas e vindas aquele autor fez? Será que a conclusão um dia foi introdução?). Discorrerei sobre a *escrita de si* mais adiante, já que ela constitui uma *prática de si* – atrelada a conceitos trabalhados futuramente. A leitura de tal escrito me fez arrepiar, pois li, a respeito dos *hupomnêmata*, algo que já vivenciava com minhas cadernetas. Eles

> constituem de preferência um material e um enquadre para exercícios a serem frequentemente executados: ler, reler, meditar, conversar consigo mesmo e com outros etc. E isso para tê-los, de acordo com uma expressão que frequentemente retorna[52], *prokheiron, ad manum, in promptu*. "À mão", porém não simplesmente no sentido de que poderiam ser chamados à consciência, mas no sentido de que devem poder ser utilizados, tão logo seja necessário, na ação. (FOUCAULT, 2006b, p. 148).

Os nomes das cadernetas foram sendo atribuídos durante os dois anos de mestrado para poder diferenciá-las. Já nesse exercício, pude pensar a respeito do que cada caderneta operou em determinado momento de vida.

Caderneta *Psicologia Social* - de agosto de 2006 a agosto de 2007

Caderneta *Cartografiando* - de maio de 2007 a agosto de 2008

Caderneta *Aulas de dentro e de fora* - de agosto a dezembro de 2007

Caderneta *Transgressões* - de janeiro de 2008 a setembro de 2008

Caderneta *Corpo e cidade* - de março a julho de 2008

Caderneta *Diferença* - de maio de 2008 a setembro de 2009

Caderneta *Alice no País das Maravilhas* - de janeiro a outubro de 2009

:diários coletivos

As listas virtuais – ou grupos de emails – já faziam parte do funcionamento do grupo de extensão Estação PSI quando passei a participar dele. Todos os diários são de acesso restrito aos participantes do grupo Estação PSI e é consenso para nós o livre uso desse material para pesquisa, preservando as identidades dos jovens e informações sigilosas. A primeira lista com um nome que sinalizava algo que vinha sendo experimentado no momento das intervenções das ações de extensão do grupo havia sido "roubo", diário coletivo anterior ao "Mais_vida". Com uma periodicidade irregular, é encerrada uma lista virtual e outra é aberta (com outro nome), segundo critérios surgidos na análise daquele momento do grupo. Gislei Lazzarotto (2009), faz em sua tese essa análise, trazendo à baila a noção de *assinatura*:

> A criação do *diário coletivo roubo@*, enunciou outros movimentos de nossa prática. O *diário coletivo* foi concebido com um "nome". Movimento que associamos ao que Deleuze e Guattari (1997)[53] discutem como "assinatura" no processo que constitui a marca de um território. A assinatura *roubo@* indica a formação aleatória de um domínio numa modalidade de escrita existente e a criação de um estilo, marcando a constituição de variações da

[52] Aqui Foucault está se remetendo à escrita de Sêneca "Lettres à Lucillius".
[53] A referência aqui é ao livro "Mil Platôs vol. 4".

> pragmática de uma língua menor deste agenciamento da formação em psicologia.
> Considerando as condições que produzem esses *diários* propomos que cada assinatura seja pensada como uma série que carrega mensagens que se proliferam. A enunciação de um *diário coletivo roubo@*,, de um *diário coletivo mais_vida@* e de um *diário coletivo ventovida@*, evidenciam uma pragmática que produz esse modo de escrever. (LAZZAROTTO, 2009, p. 93).

Veremos mais adiante como as correspondências também são consideradas por Foucault (2006b) práticas de si.

Mais_Vida: de maio de 2004 a janeiro de 2006. 1854 mensagens no total.

Apesar de ter sido iniciada em maio de 2004, utilizei-me da Mais_vida apenas a partir de março de 2005, data de minha entrada no projeto. Já que não estava presente no momento de "batismo" da Mais_vida, roubo mais um pedaço da tese de Lazzarotto:

> A criação da assinatura *mais_vida* foi se dando a partir de um incômodo enunciado por participante do diário quanto a palavra ROUBO dava conta de muitas coisas que estavam acontecendo em outras circunstâncias, mas que agora (março de 2004) *outras coisas novas, com tantos movimentos, passagens e pessoas... acho que está na hora fazer novos batizados.....*[54].

Ventovida: de janeiro de 2006 a maio de 2007. 2314 mensagens no total.

O nome *Ventovida* emerge em um momento em que o vento comparece em nosso trabalho. Segue algumas mensagens em que decidimos pelo nome:

> **RE: outra dobra? outra vida?O NOME????**
> As idéias...:
> [...]
> algumas palavras que andam circulando na nossa lista, no grupo, nesses tempos...:
> Mergulho
> Força
> Abrir (sentidos? caminhos? territórios?)
> Expansão (de vida?)
> Produção
> Potência (de vida?)
> Dobra vida
> "Algo com vento"
> Alice
>
> (Diário coletivo Mais_vida, em 19 de janeiro de 2006).

> **RE: outra dobra? outra vida?O NOME???? E o vento?**
> Gostei deste desvio pelo vento e também viramundo. Mas o vento traz a idéia do fora que nos leva, do devir, da fuga. Uma brisa que nos traz alento e uma ventania que revira as folhas, mistura e muda

[54] Diário coletivo roubo, em março de 2004.

tudo de lugar. Da corag para desvio para roubo para mais vida para "linha do vento"?
Gislei

Assunto: Sobre o nome: água fria
[...] Todas nós participamos desta lista, que até pra decidir um nome nos mobiliza tanto!! Mas já que participamos de formas diferentes, e em momentos diferentes de nossa caminhada pessoal/profissional, acho que a escolha tem que ser o que tiver mais sentido para aquelas que estão vivenciando agora o ESTAÇAO PSI durante a graduação, em plena formação e vendavais intelectuais, teóricos, práticos, de vida!! A lista tem que ser isso mesmo que Alice fez: experimentada, sentida. [..] Agora, vocês que estão no cotidiano, na velocidade, são as que melhor podem inventar um nome que realmente defina o momento do grupo, de vocês no grupo!!!
Beijos grandes,
Fer

Assunto: o conceito de "Nome da Lista" em Psicologia Social
Foraclusão?
Não! é o drama do nome da lista no estação!
POis bem. Gislei e Camila vieram aqui na sala da psico na Procuradoria e puseram pressão pra decidirmos de uma vez o nome. Ficamos ainda pensando, pensando, ventando... Decidimos: VENTOVIDA!
E então podemos ventovidar e ventoviver, enfim! Aí está!
Beijos,
Alice, Gislei e Camila.

(Diário coletivo Mais_vida, em 23 de janeiro de 2006).

Birutar: de março de 2007 a maio de 2008.1450 mensagens no total.

O nome surge como desdobramento de vento, colocando a questão de um certo movimento louco que diz também dos integrantes do Estação então:

Assunto: Por que ventovida?
Seguindo a linha ventania (estação, vida, psicodália, etc.), venho compartilhar algumas reflexões sobre o vento:
O **vento** pode ser considerado como o ar em **movimento**. Resulta do **deslocamento** de massas de ar, derivado dos **efeitos das diferenças** de pressão atmosférica entre duas regiões distintas e é influenciado por efeitos locais como a orografia e a rugosidade do solo.[...]
O vento atua como agente de transporte efetivo, **intervém** na polinização e no deslocamento das sementes. (**multiplicação**)
O vento também é um poderoso agente de erosão, **remodelando** a paisagem de muitos locais.
O aparelho que mede a **direção** de onde está vindo o vento chama-se **biruta.**
Julia B.

RE: Por que ventovida? Ventovidar ou birutar?
Inacreditável essa ventania de encontros! No café de hoje pensamos na lista birutar.....

Mas sou apaixonada pela idéia de ventovidar!!
Mas o tom de birutar é solto, biruta de vento, biruta de maluquice...
Gislei

(Diário coletivo Ventovida, em 14 de março de 2007)

Assunto: Vamos birutar?
Biruta.
do Fr. *bironte*
s. f.,
aparelho que indica a direcção dos ventos de superfície, usado nos aeródromos para orientação das manobras dos aviões e que tem a forma de uma sacola cónica, colocada perpendicularmente à extremidade de um mastro;
Brasil,
pessoa irrequieta, amalucada;
adj. 2 gén.,
amalucado
Aos ventinhos que quiserem birutar, é só ventar na direção que o coração mandar. Lembrem-se: as birutas e os ventos se encontram!
Abraços,
Mateus Birutando

(Diário coletivo Ventovida, em 15 de março de 2007).

Libertar: de fevereiro de 2008 a setembro de 2009. 2628 mensagens até agora.

A série *Mais_Vida* > *Ventovida* > *Birutar* faz alusão à velocidade e intensidade do encontro com jovens como algo que faz viver, desorganiza, como a sensação de um vento que sopra. Já o nome *Libertar* vem como necessidade de quebra daquela série, em um momento no qual a temática da liberdade pulsava no programa, principalmente entre jovens que questionavam o que era, afinal, estar livre.

Assunto: quarta e bonde e nome e...
Aí esse transbordar injetado disso que a gente não consegue nomear, isso que venta, isso que vive, isso que transgride limites, isso que invade os espaços em conexões rizoma feito máquina de guerra aparece nas linhas da Julica e uma palavrinha preciosa que nos é muito cara - e que dia desses li num relato de fala do Éolo - é dita, bem aqui: liberdade![...]
mais do que liberdade, queremos processo de libertação!
[...] estamos falando aqui no estação de algo que é sempre processo, que sempre está se fazendo, que sempre transborda... e não se pode falar de um homem livre - Gislei, ajuda aí com teu cuidado de si da tese que andei lendo!!! – sem falar em processo de subjetivação, bem como a Julica escreveu (as dobras se dando em nossas vidas para a construção de novos territórios subjetivos!).
Que tal libertar?
Tem ar, tem algo de sensação de vento na cara, tem velocidade...

(Diário coletivo Birutar, em 07 de fevereiro de 2008).

RE: quarta e bonde e nome e...
Inacreditável, quando li a mensagem da Julica eu pensei em liberdade, libertar. E quando li a mensagem da Alice eu vivi plenamente o agenciamento coletivo de enunciação. Depois da quarta na Fase na chuva, nas alianças fervilhantes, plena força de

criação, nossa !!! é pura paixão alegre em meio os muros, as grades, os bloqueios.[...]
bjos felizes
Gislei

(Diário coletivo Birutar, em 08 de fevereiro de 2008).

*

Agora o leitor sabe, ele entende muito bem porque o vento, o sentido de falarmos em ventar e intervir e inventar. Ventovida foi o diário coletivo que perpassou meu ano mais intenso no Abrindo Caminhos; não é à toa que ele aparece tanto por aqui. Agora o leitor entende, também, que velas são essas que içamos, o que compartilhamos em escrita e prática tão intimamente ligadas. Seguimos com nossa caravela-dissertação, comendo o mundo, o mundo como andar, andemos pelo mundo. Agora vamos para onde a brisa do mar bate tão paradoxalmente brusca e suave. Aportamos em busca de outros portos alegres para iniciar um mestrado.

:outros portos alegres – o rio, o mar, o circo e o tempo

Quem vem pra beira do mar, ai
Nunca mais quer voltar, ai
Quem vem pra beira do mar, ai
Nunca mais quer voltar

Andei por andar, andei
E todo caminho deu no mar
Andei pelo mar, andei
Nas águas de Dona Janaína
A onda do mar leva
A onda do mar traz
Quem vem pra beira da praia, meu bem
Não volta nunca mais

Dorival Caymmi

É agosto de 2007. Chego ao Rio de Janeiro, saída de Porto Alegre para ingressar no tão falado Programa de Pós Graduação em Psicologia da UFF e viver na ainda mais

falada – e cantada – capital fluminense. Sou imigrante na cidade maravilha purgatório da beleza e do caos, com seus paradoxos tão intensos quanto as rochas pontiagudas da espinha das suas montanhas. Calafrios e surpresas se imprimem em meu corpo; é a cidade com sua porosidade dando pistas de como incidirá no ato de pesquisar. Intuível, o sentido de porosidade aqui é desbancar a idéia da cidade como cenário em favor da cidade como personagem atuante (em uma pesquisa, em uma intervenção, em uma vida, enfim). A cidade como viva, a cidade como lugar onde as coisas podem acontecer.

Rio de Janeiro – ao menos a experiência de minha chegada, em Copacabana –, tal qual Nápoles, faz-se cidade em que dia e noite, rua e quarto, velocidade e lentidão interpenetram-se (BENJAMIN e LACIS, 1987).

> O feriado penetra sem resistência qualquer dia de trabalho. A porosidade é a lei inesgotável dessa vida, a ser redescoberta. Um grão de domingo se esconde em todo dia de semana, e quantos dias de semana nesse domingo![...] A vida doméstica é repartida, porosa, entremeada. [...] Cada atitude e desempenho privado é inundado por correntes da vida comunitária.[...] Aqui também há uma interpenetração do dia e da noite, do ruído e do silêncio, da luz de fora e da escuridão de dentro, da rua e do lar. (idem, ibidem, p. 149-150; 152-153)

A "minha" porosidade de pesquisadora, portanto, nada mais é do que extensão de uma porosidade da cidade. Ela, cidade, impõe-se na escrita: "a rua peregrina quarto adentro, só que com muito mais rumor" (idem, p.153), como o da chuva, o dos ônibus e da vendedora de pamonha, na tarde de hoje. Como, amanhã, será também o ruído da correria a me despertar... "Que alarde! Será que é tão difícil amanhecer?" (BUARQUE, 1970).

> Agora é manhã e há pouco espaço nas vias mais movimentadas. Nossa Senhora de Copacabana e Barata Ribeiro drenam povo a múltiplos destinos. Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come. O dito ainda é o mesmo que intitulava a peça de teatro da década de 60; a ditadura, porém, é outra. O ritmo é rápido. Infinitos indivíduos marcham rumo ao compromisso: andam prá não desistir. Quase não se olham, quase não se falam: "Com ou sem açúcar?", "Tô com pressa, sai da frente", "Tem troco pra cinqüenta?". Nos arredores da Siqueira Campos, centro do bairro, é tamanha a quizumba – cores, sons, odores – são tantas as pessoas, tantos os vendedores ambulantes – fruta, pulseira, um é três dois é cinco – que a arte do desvio é requisito básico ao transeunte. Gente prá cá e prá lá, chocando-se, xingando-se e marcando um churrasco de calçada pro final de semana. (MIZOGUCHI, 2009, p.105)[55].

[55] Para apreciar uma bonita escrita sobre os muros e grades – e os (im)possíveis escapes que deles a vida efetua – não só em Copacabana, mas também noutros bairros das orlas sul e oeste da capital fluminense, cf. o livro de Danichi Hausen Mizoguchi, "Segmentaricidades: Passagens do Leme ao Pontal" (2009).

Algo nada suave me faz imediatamente recusar o deslumbramento e o enaltecimento de uma urbe que, a princípio, me encantava justamente pela operação conjuntiva de beleza-e-caos como campo de possíveis. Gritos, disparos e movimentos abruptos se fazem um tanto sufocantes. A simpatia que sinto ao ler o texto de Walter Benjamin sobre Nápoles não é a mesma oferecida pelo Rio de Janeiro num bairro em que há exus soltos nas quebradas (idem, ibidem).

Setembro, outubro, dezembro e o que me chega e me chaga são chacinas a jovens favelados para assegurar caminho limpo e seguro nos Jogos Panamericanos de 2007. É a Tropa de Elite e o sucesso planetário de um filme cujos efeitos, em sua esmagadora maioria, coroam uma política atroz e vã que se supõe "de segurança". É ainda um constante alerta de "guerra" já banalizado e consumido feito medo que reitera e justifica um confronto entre a moral e vidas desperdiçadas (BAUMAN, 2005) que, sendo vidas, de banal não têm nada. Ou ao menos não deveriam ter. É março de 2009 e avisto nos jornais fotos inacreditáveis de muros sendo erguidos em torno de comunidades para evitar seus crescimentos, sob o pretexto deslavado da preservação ambiental. Do terraço de um edifício no Humaitá, avista-se uma mansão em construção na Mata Atlântica, apenas algumas centenas de metros distante do cimento que protege a natureza dos moradores do Santa Marta.

Seriam necessários toda essa exacerbação, todo esse alarde, todo esse controle e toda essa morte para os citadinos desfrutarem da plena beleza carioca?

O tempo passa mais rápido. Aliás, tudo passa mais rápido. Os ônibus, os carros, o metrô, zumbem em velocidade. Nem as velhinhas bem vestidas da zona sul fazem compras no Zona Sul[56] sem pressa. Acotovela-se em qualquer fila – quando há a formação de uma – para se chegar antes. Antes do que? Para quê?

A Avenida Atlântica é arranhada pelos veículos em aceleração. Faço parte desse vandalismo com meu próprio arranhão, a caminho de algum lugar. Vejo o calçadão de Copacabana e suas imóveis ondas alvinegras de pedras portuguesas pisoteadas por passos também velozes de tênis importados. Tênis que precisam ter cada vez mais amortecedores, que por sua vez amortecem mais do que passos: amortecem sentidos também. Tênis que caducam no ritmo da incessante corrida em perseguição do novo, assim como as milhares de mercadorias produzidas desenfreadamente todo dia (o

[56] Rede de supermercados da zona sul da cidade do Rio de Janeiro.

personagem sinistro de que falamos algures habitando as vitrines e um pouco de cada um de nós). Ritmo impiedoso que varre consigo a intensidade da experiência (PÉLBART, 2003).

Do outro lado do passeio público, mais além das ondas em preto-e-branco, o mar dá a sua resposta: sob a luz implacável do sol, as ondas ali têm cor. São azuis. E quebram, intensas, em um plácido e intenso movimento, totalmente alheio à pista de piche. Convocam a uma sensação que não raro incomoda os motoristas dessa cidade que não suporta sequer um segundo da luz vermelha do semáforo ("cariocas não gostam de sinal fechado", canta Adriana Calcanhotto no rádio): convocam à sensação de duração. Para acompanhar a queda de uma onda se faz necessário desacelerar, ou mesmo parar. Subversivo, o mar está sempre em câmera lenta.

O ritmo frenético do lado de cá da calçada me leva de volta à experiência com os jovens em Porto Alegre. Lembro-me de uma conversa com um jovem na Procuradoria da República, numa sala de reuniões que possui uma pequena varanda donde se avista o centro da cidade.

> **Assunto: grupo, lugares e o lugar-violência na gente**
> Mais uma vez, uma conversa muito muito rica. No início, ficamos na sacada (...), falando dos que passavam lá embaixo e como era perigoso atravessar a rua... da velocidade dos carros... da velocidade, apenas. Falamos de preconceitos, de histórias da sua vila[57], "não adianta, sempre vão me chamar de bandido, assim como os ex-presidiários". Contou de como na sua comunidade existe isso, a vó dele dizendo pra ele ficar longe "dos marginais", assim como por exemplo a minha mãe devia achar o mesmo dele se soubesse que passou pela FASE. Falei então do projeto [Abrindo Caminhos], de como aquilo tudo acontecia dentro da PR ou não... da potência do Abrindo Caminhos de desconstruir esses pensamentos rígidos! Falamos de saídas possíveis, das mudanças locais, de como ele desmistifica impressões que as pessoas têm dele no colégio... e aí já era muito tarde, tivemos que encerrar. Muito marcante...
> (Diário coletivo Ventovida, em 07 de abril de 2006)

São jovens muito diferentes de nós. Seus tempos são da brevidade. E os desejos, imediatos. Somos, psicólogos do Estação PSI, carregados por esse modo de ser, e é mesmo preciso sair um pouco do próprio corpo para se aproximar do prazer adrenalizado desse jeito de viver. Pergunto-me: como se fazer mar e incorporar sua revolucionária lentidão para inundar a via expressa da "vida loka[58]" com um punhado

[57] "Vila" é outra palavra para designar comunidade ou favela, muito usada no Rio Grande do Sul.
[58] Essa expressão é recorrentemente usada por jovens de periferia por todo o país para caracterizar o que, em Porto Alegre, chamam também de "correria": vidas adrenalizadas por transgressões da lei, vidas de

de parada? E, do mesmo modo, o que há desse desvario juvenil que pode operar em nós, profissionais que se ocupam da subjetividade, sempre tão alheios e plácidos, por vezes até sedentários, com olhos feito câmeras que mordem o vazio (BAPTISTA, 1999)? A expressão da câmera que morde o vazio é usada por Luis Antonio Baptista para dizer de um olhar *psi* sedentário, cuja operação está incrustada numa herança histórica de práticas baseadas na neutralidade e na decodificação de símbolos generalizados, bem como na atribuição de sentidos prontos àquilo que vê. "A câmera fala por si mesma", diz, referindo-se à descrição que uma estagiária fez de uma entrevista diagnóstica: viu o sintoma, o diagnóstico, as características do indivíduo paciente. No entanto, "a entrevista diagnóstica não se lembrava do rosto da paciente." (idem, p.28)

Como, então, encontrar ânimo e força para pesquisar em uma cidade de absurdos e de ritmos exacerbadamente antagônicos? Como manter a questão de pesquisa pulsando? Talvez valha perguntar-se: como engendrar pequenos mares no grande Rio?

Contida na pergunta, a dimensão do tempo e o movimento dos corpos aí estão. E a porosidade do Rio definitivamente faz passar alegria também, complexa urbe que é. Como acontece no espetáculo da companhia circense Intrépida Trupe a que vou assistir. Corpos balançam-se no ar como pêndulos, sincronias e dissonâncias se instalam no galpão da Lapa. Velocidade e lentidão, forma e força se entrecortam. O som funde-se aos movimentos de quem pende, gira, sobe, cai em cordas, elásticos, tecidos. Em certa altura, uma cortina se abre. Vêem-se as grandes janelas da Fundição Progresso, uma copa de árvore iluminada pelo poste de luz lá fora. Lentor. Piano. Os bailarinos agora são corpos de peso que de repente flutuam em sustentações e encaixes nas paredes que emolduram as vidraças. Alguém abre uma porta que desemboca para a sacada. Um corpo sai, fita-nos sob o foco da luz da rua, através do vidro. Um suspiro irrompe a atmosfera, quase imperceptível. A rua entra. "Sonhos de Einstein" toca não só o olho. O corpo todo fica em estado de prelúdio. Não interessa saber o que virá; apenas vive-se uma condição de duração, talvez como a de uma câmera lenta em um filme.

Divago: as linhas de modulação e de controle sempre estarão exercendo suas pressões, seja onde for, de maneiras diversificadas e mutantes. A coexistência delas e a possibilidade da fuga de um terceiro tipo de linha me fazem lembrar o dispositivo de que fala Deleuze (1996) (quantos dispositivos habitamos no cotidiano e o que estamos

---

quem se sabe vigiado e sempre acusado de "perigoso em potencial". Vidas também a escapar, sempre, das mãos de quem as tenta controlar.

fazendo neles?). Michel Foucault em seus estudos tratou de mostrar-nos a maleabilidade do poder sobre a vida e suas ardilosas laminações que incitam microfascismos em nós.

Peter Pál Pelbart (1993) aponta, citando Paul Virilio, para um regime de temporalidade contemporâneo que não só almeja o controle do tempo via aceleração deste (fazer o máximo de coisas em um mínimo de tempo), mas de fato almeja a abolição do tempo. São dias em que os avanços da tecnociência impõem a *instantaneidade*, graças ao advento da televisão e da informática como meios de obter informação total, antecipando-se até mesmo a um acontecimento. E aí "é evidente: o que já é conhecido de antemão não pode ser experimentado como acontecimento" (idem, p. 33), o que significa justamente o esvaziamento da experiência. Temos aí o momento sem duração, a experiência sem espessura.

A psicologia, sem dúvida, tende a enveredar por esses caminhos já abertos e conhecidos, perita da subjetividade que é. Melhor especificar que algumas psicologias – lembrando que o que existe é uma variedade de práticas *psi* – aliam-se à tarefa de controlar o tempo, neutralizar acontecimentos e prevenir comportamentos considerados perigosos, antecipando o futuro como um já dado.

Suas práticas de pesquisa, portanto, reiteram esse gesto: práticas amoladoras de facas que cortarão os corpos rejeitados pela lógica vigente (BAPTISTA, 1999). Práticas mortificantes que, de tão velozes, paradoxalmente equiparam-se à inércia. Pesquisas que seguem no marasmo da confirmação de rotas feitas, destinos conhecidos, ratificação de verdades alcançadas. Navegadores que recusam tempestades (e qualquer brisa que remeta a elas). Práticas que "não gostam de cinema nem de trapézios" (idem, p.28) – seguramente tampouco devem gostar do vento e do mar...

Pisco o olho: é que o jogo em Sonhos de Einstein é com a Física, portanto com um *funcionamento*. Isto é, não importa tanto saber se é bom ou mal submeter-se às leis (da física, do contemporâneo, da academia, da cientificidade); não se trata de chegar a uma receita de tempo ideal (seja ele de lentidão ou de rapidez), mas de *como* (nos) movemos com as leis. Volto a pensar no mar, nas práticas *psi*, nos modos de pesquisar. Quem sabe um devir-circense não seja o que buscamos, como um trapezista que se joga no espaço no texto de Baptista (1999)[59], se dispondo à vertigem do vôo pelo

[59] O personagem que Baptista chama de trapezista é aquele que atravessa um psicólogo durante uma supervisão com uma estagiária clínica, como dito anteriormente. Há um enorme vazio no relato de entrevista diagnóstica narrada por ela ao supervisor, pois está tomado de referenciais individualizantes e categorizantes. "O trapezista mantém-se equilibrado na solidão do seu trapézio"(1999, p.28), diz. Quando ele pergunta, como um provocador, se a estagiária lembra-se da cor dos olhos da paciente – saindo do

desconhecido? Ou, quiçá, um devir-Sonhos-de-Einstein, que nos coloca em contato cru e intensivo não só com o espaço, mas também nos desperta a sensibilidade para o tempo e para a densidade da experiência? Embriagada de cidade e de autores que pensam a cidade, no contágio das aulas do mestrado com Luis Antonio Baptista, deparo-me com um texto em especial. Jeanne Marie Gagnebin, estudiosa de Walter Benjamin, nos aconselha a

> não temer os desvios, não temer a errância. [...] Não esquecer que o tempo é múltiplo: não é somente "chronos" (uma concepção linear que induz falsamente a uma aparência de causalidade), mas também "aiôn" (esse tempo ligado ao eterno, que, confesso, ainda não consegui entender...) e, sobretudo, "kairos", tempo oportuno, da ocasião que se pega ou se deixa, do não previsto e do decisivo. (GAGNEBIN, 2008)

Cabe a nós, num posicionamento político, fazer frente aos modos sedentários de produzir conhecimento. Não para vencer uma competição de quem é melhor ou de quem está certo. Não para fixar outro padrão a ser seguido, como mais uma novidade mercadológica a ser consumida e inflarmos nosso capital financeiro e intelectual. "Não para libertar-se do tempo, como quer a tecnociência, mas libertar o tempo, devolver-lhe a potência do começo, a possibilidade do impossível, o surgimento do insurgente" (PELBART, 1993, p.36). Quem sabe desligar o motor do automatismo e içar velas para catar ventos ao navegar? Trata-se de se saber clandestino e andar pelos becos em busca dos bons encontros. Trata-se de se saber mambembe e caminhar sobre os próprios limites, como a corda-bamba circense. Ou então nômade como o próprio circo, e performar números de suspense e sensibilidade em que sustentemos um tempo outro no qual o presente contém o prelúdio do que ainda não sabemos. Ser

> andarilho – [...] não como viajante em direção a um alvo último: pois este não há. Mas bem que ele quer ver e ter os olhos abertos para tudo o que propriamente se passa no mundo; [...] tem de haver nele próprio algo de errante, que encontra sua alegria na mudança e na transitoriedade. (Nietzsche, 2000, pág. 99)

Modos de conhecer que se arrisquem, pois. E trabalhem com rigor ao acompanharem movimentos para produzir saberes, de fato, sem precedentes:

---

lugar-comum das perguntas clássicas de supervisor – , ela responde que não. O psicólogo sente então uma invasão daquilo que julgava ser da ordem de sua intimidade: percebe, em intensos segundos, que a não lembrança da estagiária não era, de fato, dela. "O salto tira-me do solitário equilíbrio e, no espaço, percebo que a memória é um produto coletivo. A entrevista diagnóstica não se lembrava do rosto da paciente" (idem, ibidem.), constata ele, experimentando agora uma dimensão coletivizada.

> Perceber o surgimento do devir no passado antigo ou no presente balbuciante, hesitante, ainda indefinido e indefinível. Deixar que essa hesitação possa desabrochar. Não procurar normas e imperativos, mesmo na desorientação angustiante, mas conseguir dizer, de maneira diferenciada, as dúvidas. (GAGNEBIN, 2008)

Vou até a sacada do apartamento que alugo na *big city* (para usar as palavras de meu vizinho carioca), urbe que agora habito. Bem ali em frente, acompanhando a curva da esquina, estão impressas na calçada as palavras do poeta que outrora morou nessa rua: "Ó vida futura: nós te criaremos! [60]".

O dia seguinte já não amanhece com tanta dificuldade:

> *Véspera de feriado. 30 graus. Nem o engarrafamento já na orla de Copacabana foi capaz de pesar na manhã. Nem o ruído dos ônibus, as barbeiragens e buzinaços rotineiros puderam tirar o frescor do início de dia.*
> *Chegando na UFF, desaceleração para circular no campus e o silêncio do mar. Cheiro de vento. Queria poder pegar nas mãos a sensação de praia.*
> *Na sala penetra a vista das árvores e do Cristo. Dela, vaza o vento e os cabelos soltos de pessoas mais coloridas. Só porque faz 30 graus.*
> *Expectativa e desfrute de um "curso de 4 meses" que recomenda uma Cartografia Sentimental como livro de cabeceira.*
> (Caderneta Cartografiando, em 06 de setembro de 2007).

A escrita mais uma vez é possível. Segue a embarcação, graças ao vento que sopra da praia.

[60] Na esquina das ruas Avenida Rainha Elizabeth e Conselheiro Lafaiete, as pedras portuguesas pretas do calçamento escrevem essa frase entre as pedras brancas, em homenagem a Carlos Drummond de Andrade. No bairro de Vila Isabel podemos observar também essa particularidade: nas calçadas estão estampadas letras e acordes de canções de Noel Rosa, célebre morador da região.

.Desinventar

No descomeço era o verbo.
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo, lá onde a criança diz: *Eu escuto a cor dos passarinhos*.
A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som.
Então a criança muda a função de um verbo, ele delira.
E pois.
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer nascimentos –
O verbo tem que pegar delírio.

Manoel de Barros - O livro das ignorãças

:os bolsos estavam furados

A sala, como sempre, cheirava a madeira antiga. Como, aliás, quase todas as salas de reunião do austero prédio público. Lá fora, o rio Guaíba figurava bem próximo, pacatamente pronto para receber o sol que penetraria em breve seu dorso. Do lado de cá do muro do cais do porto, por sua vez, o centro de Porto Alegre, visto do sétimo andar, fervia, inquieto como sempre, tal qual um formigueiro cinza. Sentamo-nos ao redor da enorme mesa quadrada, e o zumzumzum das conversas, dos fones de ouvido e dos silêncios já povoava o espaço. Sim, pois até o silêncio desses seis jovens povoavam aquele espaço adormecido. Não deixava de me chamar atenção como aquelas salas de reunião da Procuradoria da República, habitualmente tão pouco usadas, ganhavam todo um punhado de cores, olhares, gestos e cheiros com seus novos ocupantes.

> **Assunto: da psicologia e da cartografia**
> Eis que no grupo no meio de um momento de risada, Frixo pede atenção: "vamos falar de coisa séria, vamos parar com a bobagem. vamos falar de futuro. O que vocês tão pensando em fazer depois do estágio?". Risadas. É uma brincadeira. Os guris dizem que o Frixo parece psicólogo. Questiono que então é assim, psicólogo fala de coisas sérias e do futuro? Vão dizendo que sim, fazem perguntas à Héstia e, a tudo que diz, um "por quê?". Mais uma pista... Psicólogo é o que pergunta "por que"? Eis que na roda a pergunta "o que é ser psicólogo?" Gabriel me convoca: "Alice, tu que é psicóloga, diz aí o que o psicólogo faz!" Respondo, mas não sem antes dar uma de psicóloga "queria saber primeiro o que vocês diriam sobre isso". Gabriel diz que é "dar um psicológico". Como assim???? "Ah, é botar uma idéia na cabeça do cara...". Me desesperei... Então é exatamente a mesma idéia do servidor que diz que temos que botar algo na cabeça “dessas crianças”!?
> (Dário coletivo Ventovida, em 16 de setembro de 2006)

Outro dia, outro grupo. Só vieram três jovens. Héstia não quis subir para o sétimo andar. Um aparelho de MP3 circula e todos escutam um pouco de rap. Pergunto ao Éolo o que aconteceu que não me manda mais letras de rap por email, como costumava fazer...

> **Assunto: instalamo-nos na linha juvenil para cartografar...**
> Falamos de psicologia de novo. Frixo é muito interessado! Pergunta quanto tempo falta para eu me formar, pergunta da clínica. "Então tu ouve as histórias de vida de todo mundo o dia inteiro... tu deve chegar em casa cheia! Como tu faz, assim, pra suportar tudo isso?". Falo da supervisão e da minha terapia. Falamos de futuro... o meu! Há desafios, outros, é verdade, mesmo pra quem tem curso superior... Surge, nem lembro como, o assunto bipolaridade. Gabriel pergunta algumas coisas, depois diz "minha mãe é isso daí, bipolar",

e coloca o fone no ouvido. Pergunto como é isso pra ele, tento ver se ele fala mais sobre, mas se encerra ali.
Falo da seleção de sexta da Regional [no programa de trabalho educativo de que o Estação PSI é parceiro], falamos da Héstia, que hoje teremos uma reunião para saber se ela vai querer continuar no projeto ou não. Éolo e Gabriel riem, "é óbvio que ela quer!". Até me espanto com a certeza, daonde ela vem? Eles não sabem dizer, apenas acham. Frixo é mais cauteloso, não sabe. Falamos do direcionamento de vagas, falo de como surgiu (a tendência FPE nas seleções do ano passado[61]). E eles: "mas porque isso? que medo é esse?". Hehehe... justamente, é MEDO. Eis o assunto, o medo que se sente deles... eles se olham e riem, assim como antes eu olhara pra eles e rira quando me contaram que para ir à audiência tiveram que ir algemados. Olhar de espanto, "somos só nós! olha pra nós, não tem porque ter medo!" (por isso mesmo eu rira das algemas...!). Falo que tem gente que tem [medo deles], sim, e medo da psicologia, também. Frixo vem de novo com "claro, né, medo porque o psicólogo entra na mente da gente!". Ironizo: "claro, né, medo porque o guri da FASE vai me roubar, me machucar!". Riem: "mas jura [sic]!". Questiono o que teria de perigoso de encontrar na nossa mente...
Ora, isso são estigmas, pré-conceitos sobre psicologia e sobre eles. "A *proteção*" e "os *em conflito com a lei*". Riem da expressão, eu pergunto o que dizer para diferenciar... "bandido"? "Em conflito" pelo menos denota momento... devo dizer "os da infração"? Éolo faz cara feia. Melhor "em conflito"...
Ao ir embora da PR, no fim da tarde, vejo que chegou email do Éolo. "Alice, achei essa música legal pra gente analisar, discutir (usou uma palavra assim)". Mandou uma letra, mas não tive tempo de ler.
No elevador, encontro Frixo e digo pra ele adivinhar onde eu estou indo: em quem entra na minha cabeça... E ele: "ah, então é a tua vez..." e eu digo "é, na verdade o trabalho talvez seja fazer eu mesma entrar na minha cabeça, ou algo assim". "Ô!, isso sim que é difícil, entrar na própria cabeça..."

da transbordante
Alice.

(Diário coletivo Ventovida, em 29 de setembro de 2006).

Era fim do ano de 2005 quando, como estagiária em Psicologia Social do Abrindo Caminhos, propus um dispositivo de grupo com os jovens para pensar e discutir junto a eles seus modos de se fazerem sujeitos. A idéia que se tinha era, através dessa prática, problematizar as institucionalizações e objetivações sempre presentes a partir da relação entre aqueles que "sabem" e os que "são sabidos". O que me levou a esse movimento? Como já dito anteriormente, a simples curiosidade pela

[61] A equipe de gestão do então Projeto Abrindo Caminhos, à época, constatara que a maioria dos setores estivera dando preferência para receber estagiários da Fundação de Proteção Especial (FPE) – isto é, jovens em medida protetiva. Para assegurar o acolhimento de jovens em medida socioeducativa (autores de ato infracional), a equipe gestora decidiu direcionar vagas de um tipo e de outro para os setores, visando garantir uma quantidade equilibrada de jovens em modalidades de medidas diferentes trabalhando na casa.

experimentação de estar frente à frente (ou lado a lado) com aqueles jovens, pelo que me provocavam nos fortuitos encontros que até então tinha com eles.

Ora, que pretensão! Algo desse *estar com* os jovens desassossegou a mim e à equipe de psicologia no programa. Em pouco tempo, o grupo semanal – iniciativa de uma psicologia que se experimentava propositiva e desejante – fez-se dispositivo de análise em variadas direções. As questões que cortavam aquele espaço diziam respeito não só aos devires juvenis – o que se refere às possíveis maneiras de existir dos jovens em processo naquele agenciamento grupal – mas começaram, também, a colocar a psicologia em questão. Eu, cada vez mais tomada na paradoxal experiência de aprofundar a leitura de autores da filosofia da diferença, ia tateando um referencial teórico que não "se encaixava" em um corpo, mas que incomodava e fazia transbordar. Autores, vítimas, quem era quem: os que estavam sob proteção do Estado, os que tinham cometido infração, o Estado, a psicologia?

Demo-nos conta que estávamos repetindo uma prática *psi* historicamente incrustada ao propor um grupo naqueles moldes – a saber, tendo a escuta passiva como fio condutor. Mais do que isso, aquilo a que a escuta supostamente nos conduziria é que se fez problemático: debruçávamo-nos, como tantos psicólogos o fazem há dezenas de anos, *sobre* a subjetividade alheia. Praticávamos uma escuta de clínica exclusivamente *klinikos*, que, do grego, remete justamente a um "inclinar-se sobre o leito do paciente" – ao invés de ir mais adiante e operar também uma clínica *clinamen*[62] que forjasse desvios (PASSOS & BENEVIDES DE BARROS, 2001). Com a nobre intenção de conhecer o que vem justificando as práticas da psicologia em sua ilusória unidade de disciplina, ambicionávamos apreender "um só e mesmo objeto de estudo: o homem, ser loquaz ou taciturno, ser sociável ou insociável" (CANGUILHEM, 1972, p.106).

Acontece que algo escapulia, veloz, feito vento. Os tempos daqueles jovens eram outros, suas demandas eram inusitadas, suas maneiras de pensar e de ser estavam fora dos livros e dos manuais de psicologia. Não queriam apenas ser escutados. Queriam escutar. Devolviam perguntas. "E a psicologia? O que é? O que quer?" Enunciações juvenis sobre a psicologia emergiam.

[62] Conforme Passos & Benevides de Barros (2001), "esse conceito da filosofia grega designa o desvio que permite aos átomos, ao caírem no vazio em virtude de seu peso e de sua velocidade, se chocarem articulando-se na composição das coisas. Essa cosmogonia epicurista atribui a esses pequenos movimentos de desvio a potência de geração do mundo. É na afirmação desse desvio, do *clinamen*, portanto, que a clínica se faz."

> **Assunto: convênio, estagnação e autoria**
> como os tempos e movimentos destes jovens são diferentes, e o quanto nos convocam a outro tipo de psicologia!! Sair da lógica psicanalítica da escuta passiva, pois as urgências de vida talvez não permitam os intervalos lógicos: amanhã ele estará vivo? Livre?... nós produzimos a escuta, nós movemos a escuta, não é parar e esperar (também não é centralizar os movimentos e repetir o lugar do jovem passivo e recebedor de caridades!!!!!!!).
> (Diário coletivo Mais_Vida, em 13 de maio de 2005).

Descobria-se que o medo e o preconceito não estão apenas para juventude abrigada e em conflito com a lei. A psicologia, que por tantos anos avaliou, ajustou, sugeriu progressões e regressões de medidas (RAUTER, 2003), e encaminhou para serviços de atendimento da rede pública, também recebia marcas identitárias rígidas: o temor dos jovens de que a psicologia "entrasse dentro da cabeça das pessoas" e o desconforto com o fato de sempre "terem que falar" e de não saberem "porque as psicólogas sempre querem essa mesma coisa". Pareciam, desconfiados, associar imediatamente a psicologia à sua medida ou à sua condição de jovem institucionalizado. Mas então, que outro lugar era esse a que éramos chamados?

Sentíamo-nos com os bolsos furados. Como se, ao tentar alcançar algo em nossos bolsos teoricamente cheios, não encontrássemos técnicas prontas das quais pudéssemos lançar mão no intuito de dar conta daquilo que se passava no momento da intervenção. Algo foi sendo construído na relação com esses jovens que fazia-nos habitar o desconhecido:

> **Assunto: Vendaval e a brisa que fica**
> Então começou o assunto roubo: é mais fácil comprar um celular roubado do "mercado negro" do que um usado aqui no centro, segundo o Éolo. A Florence não escutou isso (estava numa conversa paralela), mas falou no mesmo momento que seu celular tinha sido roubado. Chamei a atenção pra isso, e disse pro Éolo "imagina se o celular que tu comprares for o da Florence?". Os dois deram um salto "Bem capaz!" e a Florence "bah eu ia pegar ele de volta, ia te xingar!" O Éolo agiu como se isso fosse impossível, mas eu questionei, considerei a possibilidade. [...] o Éolo ficou pensativo, não tentou mais se justificar como estava fazendo até então. Sai mais barato pra ele, mas não pros outros. Um usado talvez custasse a mesma coisa que o roubado.
> O grupo começou então a falar de casos de roubo, casos de terem encontrado coisas na rua e terem cobrado para devolvê-las, todos rindo, numas de "sou muito esperto" e quando a Florence contou que devolveu uma câmera finalizou "mas também na próxima vez não devolvo mais!". [...] Eles iam falando mais, se olhando, me olhando, rindo; eu fui ficando cada vez mais paralisada, mais abismada, mais irritada, com mais vontade de chorar pensando "putaquepariu, se todo mundo pensar assim a gente vai só alimentar esse ciclo... o que eu falo pra essas criaturas? Como dizer algo sem ser moralista

> quando é este o sentimento que me invade?". Eu pensei em coisas pra dizer, formas de analisar o que estava sendo dito, fiquei prestando atenção em como aquilo tava me afetando - tantas outras vezes ouvi coisas deles, às vezes piores, porque hoje eu tava tão CONSTRANGIDA? [...] Não conseguia devolver nada, nem rir, nem fazer cara de reprovação, NADA! Fui continente de tudo que ia sendo dito, sem saber o que fazer. E meus bolsos? Furados! Rombos! Roubos!
> No primeiro silêncio, encerrei o grupo, já que já eram 15:30. [...] Não sei se fiquei com mais raiva de mim ou deles. [...]. Eles perceberam que eu não tava tranquila, mas nada me perguntaram. Vim direto escrever isso tudo que me transborda. Um verdadeiro furacão, eu me senti culpada por ter agido como agi, pois surgia ali muita coisa legal que em outro dia poderia ser muito muito trabalhado, conversado... e eu não consegui! E por outro lado acho que foi o meu limite, hoje. [...] Forçar talvez teria sido pior. Mas fico pensando "que burra! Sabe-se lá quando esse assunto vai surgir dessa forma de novo! Sabe-se lá se vai surgir, será que o meu corte não vai inibi-los? Por que eu fiz esse corte? Era o famoso pedido de NÃO que eles me faziam? Era também eu mesma que me dizia não. Falar o que falaram significou muito: não estavam reproduzindo o discurso de jovens institucionalizados, dizendo o que os psicólogos e técnicos querem que eles digam... mas com a minha atitude pode ser que eu tenha dito "não falem mais disso", será que não?
> O fato é que não sei o que fazer!!!!!! [...] Acho que tenho que pensar... mas algo se produziu, algo eu quero fazer com isso. Ajuda!!!
>
> (Diário coletivo Ventovida, em 26 de janeiro de 2006)

Foi necessário um deslocamento da problemática antes localizada por nós nos jovens como objetos de estudo. Quer dizer, o feitiço virou contra o feiticeiro, o dia do caçador era agora da caça, o objeto é que questionava o sujeito, o tiro saiu pela culatra. Uma inversão inesperada e descabida, caso não estivéssemos atentos ao que, de fato, ocorria *entre* os tradicionalmente chamados sujeito e objeto: uma dupla captura, precisamente o que acontece em uma pesquisa-intervenção, como já viemos afirmando desde o início desse trabalho.

Trata-se, pois, de enfrentar uma espécie de dever de casa a ser vencido: chacoalhar o que é entendido de imediato quando escutamos a palavra “psicologia”. É impossível deixar de convocar a história desse saber e dessa prática com juventudes institucionalizadas quando um jovem autor de ato infracional, aquele do qual aprendemos e nos acostumamos a sentir medo, diz “tenho medo da psicologia, porque ela entra na nossa cabeça”.

Que práticas eram aquelas esperadas da e reproduzidas pela psicologia no programa? Que psicologia é essa que invade mentes? Como elas atravessavam as instituições pelas quais aqueles jovens circulavam e para além delas? No limite, “psicologia” fez-se um nome genérico para muitas práticas, como já vimos

anteriormente, em nossa legenda, com a ajuda de Foucault e Paul Veyne. Precisamente nas interferências com esses guris e gurias é que tais análises se faziam não de uns ou de outros, mas de todos nós.

Há, para isso, de nos fazermos estrangeiros a alguns conceitos que quem sabe já estão saturados nos pequenos círculos habitados por nós, intelectuais de esquerda de classe média ou alta. Sim, porque por mais que combatamos a repetição do mesmo, o aprisionamento nas instituições, a reprodução de discursos pelo perigo de seus esvaziamentos... cá estamos nós, ainda rodeados de "caros colegas"[63], lendo o que nos interessa e o que nos dá ao gosto, falando a mesma língua, deixando que alguns conceitos virem palavras de ordem. Compreensível, cá entre nós. Mas necessário também é zelar para com o endereçamento de um trabalho de dissertação – ou, no mínimo, para com a esperança de que mais leitores deitem os olhos sobre ele, além daqueles da nossa trupe acadêmica. Mantenhamos, pois, nosso exercício descoisificador, desinventor de algumas práticas...

:a juventude da psicologia tupiniquim e uma falsa dicotomia

A gente vai contra a corrente
Até não poder resistir
Na volta do barco é que sente
O quanto deixou de cumprir
Faz tempo que a gente cultiva
A mais linda roseira que há
Mas eis que chega a roda viva
E carrega a roseira prá lá...

Chico Buarque

A psicologia é uma jovem. Nos seus tenros 45 anos de Brasil[64], sua mocidade carrega um paradoxo: a um só tempo, depara-se com a possibilidade da sua (re)invenção

[63] Moraes, 2004. A expressão "caros colegas" é de Bruno Latour, utilizada para enfatizar como os enunciados ditos científicos são legitimados como tais graças aos colegas que compõem o coletivo da comunidade acadêmica, e não graças a uma suposta fidedignidade a uma realidade verdadeira e última, de uma natureza em si.

[64] A profissão foi regulamentada em 1962 (COIMBRA, 1995), data notavelmente recente se comparada a outras profissões, como a do advogado por exemplo, cujo surgimento no Brasil remonta ao início do século XIX. (Fonte: http://www.oab.org.br/hist_oab/antecedentes.htm)

flexível em diferentes direções, mas também é cobrada insistentemente a adquirir uma identidade que lhe confira reconhecimento tal qual verdade segura e imutável. E este pólo é o que mais pesa. Faz-se constante em nossas experiências na universidade, no cotidiano do trabalho, nos comentários com amigos (como esquecer as brincadeiras com os jargões?) a atribuição quase automática de uma espécie de superpoder intrínseco à psicologia que lhe dá aval para explicar tudo. Os psicólogos parecem ser criaturas capazes de interpretar sonhos com precisão, educar crianças problemáticas, prever comportamentos, curar patologias misteriosas, apaziguar conflitos, exterminar o sofrimento quando ninguém mais conseguiu (pedagogos, pais, médicos, colegas de trabalho, etc). Isso sem, é claro, envolver seus impuros sentimentos neste trabalho tão complicado. Seríamos algo próximo a super-heróis? Super... *poderosos*? É no que parecem acreditar os executores e usuários de uma psicologia "resolve-abacaxi"... E, de fato, como vimos com Foucault, operadores do poder o somos, na medida em que ocupamos o lugar de intelectuais em uma sociedade que enaltece os detentores de saber.

Ainda que aquelas afirmações soem absurdas, estamos aqui apenas levando ao pé da letra uma expectativa cientificista que, além de forjada no plano social sob a ótica da divisão do trabalho capitalista, é sustentada por colegas da profissão através da reprodução de práticas pretensamente neutras, universais, objetivas e imparciais (COIMBRA, 1995). Nunca é demais lembrar que essa lógica é reverberada por muitos de nós sem intenções fundamentalmente ruins. Quando falamos de outros profissionais não queremos acusar ninguém, já que também nos incluímos nesse *modus operandi* em vários momentos (o leitor já sabe: não é pessoal!). Muitas vezes, o que impera é um certo fascínio pelo poder que nos passa despercebido ao sentirmos uma enorme satisfação em estarmos "salvando" ou "ajudando" outrem que supomos estar desfavorecido ou mais "vulnerável" – para usar a expressão mais recorrente quando o assunto é juventude pobre. Seduzidos por esse lugar, é difícil recusar uma condição de superioridade e centralidade, até porque estamos subjetivados – isto é, estamos construídos sujeitos – em um contexto que nos leva a naturalizar essa posição de peritos da subjetividade. Não à toa a figura do psicólogo é associada a alguém equilibrado, abstêmio, sóbrio... coisa que no Abrindo Caminhos procuramos recusar:

> **Assunto: movimento Florence e grupo**
> Florence tem comentado sobre fazer faculdade, não sabe se de história, de educação física, de psicologia. Dia desses me perguntou se era bom fazer psicologia e sua chefe veio com "Bem capaz, Florence, tu não tem perfil de psicóloga...!" Eu questionei o que seria

> esse perfil, e ela "uma pessoa centrada, neutra, não louca que nem a Florence!". Florence diz que nada a ver, que sua amiga disse que ela poderia ser psicóloga porque ela entende as pessoas. Perguntei então o que ela achava que era ter esse jeito, ela falando que tinha acertado o que a amiga que foi mãe na adolescência sentia. Ela falou em alguém que sabe o que o outro sente, como pensa. Questionei se não era um pouco difícil saber o que se passa na cabeça dos outros, como se tivéssemos uma bola de cristal. Concordei que existe uma vontade de entender/saber sobre a subjetividade, mas talvez mais pra pessoa mesmo se entender...
> A Florence ainda disse que não precisava ser tão certinha pra ser psicóloga, "a Júlia por exemplo não é!" (hehehehe...) "E nem tu, Alice".
> Nem eu escapei dessa. Que bom!
> (Diário Coletivo Ventovida, em 25 de outubro de 2006).

Em um país onde grande parte da população é jovem (aproximadamente 48%[65]) e os holofotes midiáticos exaustivamente visibilizam aqueles que cumprem ou "deveriam" cumprir medidas "socioeducativas[66]" e "de proteção", fica evidente a relevância de problematizar constantemente as maneiras que trabalhamos com esta juventude. Há uma enjoativa repetição de enunciados em noticiários, jornais, revistas e conversas de bar que ora *condenam* a psicologia a uma função de "punição dos jovens perigosos", ora a grudam a um *dever* de "defesa da juventude abandonada", como se esta não pudesse fazer quase – ou absolutamente – nada sozinha.

Mas isso não é de hoje. Desde 1923, com a criação do Juizado de Menores e, em 1927, com o Código de Menores[67], teorias higienistas, racistas, eugênicas e intimistas da psicologia e de áreas afins têm influenciado significativamente a intervenção de um sem número de profissionais com crianças e adolescentes pobres, bem como a maneira da sociedade em geral percebê-los (COIMBRA e NASCIMENTO, 2003). Não é difícil notar uma crescente biologização e medicalização dessas vidas, como nos diz Foucault (1980). Modulações do que este autor chamará de biopoder (FOUCAULT, 2002; 2007; etc.), como algumas vezes aparece em nossa experiência e nos indigna:

> **Assunto: vendaval**
> Foi dito que na FASE os técnicos medicam os jovens por nada, até quando não estão em drogas, sí para acalmá-los. Na FPE, contava Florence, bateu em todas as gurias na casa pra ser respeitada, menos na Cássia. Por que? "Por que com ela eu converso."

[65] Segundo o último censo do IBGE, em 2000, aproximadamente 34 milhões de brasileiros têm entre 14 e 24 anos. Fonte: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/tabelabrasil111.shtm.
[66] Apesar de apenas 0,15% dos jovens de 12 a 18 anos estarem em privação de liberdade. Fonte: http://www.risolidaria.org.br/estatis/view_grafico.jsp?id=200501280026#_ftn2%23_ftn2.
[67] Revisado em 1979.

> Questionei se dar remédio e dar porrada não seriam formas de evitar a conversa, de desviar da dificuldade que é escutar as pessoas – falaram de como aqui na PR não precisam gritar com ninguém, brigar com ninguém, nem vice-versa. Aqui ninguém dá remédio tampouco. A maneira como são vistos os jovens é diferente...
>
> (Diário coletivo Ventovida, em 26 de janeiro de 2006).

> **Assunto: ainda Héstia + medidas**
>
> Me liga a técnica do abrigo residencial hoje dizendo que a Héstia não veio hoje porque "não sei se tu sabe", disse em tom quase sussurrado, "mas ela tá tomando medicamento... ela foi num psiquiatra e ela é bipolar, então ela tá tomando medicação e tá meio amolada".
>
> Pronto! Conseguiram arrastar a Héstia pro psiquiatra, conseguiram classificá-la num diagnóstico e numa medicação tarja preta. Pronto, assim dopada ela não pode fugir, ela não dá problema, ela não incomoda. [...] Me apavorei, sua chefe também pouco entendeu esse encaminhamento psiquiátrico. Aí está uma marca do higienismo e das práticas psi que andamos lendo na Cristina Rauter e na Cecília Coimbra: patologizar para despotencializar e despolitizar o sujeito. Coisa dos anos 70? Coisa de FEBEM São Paulo? Coisa de Rio de Janeiro? Não, estamos em 2006 e no Rio Grande do Sul, com sua moderna e científica divisão de FPE e FASE, os saberes "espacializados". Ah, mas se eu quero saber mais disso! Mesmo que seja por fora do Projeto, mesmo que seja escrever alguma coisa, não dá pra ver isso acontecer sem fazer nada!
>
> (Diário coletivo Ventovida, em 27 de setembro de 2006).

Arantes (1999), Bulcão (2002), Coimbra e Nascimento (2003) nos apontam o abismo entre duas infâncias/juventudes construídas pelo Código supracitado: trata-se do *menor* – criança ou jovem "em perigo" ou "perigoso" por ser abandonado, carente, infrator, perambulante – e da *criança* – saudável, que estuda, que tem família, e por isso não requer assistência especial[68].

Gostaríamos que houvesse sido suficientemente potente o movimento coletivo e multidisciplinar que lutou e logrou a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990 para romper com noções senis e dar espaço a novas práticas. Nem tanto. O ECA é só mais uma força em embate nesse campo. Há de lembrarmos que, em nosso país, 300 anos de escravatura e ainda 63 anos de Código de Menores reforçaram idéias de que jovens pobres têm uma personalidade desviante – e, portanto, ou são uma ameaça à sociedade ou são vítimas incapazes de protagonizar suas histórias. Não é de se

[68] Para saber mais, sugerimos ao leitor que acesse o material produzido no Programa de Intervenção Voltado às Engrenagens e Territórios de Exclusão Social, desenvolvido pelo Laboratório de Subjetividade e Política (LASP), vinculado ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense (PIVETES/UFF). O grupo publicou dois livros até agora: "PIVETES: A produção de infâncias desiguais" (NASCIMENTO, 2002) e "PIVETES: Encontros entre psicologia e judiciário" (COIMBRA, NASCIMENTO e AYRES, 2008).

surpreender que ainda escutemos com enorme freqüência termos como *menor*, *infrator* e *abandonado* vinculados a práxis *psi* – em grande parte das vezes apoiadas em um referencial familiarista, de sujeito de essência, de estrutura, cujos mistérios devem ser desvendados (COIMBRA e NASCIMENTO, 2003).

É o discurso psicologizante *sobre* os jovens que fortalece, por um lado, a *vitimização* daqueles que estão "sob proteção" do Estado e, por outro, a *diabolização* daqueles que estão "em conflito com a lei", forjando discursos de diagnósticos nessa linha. Isso, sem dúvida nenhuma, é separar subjetividades das suas possibilidades de vir a ser. Quem cometeu ato infracional é fixado à embalagem de "cruel", "ardiloso", "perverso", indivíduo culpado por ser o algoz da violência, em razão do que às vezes é apenas um evento em sua vida. Já quem passa pelo abrigo é igualmente despotencializado e despolitizado, por ter sido grudado ao rótulo de vítima passiva de uma sociedade violenta. Em ambos casos, observemos, há também a separação do que seria o sujeito ensimesmado e o plano social, como meros intercomunicantes: ora a violência é culpa de alguns, ora é imposta por aquilo que parece ser uma entidade chamada "social". *Interno* e *externo*, aí, muito bem demarcados.

Isso é visível e revoltante para nós que queremos trabalhar de outras formas, como o foi em uma ocasião em que duas estagiárias do Estação PSI visitaram, na FASE, um jovem que participara do Abrindo Caminhos:

> **Assunto: O boné e a psicologia e a vingança**
> [...] na descida da escada a psicóloga [da unidade da FASE visitada] pergunta quem são as estagiárias de psicologia do projeto. Eu e Julia Be nos apontamos. Perguntamos sobre a audiência [do jovem]...ela olha e fica em silêncio. Quando ela retorna, é pra bombardear...é guerra..."Vocês conseguem ver ele como um sedutor dissimulado, não conseguem?" Soco no estômago, como quem diz: "Vocês estão vendo ele de outra forma, mas não pode ser, vocês conseguem enquadrá-lo neste diagnóstico!!" A única coisa que consigo responder é: "é...nós procuramos não classificar dessa forma". (silêncio) O Odisseu é um cara inteligente! Então ela diz "sim, muito inteligente e tem que ser mesmo né???", enquanto abre a última grade para sairmos.
> Ai ai. Que coisa. Tem que ser inteligente para sair de lá. Tem que ser sedutor e dissimulado. Com certeza.

> **RE: O boné e a psicologia e a vingança**
> [...]Foi realmente impressionante. A raiva, a violência, a angustia. Uma instituição que priva de liberdade não só os jovens, mas todos que lá se alojam; que lá encontram a possibilidade de não ver mais possibilidades.[...]
> Aí estão as várias psicologias...as mesmas palavras....os sentidos são outros...mas aquela psicóloga que #$¨¨&*())_@!+!!!!

(Diário Birutar, em 02 de dezembro de 2007)

É evidente, logo, que nas instituições onde a psicologia se insere sem analisar seu lugar político – isto é, sem colocar em análise as demandas que lhe são feitas – há um ciclo retroalimentador que só faz endurecer a lógica do *perigoso* ou *em perigo* de que falamos.

Engana-se – o leitor pode perceber – aquele que pensa que há uma oposição entre "bandidos" em conflito com a lei e "coitadinhos" sob tutela da medida protetiva. Uma única lógica sufocante se apresenta aqui e é norte tanto para as práticas que penalizam jovens autores de infrações quanto para aquelas que vitimizam jovens abrigados: a da biopolítica, a da condução de condutas, a da governamentalidade. Todos esses conceitos[69] dizem do exercício de controle sobre a sempre fugitiva vida. Controle esse maior ou menor; em instituição fechada ou aberta; sob pelegos mais ou menos branquinhos, na tentativa de domesticá-la.

Como nos furtarmos ao fato de que entre um modo de intervir diabolizantre e outro angelicalizante é onde reside o vento das infinitas possibilidades?

Talvez pelo risco e imprevisibilidade que essa aposta acarreta é que alguns prefiram não fazê-la...

As práticas em psicologia permeiam o funcionamento da aplicação dessas medidas desde o momento da diferenciação desses jovens dos outros (ditos saudáveis, normais, assistidos, e, portanto, sem necessidade de tutela ou ação do estado sobre eles) para que sejam tomados como os continentes do problema. Passam pelo procedimento judicial (nas funções de peritos) até o acompanhamento na aplicação efetiva das medidas (na esfera executiva, em seus cargos de técnicos das instituições, onde fazem laudos e avaliações no intuito de influenciar em progressões e regressões de medidas socioeducativas; e para assegurar comportamentos condizentes com o funcionamento de abrigos no caso de medidas de proteção). Mesmo quando esses jovens não estão mais em medida nenhuma elas seguem, muitas vezes, neles e nas práticas psicológicas: são os *egressos* do sistema, agora já estigmatizados pelas medidas que vivenciaram, muitas vezes engessados nos modos de ser cuidadosamente forjados nesse processo todo. As práticas *psi* aí presentes querem de toda forma incluí-los no funcionamento capitalístico

[69] Conceitos trabalhados principalmente nas últimas obras de Foucault, especialmente em cursos no Collège de France ministrados entre 1977 e 1979: "Segurança, Território, População" (Foucault, 2008a) e "O nascimento da Biopolítica" (Foucault, 2008b).

da “boa via” do trabalho, da utilidade para a sociedade, dos modelos de cidadania e de família, ao mesmo tempo em que mantêm as marcas identitárias por ela reforçadas.

Esses mesmos jovens, por sua vez, rebatem o medo e desconfiança depositados neles para nós, psicólogos: ora, como não temer quem vem, há anos, tentando retificar, curar e recuperar suas vidas consideradas defeituosas e viciosas em prol de um modelo de homem que nada tem a ver com tais existências?

:práticas psi e governo – desfritando ovos

> *Muitas psicologias...*
> *Nos surpreendemos ao ouvir que esta modalidade de trabalho [Orientação Profissional] não poderia se aplicar a jovens com questões sócio-econômicas diferentes de um padrão classe média.*
> *A psicologia é somente para alguns?*
>
> Diário coletivo Birutar, em setembro de 2007.

Nosso olhar recai não apenas sobre as práticas de uma psicologia enquanto disciplina ampla, mas também sobre as chamadas “psicologia social”, “psicologia clínica”, “psicologia jurídica” e outras que se ocupam da temática dos adolescentes em medidas “socioeducativas” e daqueles em medidas “de proteção”. Fazeres que são assim especializados por estarem de acordo com nossa desesperada ramificação de saberes que dêem conta disso que há e que sempre se nos escorre pelas mãos: o que desordena, o que destoa, o que resiste. “O poder só se exerce sobre ‘sujeitos livres’”, nos diz Foucault (1995b, p. 224). Desespero esse típico da lógica capitalista e que cria tais divisões como demandas de mercado. Fazeres que fabricam existências através de saberes legitimados bem como reivindicados pela população, visto que “o que faz a força da subjetividade capitalística é que ela se produz tanto no nível dos opressores quanto dos oprimidos” (ROLNIK & GUATTARI, 2005, p.44). Psicologias adaptativas, ortopédicas, que não necessariamente *eliminam* vidas infames, mas as visam modular em prol de um modelo de homem que ainda não caducou no imaginário social: o do homem bom, do homem saudável e amparado (o que não deixa de ser *eliminação* de um modo de vida em prol de outro!). Em outras palavras, psicologias (ou práticas *psi*) que se ocupam das vidas juvenis geridas por políticas estatais ditas públicas. A psicologia

resolve-pepino reaparece em nosso texto, agora acompanhada do programa de que faz parte, o tal polvo megalomaníaco do neoliberalismo.

Mas que gestão é essa? Que práticas exatamente são essas de controle e que efeitos têm sobre as possibilidades de efetuação da vida enquanto multiplicidade?

> **Assunto: eles sabem o que querem**
> A monitora na época, antes da jovem ser selecionada no PROUNI [Programa Universidade Para Todos], disse que pessoas como ela tinham que se contentar com trabalhos mais braçais. O jovem responde que se a monitora queria podar, que fosse ser jardineira, e não trabalhar com gente...
> (Diário coletivo Birutar, em 07 de setembro de 2007)

Para responder minimamente a essas indagações, é necessário fazer um *zoom out* em relação ao plano dessas práticas. A título de localização e mesmo de coerência, temos de prestar atenção ao campo de forças em que elas emergem – já que, uma vez com os bolsos furados, fomos chacoalhados e já não somos mais "psicologia-coisa". Não podemos atribuir um modo de intervir a determinadas pessoas ou mesmo engatá-las a supostos vilões, "causadores" de uma psicologia passível de crítica. Se assim o fizéssemos, estaríamos reiterando a mesmíssima lógica que queremos combater: a da pessoalização, da essencialização, da culpabilização, isto é, uma operação que encontra em locais ou pessoas origens para um movimento que na realidade se dá na relação, na tensão de forças. Ações sobre ações (FOUCAULT, 1995b). Lembremos de Lilia Lobo, já citada anteriormente nesse texto, quando questiona como desinventamos algo ("como desfritar um ovo?"): se é impossível desaprender o que já sabemos, analisemos como chegamos a ser o que somos, tal qual Foucault (2005) também recomenda, para então podermos fazer diferentes usos dos saberes que já adquirimos ao longo da história.

O que não pode escapar à nossa análise é que fazemos parte – e o pacote inclui todas as contaminações de nossos afetos e incertezas – de uma microfísica de poder que se embrenha sutilmente em toda a trama da sociedade, onde subjetividades são engendradas – inclusive as dos psicólogos, faça-se atenção! Isso nos ensina brilhantemente Michel Foucault, ao descrever a governamentalidade: não se trata de um poder concentrado exclusivamente nas mãos do Estado, e sim de um

> conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, cálculos e táticas que permitem exercer esta forma bastante específica e complexa de poder, que tem por alvo a população, por forma principal de saber a economia e por instrumentos técnicos essenciais os dispositivos de segurança (FOUCAULT, 1979, p. 291-292).

Isso não aparece do nada. O mesmo autor nos mostra como, com o surgimento de uma nova forma de política do poder bastante sofisticada – o Estado moderno – no século XVIII, articularam-se ambos os processos de *totalização* e de *individualização* de maneira incrivelmente sagaz (Foucault, 1995b). Isso se deve ao fato da incorporação, por parte do Estado, da tecnologia do poder pastoral: se a preocupação, por um lado, era voltada à gestão das populações e de seus grupos específicos, não perdeu-se de vista o governo sobre cada indivíduo em particular, o que se deu através de inúmeras instituições espalhadas no campo social: a família, a medicina, a psiquiatria, a educação, etc., num engenhoso e eficiente conjunto de mecanismos de condução de condutas (FOUCAULT, 2008a). Leitor de Foucault, Deleuze (2006) afirma que há uma sobreposição de técnicas de controle no contemporâneo que faz do exercício de poder um processo cada vez mais difuso e que, para além de estabelecimentos fechados e instituições disciplinares bem delineadas, tais relações vão se dando mais e mais a céu aberto e nas microrrelações. O filósofo aponta que a linguagem predominante desse novo modo de incidência do poder é numérica, tornando os indivíduos *dividuais* e as massas, *mercados* ou *dados*[70]. Ainda assim, se o indivíduo passa a ser divisível, ele o é apenas em uma grande quantidade de... cifras (quantas senhas e códigos diferentes possuímos hoje para termos acesso a informações?)!

A questão "quem sou eu?", destarte, permanece intimamente ligada à noção de identidades prontas – e, no contemporâneo, desejamos como nunca conhecer-nos a nós mesmos. Ainda estamos, pois, sob influência hegemônica de um mesmo modo de subjetivação individualizante e, consequentemente, totalizante: "o sujeito universal, estável, unificado, totalizado, individualizado, interiorizado" (ROSE, 2001).

Sufocado, caro leitor? Se, para Deleuze, neste seu "*Post scriptum* sobre as sociedades de controle" a advertência é para os perigos dos anéis de uma serpente insidiosa (esperta, é capaz de nos envolver rapidamente e fazer de nós um dos seus anéis, funcionando a seu favor), talvez tenhamos que tomar cuidado, em nosso barco, com cantos de sereias capitalísticas... Uma vez seduzidos pela possibilidade de tesouros fáceis (ah, como é fácil se apaixonar pelo poder!), podemos nos afogar na reprodução

[70] Rose (2001) faz uma minuciosa descrição de como aspectos subjetivos de uma população são transformados em números, com a ajuda das ciências *psi*, para poderem ser medidos, calculados, e assim poder rebater individualidade e população: "As inscrições psicológicas da individualidade permitem que o governo opere sobre a subjetividade".

do já dado, do já conhecido, da hegemonia... sim, um sufoco! Nada de metáfora: a sensação corpórea é mesmo a de pouco ar circulando – ao menos para nós.

Mas nos toca ainda reforçar algo: para Foucault (2006), as relações de poder em si não são nada ruins: elas estão por toda parte, em qualquer relação de professor e aluno e mãe e filho e colegas de trabalho e irmãos e amigos e empregado e empregador. O que há são nuances: em jogos estratégicos entre liberdades, uns se deixam conduzir por outros, ou negociam condutas em troca; já quando se fala em tecnologias governamentais, trata-se de um governo, por exemplo, de pais sobre seus filhos. No entanto, "há efetivamente estados de dominação. Em inúmeros casos, as relações de poder estão de tal forma fixadas que são perpetuamente dessimétricas e que a margem de liberdade é extremamente limitada". E isso não é detectado de forma brutal: o poder que tende à dominação já está tão naturalizado e impresso em nossas subjetividades que atualmente observamos um crescente pedido (e nos pegamos pedindo também) por tutela do Estado, controle, leis, mais governo, mais dominação sobre o que é anormal – vide as criminalizações de movimentos sociais, por um lado, e, por outro, pedidos dos mesmos por criminalizações, como a do racismo, a da homofobia e a recente criação da lei Maria da Penha (BRASIL, 2006).

Pensando então em nossos saberes-práticas *psi*, o quanto estamos contribuindo (e já contribuímos, ainda que sejamos tão jovens enquanto campo de saber), para modos de governar que tendem, de maneira certamente cada vez mais sofisticada, para estados de dominação? E o quanto estamos favorecendo o exercício de liberdades? De que noções e tecnologias as psicologias mais tradicionais têm se servido para tanto?

:o problema é (m)eu ou o Eu como problema

E é impossível nos furtarmos ao fato de que saberes-fazeres *psi* cooperam uma rede que modula existências na direção da delimitação de um "eu", seguramente para melhor governá-las. É essa a sua contribuição mais importante para operacionalizar o governo. Contudo, é de suma importância (questão de vida ou morte?), subvertermos a idéia de que o indivíduo, como categoria – ao contrário do que viemos reiteradamente sendo acostumados a pensar – é universal e atemporal.

Historicizemos para respirar: essa noção ganha emergência e destaque em determinada época, principalmente nos séculos XVIII e XIX (justamente, como

dizíamos, contemporâneo à consolidação do Estado moderno e do Iluminismo). É nesse mesmo período – meados do século XIX –, dirão Coimbra & Leitão (2003), que um modelo específico de família e de lar também é fabricado, intensificando a noção de um homem intimizado, voltado para o conhecimento de si mesmo. Guattari & Rolnik (2005), na mesma direção, apontam como os conjuntos familiares e sociais são usualmente entendidos como superestruturas em relação à subjetividade individuada. Em oposição a este padrão de homem, personificação do âmbito privado, está o público: lugar de perigo, das doenças, da barbárie, onde os coletivos tão ameaçadores circulam. Dicotomias de interno-externo, homem-sociedade e rua-domicílio ganham aí suas cristalizações, junto com a forte vinculação de subjetividade e individualidade.

Há notadamente um projeto de serialização capitalística[71] que investe nesse movimento e que forja o individual, o que lemos aqui como apenas um entre os muitos modos de subjetivação possíveis (BARROS, 1994). Nikolas Rose (2001), estudioso de Michel Foucault, entra em nossa discussão ao trazer à baila certas práticas regulatórias bastante atuais, respaldadas na perspectiva da identidade que muitos de nós *psis* ajudamos a construir e manter:

> Na vida política, no trabalho, nos arranjos domésticos e conjugais, no consumo, no mercado, na publicidade, na televisão e no cinema, no complexo jurídico e nas práticas da polícia, nos aparatos da medicina e da saúde, os seres humanos são interpelados, representados e influenciados *como se fossem eus* de um tipo particular: imbuídos de uma subjetividade individualizada, motivados por ansiedades e aspirações a respeito de sua auto-realização, comprometidos a encontrar suas verdadeiras identidades e a maximizar a autêntica expressão dessas identidades em seus estilos de vida. [...] A julgar pela popularidade das problemáticas do psi na mídia, pelas demandas e por toda espécie de terapia e pela enorme quantidade de todo tipo de conselheiros, parece que os seres humanos, ao menos em certos locais e entre certos setores, acabaram por se reconhecer nessas imagens e nesses pressupostos e por se relacionar consigo mesmos e com suas vidas em termos análogos – isto é, nos termos da problemática do "eu". (ROSE, 2001, pp.140 e 141)

Ora, se faz necessário, portanto, pensarmos de que formas estamos reforçando conceitos generalizantes de "eu"s e *para quê* o fazemos.

O leitor pensa junto: desencaminhar a psicologia deve passar por aí: desfazer a idéia de *eu* como dimensão fechada em si, apartada de um ambiente. Retomamos: se não há como negar tudo o que sabemos ao longo de anos – aqueles de nossas vidas e

[71] As palavras de Barros vêm a reboque das de Guattari (1991), que se utiliza da expressão "capitalístico", ao invés de "capitalista", para marcar que capitalista não é apenas um sistema econômico, mas também um fabricante de modos de ser contemporâneos. A produção em série não é mais apenas de bens e serviços, mas também de signos, de comportamentos, de desejo, enfim.

aqueles densamente herdados como conjunto de práticas – deveremos então fazer outro uso do que sabemos. Conforme já nos deram a pista alguns de nossos intercessores nesse texto, o ovo já está frito e um pente é um pente, mas eles mudam nos usos que fazemos deles. Uma vez interpelada pelos jovens ("diz aí o que é a psicologia!") e já tendo cumprido o tema de casa necessário de desinventar a psicologia, reincide a questão: no paradoxo do não saber o que fazer, os bolsos estão furados. Não me sai da cabeça a frase-analisador da supervisora que diz: "vais ter que inventar".

Georges Canguilhem (1972) se pergunta, como nós e como os jovens do Abrindo Caminhos, "O que é a psicologia?". E, depois de nos levar pelo vasto caminho percorrido pelos projetos deste domínio de saber em seu texto, retoma a tensão entre psicologia e filosofia que o inicia:

> É, pois, muito vulgarmente que a filosofia coloca para a psicologia a questão: dizei-me em que direção tendes, para que eu saiba o que sois. Mas o filósofo pode também se dirigir ao psicólogo sob a forma — uma vez que não é costume — de um conselho de orientação, e dizer: quando se sai da Sorbonne pela rue Saint-Jacques, pode-se subir ou descer; se se sobe, aproxima-se do Pantheon, que é o Conservatório de alguns grandes homens, mas se se desce dirige-se certamente para a Chefatura de Polícia. (CANGUILHEM, 1972, pg.123)

Estamos psicólogos, como bem pontua Guattari (2005), em uma encruzilhada: ou reproduzimos modelos de intervenção que seguem na grande, porém abafada avenida-hegemonia subjetiva; ou buscamos ruelas, becos-saída onde circule o vento para processos de singularização e coletivização.

Na própria rue Saint-Jacques, entre o Pantheon e a Chefatura de Polícia, certamente há muitas vielas...

.Há de se catar ventos

Primeiro o menino viu uma estrela pousada nas pétalas da noite
E foi contar para a turma.

A turma falou que o menino zoroava.

Logo o menino contou que viu o dia parado em cima de uma lata
Igual que um pássaro pousado sobre uma pedra.
Ele disse: Dava a impressão que a lata amparava o dia.

A turma caçoou.

Mas o menino começou a apertar parafuso no vento.
A turma falou: Mas como você pode apertar parafuso no vento
Se o vento nem tem organismo.

Mas o menino afirmou que o vento tinha organismo
E continuou a apertar parafuso no vento.

Manoel de Barros

:a vida tem sempre razão

> *- Não estou aqui porque quero lhe dar lições, se não fosse por outros motivos, porque também estou aprendendo, com dificuldade. Mas já existem demais os que estão cansados. Minha alegria é áspera e eficaz, e não se compraz em si mesma, é revolucionária. Todas as pessoas poderiam ter essa alegria mas estão ocupadas demais em ser cordeiros de deuses.*
>
> Clarice Lispector

Diante da encruzilhada, o andarilho retoma as questões: o que queremos? Como conseguí-lo?

A divisão do problema em duas questões é desnecessária. Ora, se já partimos do meio, é no *como* que o *para quê* se constrói: na prática, na experimentação, no exercício é que metas são traçadas coletivamente. Assim foi em Porto Alegre, assim segue sendo no Rio de Janeiro e outros portos alegres que hão de vir. É no caminhar que desenhamos nossos destinos. Na navegação, definimos nosso norte. Pistas para desencaminhar um "eu" se anunciam. *Encontro: meta e meio*.

Mas vamos mais além... queremos vida, passagem de vida, afirmação de vida como multiplicidade, como plano de possibilidades de modos de ser. Já dizíamos no início dessa escrita que não nos referimos à vida como essa biológica, que termina com a morte de alguém. Não quisemos explicar do que se trata a vida ao longo dessa dissertação; importa muito mais o leitor poder intuí-la, identificar sua presença transbordante e fugidia perpassando todas as relações. A vida a que nos referimos é entendida, com Deleuze (2009), como imanência de uma imanência. E, sendo assim, "a imanência absoluta é em si mesma: ela não existe em alguma coisa, para alguma coisa, ela não depende de um objeto e não pertence a um sujeito" (idem, p.1). É potência, força, vivacidade que se efetua – ou melhor, se *atualiza* – de modos diferentes dependendo de como se encontra com outras forças em determinados momentos e corpos: "todo onde pululam diferenças, espraiam singularidades e acontecem devires" (MIZOGUCHI, 2009, p. 57). É nos escapes às constrições feitas a ela que a vida se afirma como multiplicidade, como potência: se entendemos que potência diz daquilo que algo pode, então "a potência da vitalidade está em querer a si mesma, em afirmar a multiplicidade que compõe sua estranha unidade" (idem, ibidem, p.58).

Observamos que há vidas juvenis que se afirmam no encontro, que rasgam planos de organização e tentativas de docilização. Agora o leitor compreende ainda melhor quando falamos em como os diagnósticos *psi* (muitas vezes incorporados no senso comum como estigmas) *despotencializam* o que em verdade são subjetividades nas quais múltiplas formas de existir podem se atualizar. Entende que a vida não é boa em si, pois é força – e não essência transcendente. Já é clichê que a vida vem em ondas como o mar, é bem verdade; todavia o dizer é preciso no que concerne ao que não é de uma uniformidade, e sim de variações em si mesmo – ondulações. Não à toa viemos falando de cartografia: há de se acompanhar tais movimentos. É justo por isso que a vida – e o deixar que ela passe – exige delicadeza e cuidado.

> **Assunto: encontro e paixões e delicadeza**
> Alice
> Tu vais enlouquecer quando tiver acesso ao vídeo que o Mateus fez para o salão de extensão com a fala de Gabriel!!!!!!!!!! Tu és citada, vários são citados, e todos que produzem vida são, é uma voz potente que enuncia coletivamente e ao mesmo tempo é o Gabriel ali, falando de si, da vida, da possibilidade de fazer diferença com paixões tristes que vão passando por mutação e coexistem com o apaixonar-se por compor com outro e uma alegria delicada surge. Delicada e prudente por não ser aquela sensação ideal de tudo está resolvido, e sim por ser o processo que é vivido com toda sua intensidade.
> Gislei
>
> (Diário coletivo Birutar, em 09 de setembro de 2008).

> **Assunto: O grupo de hoje**
> Agora penso que é um segundo momento, não que o primeiro não siga, pois é rizoma, mas acho que agora a psicologia olha para sua prática e pergunta o que fazer com isso? Temos feito muito, chamado a rede, pensado saídas, outras foras, mas a intervenção em si tá pedindo uma liberdade seguida de delicadeza e prudência...
>
> (Diário coletivo Birutar, em 19 de novembro de 2008)

Antes falamos, junto a Foucault (2005), de um *êthos*, uma via filosófica, que trouxesse à luz o que fizemos de nós mesmos para então dar passagem a outros modos de fazer-viver. Pois bem, a aposta é essa porque estamos cansados de ver não só juventudes, mas também psicologias ensimesmadas, cristalizadas, engessadas, presas, associadas a modos de subjetivação hegemônicos capitalísticos. Individualização. Institucionalização. Identidades fixas: alguns jovens "são" perigosos. Outros, coitadinhos. As práticas *psi* que ajudamos a construir opera verdades universais e está inevitavelmente ligada a essas produções de modos de ser jovem no contemporâneo. Arquiteta esquemas. Constrói regras gerais. Normas estendidas a todos. Entre essas juventudes e psicologias, há medos. Criam-se invólucros de uns para outros ("vocês

percebem que ele é dissimulado?";"a psicologia põe alguma coisa na cabeça do cara"). Numerosas formas de ser jovem e de fazer psicologia... mas que convergem sempre para o que diz de identidades *individuais* e verdades *totalizantes*. A psicologia operando linhas de controle sobre o outro nos dispositivos que habita.

O que isso produz? Violência, reducionismo, sofrimento, repetição, separação. Deleuze, na esteira de Espinosa, dirá que também tristeza é efeito disso:

> E o que é a tristeza? É quando estou separado de uma potência da qual eu me achava capaz, estando certo ou errado.
> "Eu poderia ter feito aquilo, mas as circunstâncias... não era permitido, etc."
> É aí que ocorre a tristeza. Qualquer tristeza resulta de um poder sobre mim. (DELEUZE & PARNET, 2009).

Igualmente, Fuganti (2008) nos dirá que estamos constantemente, no mundo em que vivemos atualmente, sendo separados daquilo que podemos. A vida, nesse sentido, fica funcionária, governada, e não revolucionária, anárquica, alegre, livre. A tristeza está ligada "aos padres, aos tiranos, aos juízes", nos dirão Deleuze e Parnet (2009) – e aí não há como não lembrar do eficiente casamento do poder pastoral do cristianismo com o Estado moderno assinalado por Foucault (2008a) para melhor governarem-se vidas.

Mas já existem demais os que estão cansados. Queremos romper... *com isso*: queremos experimentar as outras tantas formas de ser e de fazer no mundo. Queremos alegria. Queremos dar passagem a isso tão difícil de nomear. Vida. Queremos liberdade. Queremos poder seguir pensando. Juntos. Pensar como outra operação que não é a reta nem dicotômica. É algo que se faz com o corpo e com afeto. Queremos microrrevoluções. Queremos novidades. Formas de se relacionar no mundo com mais solidariedade, com mais sorrisos. Queremos mais amizade como metodologia. Por que não? Nisso não há nada piegas, não há nada utópico, não há nada impossível. Não é pessoal – não cansamos de repeti-lo. Viver assim e contaminar outros modos de existência com isso que vibra e nos move e nos faz inventar na intervenção que venta e que nos faz escrever e ler e... É político. É impessoal, claro está, já que se trata de vida. E ético, porque não pressupõe estrutura ou normas ou regras constantes. Pressupõe regras apenas se forem facultativas, verdades se forem provisórias. Pressupõe atitude. Pressupõe cuidado para consigo e para com os outros. Meio e fim: ética como meio e fim em vida, em processo, e não a ser (in)alcançado. Podemos dizer: alegria como meio e fim.

A alegria, o leitor já vê claramente, está ligada à efetivação de potências, à resistência e à vida: “Evitemos as paixões tristes e vivamos com alegria para ter o máximo de nossa potência; fugir da resignação, da má-consciência, da culpa e de todos os afectos tristes que padres, juízes e psicanalistas exploram". (DELEUZE & PARNET, 2009). Se queremos dar passagem à vida, à liberdade, à autonomia, devemos sair do que nos faz acreditar em uma unidade de “eu” e “individual” e vamos, no mergulho, na imanência do contato com a água, na intercessão com seu movimento, na direção do que é *coletivo*. E se vamos de *individual* ao *coletivo*, também vamos do *total* ao *singular* (FUGANTI, 2009; BARROS, 1994).

Na contramão de psicologias e outras teorizações universalizantes, pensamos a subjetividade de outra forma. Trata-se – fazendo eco às palavras de Regina Benevides de Barros (1994) que vêm na esteira de Deleuze e Guattari[72] – de um campo de multiplicidades; elementos heterogêneos agenciados que circulam no social e que são apropriados nas existências de cada um. A subjetividade, desse ponto de vista, não é um ente que paira no ar, uma coisa em si, de essência invariável. Ao contrário, se faz na imanência dos encontros. O que existe são modos de ser, formas de estar no mundo provisórias que se tornam possíveis apenas por serem contigenciadas. Quer dizer, são incontáveis condições afetivas, históricas, sociais, familiares que fazem emergir um determinado modo de existência que, assim, será inevitavelmente sempre *singular* e *coletivo*:

> A identificação da subjetividade à individualidade tem sido uma das estratégias de se reduzir os componentes múltiplos e heterogêneos dos modos possíveis de subjetivação a apenas uma de suas possibilidades – a representação universalista e unificada do indivíduo. (p. 151)

O leitor entende: Deleuze e Guattari dão língua a isso que percebemos em nossas experiências: a subjetividade como processo; a subjetivação é algo em produção. E, de certo modo, ele sabia sem sabê-lo (estamos desde o início dando dicas...). Pronto, já se desfez e charada: o “eu” é uma invenção desinventável, assim como a idéia de que a psicologia é uma coisa! A vida tem mesmo sempre razão, e já não é só Vinícius e

[72] Gilles Deleuze e Felix Guattari inauguram sua parceria ao publicarem a controversa obra “O Anti-Édipo”, em 1972. Ali apresentam, dentro da temática principal do desejo, seus primeiros escritos acerca da subjetividade, desmontando formulações mais tradicionais da Psicanálise que lhe atribuem uma natureza estrutural. Para tanto, fazem uso da esquizofrenia como ferramenta para pensar o caráter heterogêneo e variante da subjetividade, sempre ligada a um campo de possíveis. A dupla publicou ainda “Mille Plateaux” (1980), – em português, “Mil Platôs” – entre outras obras, problematizando subjetividade e filosofia.

Toquinho que cantam: talvez tenhamos identificado nosso primeiro *exercício* para chegar ao que queremos...

:interventar - dobraduras de um coletivo psi

Em algum lugar, num dia desses últimos dois anos, assistia a uma aula que falava, mais uma vez – para quem perambula por certos espaços acadêmicos não é novidade! – sobre o poder. Por algum motivo, rabisquei em meu caderninho:

É possível vencer as relações de poder?

(Caderneta Psicologia Social, em 25 de agosto de 2008).

Talvez hoje reformulasse a pergunta, indagando "como não deixar que as relações de poder vençam a potência da vida?", ou ainda: "é possível dobrar as linhas de força do poder em outra direção?" (Deleuze, 2005; 2006). Foucault igualmente se pergunta a esse respeito. Já vimos no capítulo anterior como esse autor fala em *governo* para se referir a *técnicas de poder*. Segundo Ortega (1999) e Senellart (2008), é em determinada época – no final de década de 1970, em seu curso "Segurança, Território e População" – que Foucault abandona noções de "guerra", "luta" e "batalha" para referir-se cada vez mais a "governo" e a uma "agonística". Isso não seria por acaso: para os autores citados, trata-se de um deslocamento estratégico da problemática de sua obra para que possa relacionar as *técnicas de poder* com as *técnicas de si*, articulando o *governo dos outros* com o *governo de si*. Transpor a linha do poder? Deleuze (2006), ao se referir a tal deslizamento executado por Foucault, se une a nós em nossa busca por ventos: "um pouco de possível, senão sufoco!". Mais que romper, vamos na direção do que *dobra* (DELEUZE, 2005).

Foucault alia-se à noção de subjetividade de que compartilhamos: está sempre em vias de feitura, e compreende para isso considerar que nos fazemos sujeitos no contato, nas relações com os outros, com o mundo, com o fora. Portanto, faça-se atenção: o fora não está separado do dentro. Ele é, antes, constituinte do dentro, como quando pinçamos com os dedos um ponto em um tecido: singulares, os cruzamentos de fibras ali não são iguais a nenhum outro ponto do tecido e, no entanto, a matéria-

fazenda é a mesma. Deleuze é quem nos instrumentaliza com essa leitura do que seria a subjetivação para Foucault:

> É como se as relações do lado de fora se dobrassem, se curvassem para formar um forro e deixar surgir uma relação consigo, constituir um lado de dentro que se escava e desenvolve segundo uma dimensão própria. [...] A idéia fundamental de Foucault é a de uma dimensão da subjetividade que deriva do poder e do saber, mas que não depende deles. (idem, p. 107;109)

É nesse ponto que retomamos também a noção de que o Abrindo Caminhos é um dispositivo. Nesse sentido, atualiza-se nossa pergunta de como é operada a linha de fuga, de novidade, a linha de subjetivação no dispositivo (DELEUZE, 1996). Linha de *invenção* que nos acompanha desde o título desse trabalho. Como os vetores de força podem se dobrar para si mesmos de forma a tender à liberdade? Como o processo de subjetivação se dá, no dispositivo, tanto para jovens quanto para a psicologia? De qualquer forma, um processo está imanente ao outro, e se buscamos outros modos de intervir, essa busca se dará necessariamente *junto com* os jovens.

O que não é relação de poder que tende a estado de dominação é por certo outra coisa... Tende, isso sim, ao *cuidado* como *prática de liberdade* (FOUCAULT, 2006b). Michel Foucault nos mostra como, na relação consigo mesmo e com outros, gregos e romanos da Antiguidade (do séculos IV a.c. ao II d.c.) buscavam praticar exercícios que os levassem a determinado modo de vida (FOUCAULT, 2006a; 2006b). Um homem livre era aquele que sabia bem governar a si mesmo e aos outros, sendo o cuidado de si fundamental para tornar-se um bom governante. Ser um homem livre – e não escravo dos outros nem de suas paixões – constituía, para eles, uma questão ética. Destarte, um homem aparentemente distinto – que desse ordens e que fosse obedecido – em verdade não era um bom governante, nem mesmo livre. Esse seria um caso de *abuso de poder*, o que denuncia a escravidão do próprio homem em relação a seus apetites, como são as figuras do tirano ou simplesmente de um homem rico e poderoso (FOUCAULT, 2006b). O mote do cuidado de si repousa – e isso é tipicamente foucaultiano – mais do que em aspectos de prescrição moral (ter ou não relações com rapazes, ser ou não abstinente, ter ou não certo tipo de hábito), no *como* os indivíduos se relacionam com tais preceitos. E, para governar o outro ou a polis adequadamente, o bom governante deve primeiro governar-se bem.

Mas antes que se pense que Foucault estivesse querendo retornar aos gregos, utilizando-se deles como exemplo ou modelo a ser seguido (não é o caso: em uma de

suas entrevistas, diz não achá-los nem admiráveis nem exemplares[73]), façamos atenção ao movimento que permeia toda a sua obra e que também nos inspirou aqui anteriormente. A história nos é útil justamente para problematizarmos o presente; logo, avizinhar-se do cuidado, nessa dissertação, nos vale pelo que pode nos fazer pensar sobre as relações de poder que se dão entre práticas *psi* e jovens no Programa Abrindo Caminhos.

Identificamos, nas leituras de Foucault, nosso interesse naquilo que aparece para nós como uma ética do **cuidado *do* e *no* encontro como prática de liberdade**. Michel Foucault nos brinda com a noção de cuidado como possibilidade de criação de outras relações (consigo e com os outros) para além daquelas em que uns querem comandar a conduta de outros acercando-se da restrição da vida. Ora, se pensamos que o mais interessante está em liberar a vida, no sentido de fazê-la ou deixá-la passar como força potente, como multiplicidade de modos de ser, o que buscamos são práticas, exercícios nos quais uns possam se tronar quanto mais autônomos puderem se tornar. A psicologia "resolve-pepino", aquela de que tentamos sempre escapar e, no entanto, captura tantas subjetividades, é operadora de linhas de poder que tendem ao governo, à condução de conduta do outro (e aqui me refiro tanto à formação de psicólogos quanto à intervenção com juventudes ditas infames, desviantes, juventudes de contracondutas). As práticas *psi* experimentadas pelo grupo de extensão Estação PSI que tanto me mobilizaram e mobilizam para essa escrita, por sua vez, experimentam também (afinal, seria hipócrita dizer que não reproduzimos uma lógica "resolução de abacaxis", de vez em quando!) um outro lugar, tão delicado, de cuidado para com a vida e para com as relações que construímos com os jovens que encontramos.

Deparamo-nos com o que sempre esteve lá: ao perguntarmos *como*, remetemo-nos a tecnologias. Não mais tecnologias de poder que se exerce sobre o outro, assujeitando-o, submetendo-o às nossas prescrições, mas de tecnologias que possam afirmar a liberdade que cada um quer para si, engendrada na relação com o outro, enfim, na relação com o mundo que nos banha. Tecnologias que quiçá Deleuze (2005)

---

[73] "- Um estilo de existência – isso é admirável. O senhor considera os gregos admiráveis?
- Não.
- Nem exemplares, nem admiráveis?
- Não.
- O que o senhor acha deles?
- Não muito brilhantes. [...] Muito rapidamente eles se chocaram contra tudo aquilo que acredito ser o ponto de contradição da moral antiga: entre, de um lado, essa busca obstinada de um certo estilo de vida e, de outro, o esforço para torná-lo comum a todos". (FOUCAULT, 2006b, p. 254).

entendesse como dobras, as tantas pregas que podemos criar para nós mesmos (e que assim se criam na imanência das relações e dos encontros no mundo em que vivemos[74]):

> *Como construir um modo de intervir* ***com*** *os jovens? Mais do que os instrumentos criados (quais podem ser?), as condições necessárias para a invenção desta psicologia. Como criar esse modo? Como criar essa intervenção, essa prática psi?*
> *Fazer junto, entre... mas como exatamente?* ***Prática****.*
> (Caderneta Aulas de dentro e de fora, em 15 de abril de 2007).

> *Como se pode abdicar de uma ordem e poder ser e se relacionar de outras formas sem se cair no individualismo? Como sair do estado de dominação sem cair numa terra de ninguém? Pensar o "nós" primeiro. Por que, gramaticalmente, a 1ª pessoa é "eu"? Como Deleuze, talvez devamos perverter a regra gramatical e fazer do "nós" o pronome que venha em primeiro lugar.*
> (Caderneta Transgressões, sem data).

O leitor percebe, como afirmado no início desse estudo, que buscamos operar no Abrindo Caminhos uma psicologia *ética*. Agora cabe atualizar a indagação: de que ética estamos falando?

> Numa perspectiva foucaultiana a ética pode ser pensada sempre relacionada às circunstâncias incomuns da vida de uma pessoa ou sociedade. Trata-se de situações que, segundo Michel Foucault, colocam os envolvidos numa atitude crítica de suas ações em função da necessidade de decidir como proceder, da melhor forma possível, diante de eventos inesperados. São circunstâncias singulares que exigem que seus participantes arrisquem novas repostas, uma vez que o repertório existente já não é mais suficiente para lidar com os novos problemas. O fato de se tratar de situações problemáticas não significa dizer que sejam de saída, necessariamente, negativas, certas ou erradas. Se na ética cabe algum tipo de avaliação em termos de mau ou bom é sempre posteriormente às ações realizadas, pois trata-se de situações em que as certezas, que garantiriam um julgamento a priori, foram destituídas. (FREITAS, p.10-11).

Nos encontros com jovens do Abrindo Caminhos, certezas vão por água abaixo, as mãos dos *psis* encontram bolsos furados. Mas é também porque não teimamos em aplicar técnicas prontas e esvaziadas de sentido. Dobramos o poder. Não queremos ser controlados e nem controlar. O mar nos navega. Queremos os bolsos furados, pois é só assim que podem circular os ventos da invenção de um cuidado para com a potência de vida a ser cartografado. O "erro", nesse sentido, já não faz... sentido! Pois o que é "certo" não está dado de antemão e só pode ser avaliado mais tarde.

---

[74] Foucault dirá: "se agora me interesso de fato pela maneira com a qual o sujeito se constitui de uma maneira ativa, através das práticas de si, essas práticas não são, no entanto, alguma coisa que o próprio indivíduo invente. São esquemas que ele encontra na cultura e que lhe são propostos, sugeridos, impostos por sua cultura, sua sociedade e seu grupo social." (2006b, p. 276).

Assunto: revisitando ao pensar os egressos
E.mail enviado em 24.05.2004 por Gislei Lazzarotto.
Assunto: bolsos furados ... e arejados. [...]
Esta circulação entre máquinas supervisão-relato-formação é para sairmos da impotência do que não fizemos, e onipotência de que somos capazes de tudo analisar e responder, isentas de equívocos [...]
É preciso se alojar na potência deste processo, menos julgamento e mais encontro. "Achar, roubar, encontrar, ao invés de regular, reconhecer e julgar" ""entre-dois das solidões" (Deleuze e Parnet, Diálogos, 1998). Vamos seguir, produzir, produzir conhecimento. Sim, daquilo que vivemos e conhecemos destes jovens, dos servidores, de nós mesmas. Erros e possibilidades. O que a música destes jovens produz em nós, o trabalho, o sorriso, tudo aquilo que **transgride** a expectativa de que ele é só a infração. É para isso que estamos neste agenciamento. "As coisas nunca passam lá onde se acredita, nem pelos caminhos que se acredita." (Guattari, Revolução Molecular,1987).
Por isso, eu não quero a descrição detalhada do que ocorreu ou deixou de ocorrer. O bolso está furado e eu tenho respirado o roubo de afetos gerados por estes dias, devires de incerteza, as vezes até angústia. E não poderia ser outro afeto senão o de um buraco negro: o choro do jovem que saiu do projeto, o medo paralisador da equipe para trabalhar com este jovem, a impotência da psicologia, a vida consumada na "opção" dos jovens pelo crime conforme ditam alguns profissionais. **TODOS OS BOLSOS ESTÃO FURADOS!**
[...] Que bom! O que seria de nós com roupas hermeticamente costuradas, em que o ar não penetra. Eu quero mais é usar remendos que afirmem as diferenças que nos constroem, as mudanças, os desvios, a possibilidade. "...todos somos bricoleurs", [...] (Deleuze e Guattari, O anti-édipo : capitalismo e esquizofrenia.1972).
Nós poderíamos estar muito bem arrumadas e com roupas que não precisariam nem de bolsos, pois nada precisaria circular, ou ainda, sem correr o risco de respirar a pobreza, a injustiça, a morte. O esteriótipo, a representação, a opção pelo crime, o bolso furado e arejado: contamos com a possibilidade de não guardar as marcas identitárias do criminoso, do cientista, da supervisora , do estagiário de psicologia, pois elas podem ser levadas pelo ar que circula pelo furo?! [...]
A "supervisora" com bolsos furados (e arejados).
(Diário coletivo Mais_vida, em 16 de abril de 2005).

A possibilidade da invenção na intervenção é um movimento que encontra sua condição de possibilidade no encontro com esses modos de ser de jovens tão diferentes dos nossos, tão diferentes dos jovens-conceito dos livros e discursos *sobre* eles; isto é, uma potência de invenção que reside no *encontro,* portanto *local* e *datado*, com jovens. No encontro de vespa e orquídea, algo se dá de forma que nem um nem outro é mais o mesmo (DELEUZE & PARNET, 2004). Jovens e psicologia deixam de ser os mesmos...

Assunto: Mo(vi)mento do grupo

Olha, gurias... nunca vi eles me olharem daquele jeito... aconteceu um encontro. Não sei a duração dele, não sei bem o significado dele, mas a captura mútua de certa forma se deu ali.[...]
Pode ser que estou sendo muito otimista, pode ser que o próximo grupo vai ser um tédio, pode ser que tenha sido ilusão minha achar que algo fez DIFERENÇA ali. Mas pensando no corpo vibrátil do cartógrafo, pra Rolnik, eu SENTI algo. As palavras continuaram escassas, mas a atenção mudou, o olhar se tornou firme, mesmo que não constantemente, as expressões foram quase que de admiração, de descoberta, por isso sustento que algo novo se deu nesses momentos. Vida ali se produziu! Não tenho bibliografia aqui comigo, mas minha cabeça tá a milhão pensando em conceitos como encontro, vida (conversamos no equipe sobre problematizar esse conceito em Foucault), dispositivo, grupo, cartografia....

(Diário coletivo Mais_vida, em 17 de novembro de 2005)

Trata-se, deste modo, não de apresentar um novo modelo de psicologia. Trata-se de fazer consistir uma ética e um modo de fazer psicologia que abra mão de procedimentos pré-estabelecidos pelas tristes utopias do governo sobre os sujeitos e da moral, e partir do **estar com, fazer com e pensar com** como prática de cuidado coletivizado. Foucault (2006b) deixa claro que, para os gregos, o cuidado de si vem ontologicamente primeiro, no entanto a relação com o outro não pode ser pensada em separado, posto que nos constituímos nessa relação. Cuidar de si implica em cuidar do outro.

Assunto: Estagiária em apuros

Tinha jovem novo no grupo hoje. Perguntei se alguém ia explicar pra ele o que era, afinal, o grupo da psicologia... "da psicologia, só? não é grupo da psicologia", disse a Florence, o grupo é dos jovens, é nosso...

(Diário coletivo Mais_vida, em 15 de dezembro de 2005).

Assunto: Mo(vi)mento do grupo

Interessante como na primeira foto em que tão todos na sala de aula da UFRGS, a legenda sugerida foi "grupo nós". Até questionei se aquele poderia ser o nome do grupo... quando será que a gente vai poder dizer "nós", mesmo? Mil devaneios sobre a organização social na cabeça... Como abandonar, como fez Foucault, o pessimismo da percepção saber-poder enquanto controle e partir para uma ética da expansão da vida [...]? O que entendemos como vida? O que é expandí-la? Como desterritorializar corpos no nosso tempo para que mais encontros se efetuem, abandonando (mesmo que seja em parte) a lógica narcísico-individualista [...] que está tão escancarada pra gente, e pensar em um coletivo? Tudo isso pode se dar no macro, mas é começando pela micropolítica que se pode produzir até mais, na minha opinião...
beijos bem afe(tuosos/tados) pra todas

(Diário coletivo Mais_vida, em 17 de novembro de 2005).

É que “gritar ‘viva o múltiplo’ não é ainda fazê-lo, é preciso fazer o múltiplo” (DELEUZE & PARNET, 2004, p. 27). A cartografia nos indica que os acompanhamentos não são macropolíticos – isto é, exclusivamente das linhas duras dos dispositivos, do que é forma, do que é instituído. São, ao invés disso, micropolíticos – pois se instalam também nas linhas de força, moleculares; estão atentos aos cruzamentos que a dimensão do invisível, do sensível faz com o que é molar (ROLNIK, 2006).

Dito isso, a **experimentação do encontro** se faz uma das práticas de liberdade, um dos que poderíamos chamar, talvez, junto com Foucault (2006b), de exercícios, tecnologias de si que nos levam a certo modo de vida, a certo modo de intervir (já que claro está que modos de intervir não se separam de modos de viver para uma psicologia ética). Uma primeira dobra, uma primeira dobradura da equipe Estação PSI. Experimentar mais, interpretar menos, é o que nos recomendam a dupla Deleuze & Guattari em seu bonito texto “Como Criar Para Si um Corpo Sem Órgãos” (2004), posto que não basta simplesmente estar em grupo. É o próprio filósofo dos encontros por excelência, Espinosa, que adverte que não temos controle sobre os encontros. Experimentar significa apostar no encontro. O que vem depois, não sabemos. Compartilhamos com os jovens do Abrindo Caminhos a que viemos, questionamos e os convidamos a inventar juntos, construir juntos algumas metas – convidamos, mas não sabemos o que pode acontecer. Vários personagens que cruzaram nosso trajeto de navio-mambembe, de navio-pirata (posto que somos um tanto clandestinos e que não nos deixamos governar!) reaparecem aqui. Um deles é o trapezista, o circense que nos fascinou por seu salto no espaço vazio, narrado por Baptista (1999)...

> **Assunto: Mo(vi)mento do grupo**
> Foi bem interessante hoje. [...] tive que improvisar o que faríamos no tempo de meia hora que restava. Comecei a contar da ABRAPSO e das pessoas envolvidas e fui sendo tomada por um desejo muito grande de dividir o que falamos hoje de manhã sobre o quanto pensamos/nos importamos/estudamos/trabalhamos com eles! E aí fui contando que aquele encontro da semana retrasada tinha mexido comigo e que fiquei pensando um tempão naquilo, conversei na equipe e pensei muito. Todos me olhavam quase que assustados com a intensidade e honestidade com que eu dizia aquilo. Naquele momento, todos me olharam, foi muito legal, eu senti que afetei eles ao dizer que eles me afetaram.
> Então contei que na ABRAPSO eu levei eles comigo e que no meio daquela gente toda eu pensei muito em como há pessoas estudando e falando DELES e SOBRE eles e que me perguntei o quanto eles tinham noção dessa preocupação toda. Lancei a pergunta a eles, que se mostraram um tantinho surpresos (a gente sempre supõe que

> é óbvio que os jovens sabem que motivam estudos e publicações tantas, mas pode ser que não!!!) E aí eu coloquei que os problemas que se tinha hoje no nosso país [...] não são essa coisa lá longe, esses problemas são os nossos, são os do Héracles, da Atena, da Héstia, do Teseu, da Florence, são da Alice também. [...] a gente quer ouvir eles falando pra fazer alguma coisa JUNTOS. Pra poder dizer "nós todos" e não ficar dividindo "nós" "eles", ou "eu" "vocês". Questionei o que achavam daquilo. Vocês acham que é possível a gente fazer alguma coisa juntos? [...]
>
> (Diário coletivo Mais_vida, em 17 de novembro de 2005)

Nessa aposta, trabalha-se com o que acontece, trabalha-se no fluxo dos acontecimentos, cartógrafos que somos. O cartógrafo, dirá Rolnik (2006, p.66), "não teme o movimento. Deixa seu corpo vibrar todas as freqüências possíveis e fica inventando posições a partir das quais essas vibrações encontrem sons, canais de passagem, carona para a *existencialização*". O leitor já sabia: somos nômades, ainda que o movimento consista em não sair do lugar. Estamos falando também em dessubjetivação, desfazer-se de si em experiências transformadoras para compormos novas constelações subjetivas. Portanto, não há uma teoria coesa e firme, e sim **estratégias temporárias e locais** que podem servir para pensarmos, psicologia e jovens, no que estamos fazendo de nossas vidas e no que vamos nos tornando, bem como nos lugares que ocupamos ao estarmos em um programa como o Abrindo Caminhos, na Procuradoria de República:

> **Assunto: movimento Florence e grupo**
> Os guris estavam mais na sacada, e foi quando ouvimos a batucada do protesto dos do Candomblé.
> Fomos todos pra sacada! [...] perguntei se não queriam descer para ver do que se tratava. Foram todos, menos Éolo. Entrou no prédio um deputado que estava representando o pessoal, pedi licença e perguntei pra ele qual era a reivindicação, os jovens "pergunta tu, Héstia", "pergunta tu, Frixo", "eu não!". Se tratava de um documento denunciando intolerância religiosa por parte da Igreja Universal[...]... Perguntei ao jovens se eles sabiam por que o grupo tinha vindo justo aqui. "Não sei...". Falei dos direitos do cidadão, etc. Mini-aula-amadora sobre o MPF [Ministério Público Federal[75]], no ato, em frente a um exemplo concreto, vivido. Frixo ainda ficou, vidrado na multidão que cantava: "Assim eles, ao invés de fazer justiça com as próprias mãos e machucar alguém, eles vêm cobrar das pessoas que tem que fazer justiça por eles... acho legal isso, tá certo.", ele disse. Eu disse "é, vê como um movimento coletivo faz efeito. Amanhã vai sair nos jornais, eles ganharam a visibilidade que queriam. Agora a sociedade divide com eles as reivindicações, sabe dos direitos deles."
> Adorei o presente do acaso.

[75] Para o leitor que esqueceu, o Ministério Público Federal é a instituição que abriga a Procuradoria da República (PRRS), onde se dá o Programa Abrindo Caminhos.

(Diário coletivo Ventovida, em 04 de setembro de 2006).

O leitor já notou a potência que reside nos encontros em grupo da equipe *psi* e jovens. Regina Benevides de Barros (1994), nesse momento, nos convida a modularmos algo que já foi modulado por Deleuze: o conceito de dispositivo. A autora se apropria do termo para falar do que "faz funcionar, que aciona um processo de decomposição, que produz novos acontecimentos, que acentua a polivocidade dos componentes de subjetivação" (p.151). Assim, o grupo é **dispositivo analítico** na medida em que desacomoda lugares estáveis e dispara outros arranjos possíveis dos componentes incrivelmente heterogêneos que nos constituem. As linhas que atravessam o dispositivo Abrindo Caminhos igualmente estão a todo momento cortando o espaço-tempo do grupo de psicologia e jovens. Novos processos de singularização podem ser atualizados, e a psicologia instala-se justo *no meio* do novelo de que é feito esse coletivo. Essa é mais uma ruga que se faz como prática para nós:

> **Assunto:grupo, lugares e o lugar-violência na gente**
> [...] fiquei pensando no devir-jovem, no jovem que pensa, que problematiza... e no lugar-psicologia. E a Alice e a Julia, por mais que habitem o lugar-adolescente, habitam o lugar psicologia. Aí pensei em nossas avaliações mil, no momento do projeto, no MOMENTÃO ANÁLISE, como eu apelidaria, que está operando com muito intensidade.
> Então fui para a sala [...], onde já estava Héstia e logo chegou Florence. Na semana passada eu havia dito que não ia mais chamar os jovens a cada vez que fizéssemos o grupo: marquei a mesma sala no mesmo horário sempre, e que viesse quem quisesse. Pois bem; depois das gurias chegarem, a Héstia saiu dizendo "vou lá chamar os guris".
> E então procurei **abrir caminhos de análise**. Depois de falarmos [da vista a] Belém novo, a Héstia contou que esteve no DECA[76] por ter guardado uma carteirinha [de ônibus] de passe livre no seu armário. Estava com medo de ir pra FASE. Perguntado, Éolo contou como foi a entrada dele lá, se falou de um ex-namorado da Florence que havia apenas pago uma multa por porte ilegal de armas... quando vi, estavam falando de como se produz na sociedade a necessidade de sempre "ter algo pra ser o gostosão": uma calça da DeMattos, um tênis Puma, um carrão, uma arma... eu não falei nada, hein? Estava só escutando, o dispositivo-grupo disparando análises sobre capitalismo, grupos identitários, adolescência! De uma jeito muito direto, muito dinâmico, falando de si, das saídas pra isso... ADOREI!!!
> (Diário ceoltivo Ventovida, em 07 de abril de 2006).

[76] Delegacia para a Criança e o Adolescente de Porto Alegre.

A escuta passiva, aquela em que havíamos apostado em um primeiro momento nesse contexto de grupo com os jovens, consequentemente cai por terra também. Navegadores de um mar inconstante e afetados pelo que surge como provocação, jogamos o jogo, balançamos com a malemolência ou agito das ondas. O desfazer-se de técnicas que nos orientem é também um exercício fundamental para a ética do encontro para a invenção de si – e nisso insistimos desde o início desse texto, mas talvez o leitor tenha se perguntado como isso efetivamente acontece no momento da intervenção. A fala, **a psicologia poder falar**, é subversão do que normalmente esperamos de um psicólogo. No entanto, pode ser igualmente disparadora de análise, e inclusive pode ser muito mais interessante e produtiva do que longas pontuações vazias do silêncio:

> **Assunto: relatos de quarta!!**
> Posidon comentou sobre a fala de João, que eles nunca tinham conversado sobre isso [infração], que ele tinha vontade de falar mais, talvez nas oficinas? Páris lembra que no início perguntaram a eles se queriam falar sobre isso, os jovens disseram que não... Como é, querem ou não então?? Acho que querem ouvir mais do que falar, ficaram bem atentos ao que dizia João, e lembrei também das falas de Enrique [Reguera], como escutaram totalmente e se interessaram por seguir ouvindo... o quanto a psicologia também fala pouco? Quantas vezes sentamos com eles diretamente pra falar nossa visão sobre a infração? Infração como agenciamento, produção, não individualidade-culpabilidade, embora tenha seus componentes singulares. Alguma vez dissemos isso?
> (Diário coletivo Mais_vida, em 11 de agosto de 2005).

> **Assunto: dia de servidoriar**
> ...fomos percebendo que estar acompanhando os jovens mais de perto, no tal "encontro", demanda tempo, grupo (e o planejamento, análise deste enquanto dispositivo), acompanhamentos individuais que às vezes superam uma hora de duração... e que, para que haja dupla captura, para que haja uma escuta do desejo juvenil (e não a simples escuta daquilo que o jovem acha que é o que queremos escutar pra "fazer o filme" dele), precisamos estar de fato proporcionando espaços livres, espaços nos quais se estabeleçam relações de confiança, os quais às vezes são de escuta clínica (como tem sido com o Hefesto), às vezes são de debate em que me coloco mais no lugar de jovem e problematizo as nossas diferenças e o que nos aproxima (como tem sido com o Éolo)...
> (Diário coletivo Ventovida, em 20 de março de 2006).

> **RE: vendaval**
> Naquele dia em que os jovens ouviram a fita da entrevista com Orfeu, e que ficou um silêncio tão profundo, eu senti que tinha que falar tudo que estava sentindo. Azar se era moralista, mas era realmente o que estava circulando. E falei que não queria ver eles nessa situação, que era muito triste e pesado, que estávamos ali pra poder falar, um lugar de referência quando precisassem. As vezes dizer um NÃO mostra um cuidado, uma preocupação por nossa parte com eles, com o mundo, com a vida. Porque a idéia da

> malandragem não está só nos jovens, está como forma predominante das relações humanas em todo o mundo!
> (Diário coletivo Ventovida, em 27 de janeiro de 2006)

Uma manifestação dessa psicologia que fala, conversa, propõe atividades é também sair dos lugares não só subjetivos, mas também físicos. Certa vez, fomos com alguns jovens a uma palestra na UFRGS, em Porto Alegre, pensando que seria uma atividade interessante, mas ela se revelou entediante. Os jovens não quiseram ficar e as estagiárias *psi* se viram desapontadas por eles não terem aceitado o convite de caminhar pelo Parque da Redenção, ao lado do campus. Encontrávamos o que há de "aborrescente" nesses jovens, o modo de subjetivação que acha tudo aborrecedor e que, para nós, dificultava nosso trabalho por evidenciar um "não querer nada com nada". A questão foi relatada no diário coletivo, e se fez analisadora:

> **RE: revoluções nem tão micro assim**
> independente do tempo, e acredito totalmente no tempo intensivo, no qual se dão os encontros, acho que temos que emprestar nosso desejo!!! Tem horas que eles não querem nada mesmo, e não tem por que quererem, mas tem outras que é o nosso desejo que tornará possível que algo no outro se construa (taí o grupo dispositivo pra pensar como circulam outras cosias, como se podem roubar subjetivações/subjetividades).[...]
> Nem tudo precisa ter um motivo aparente, uma função, quantas vezes fizemos algo sem saber direito por que e no fim saiu algo genial??? Ver uma palestra, ver um filme, precisa ter justificativa?? ou apostamos no que pode se produzir ali, sem antecipação possível?? Tudo bem, não quiseram ir na redenção [parque], nem sempre precisam querer, mas por que não fazer uma redenção de tanto em tanto? Por que não fazer o encontro com psi no gasômetro, na casa de cultura? A cidade é tão rica em espaços que criam espaços subjetivos, por que não usar?
> (Diário coletivo Ventovida, 30 de março de 2006).

Insistimos, pois, na prática de **circular por outros espaços** com os jovens. A Procuradoria da República sempre teve um forte efeito sobre nós – e aí incluo todos os trabalhadores da "casa", no que diz respeito da lógica da produção do trabalho, do fazer, da obrigação do cumprir tarefas. Diversas vezes, psicologia e jovens trabalham a mais, deixam de comparecer a atividades outras que também são parte do Programa para realizar afazeres demandados por seus chefes – fazendo-se atenção que não se trata de uma exigência pessoalizada, mas do atravessamento institucional da produção laboral que faz com que os trabalhadores da PR reproduzam tal lógica.

As saídas da PR se iniciaram sem um propósito claro. Sejamos sinceros: assim que propus um grupo com os jovens, no final de 2005, já adiara tanto tal atividade que a

supervisora Gislei e a pesquisadora Fernanda Bocco (à época, estudando no mestrado da UFF), chamaram-me para uma reunião. A lembrança daquele dia é a própria memória de um acontecimento analisador: ambas sentadas à minha frente, perguntavam por que a estagiária que tanto queria estar com os jovens em um grupo, afinal de contas não o propusera, mesmo depois de meses de anunciada a idéia.

Admiti: "não sei como começar, não sei como fazer. Não sei nem bem o que quero com isso, além de querer estar perto deles". As duas disseram o mesmo: "experimenta, depois pensamos sobre isso". A experimentação, portanto, mais uma vez insistindo... Planejamos primeiramente uma visita à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde a equipe do Estação PSI tem sua referência como Projeto de Extensão. A psicologia chamando os jovens para conhecerem seu "lugar", a psicologia propondo atividades externas (justo a psicologia, tão associada aos espaços fechados, ao *setting*, ao que é por excelência "interno"...). O movimento desencadeou uma incrível série de saídas e atividades externas no Programa em 2005 e 2006, que perdura até hoje, desde visitas aos Abrigos Residenciais onde habitavam alguns jovens em medidas "de proteção" a saídas no meio do expediente para acompanhamentos individuais de estagiário *psi* + jovem.

Os efeitos dos deslocamentos do corpo, geográfica e concretamente, são sentidos... no corpo! O vento na pele, os cheiros da cidade, os percursos delineados catalisam discursos, modificavam estados de espírito, alteram a respiração. Tal qual Rio de Janeiro se faz ator no ato de pesquisar durante o mestrado, Porto Alegre tampouco é mero cenário: incide nos encontros de psicologia e jovens. Os deslocamentos igualmente convocam-nos a pensar as linhas duras não só da Procuradoria, mas também do próprio Abrindo Caminhos:

> **Assunto: uma borboleta bate asas e do outro lado do mundo se dá um furacão**
> Pois bem. Marquei encontro com jovens amanhã às 14hs. Falei com todos os setores, mandei email. Não consegui sala, mas tudo bem: vou fazer no 15º mesmo. Vi que não se pode esperar pela presença de todos, nem pela instituição PR. Vamos pela micropolítica, vamos fuindo com o vento, que anda em alta velocidade. Vamos seguindo nômades pelos territórios que se pode ocupar, contando vezes com uns, outras vezes com outros guerrilheiros. Vamos soprando pelas frestas que se abrem, abrindo mais janelas e portas e caminhos, expansão de vida, vamos desenhando este mapa imprevisível, vivendo o dia sem saber se vai chover, ensolarar, nublar ou ventar até levantar as nossas saias... Hoje nenhuma previsão do tempo ia adiantar.

> É preciso recuar, prudenciar, cadenciar... mas não deixemos de estar com nossos corpos sensíveis, alertas e sagazes, prontas pra estrategiar espertamente. [...] Acho que é hora de mexer.
>
> (Diário coletivo Ventovida, em 14 de fevereiro de 2006).

Esse fragmento de diário nos remete a outra questão, outra dobra fundamental para qualquer equipe que se proponha a trabalhar com a potência de vida e as linhas de fuga que traça e acompanha em um dispositivo. Uma companheira de viagem se faz presente. É uma espécie de cuidado muito particular – a **prudência** – "regra de ouro do cartógrafo" (ROLNIK, 2006) que diz de uma delicadeza para com a vida, consoante já demos a dica anteriormente. Trata-se de perceber quando sua potência (e da vida) transforma-se em perigo, que é o mesmo que uma linha de fuga com direção de abolição ou destruição de si mesma ou dos outros (DELEUZE, 1996; ROLNIK, 2006). Ora, já sabemos: a vida não é boazinha, ela é multiplicidade, imanência, e por isso pode ser perigosa, ao nos arrastar em sua implacável afirmação. A prudência comparece nas intervenções com jovens na medida em que situações radicais eventualmente aparecem, como a relação com as drogas, com o tráfico com a ameaça de morte. Mas igualmente ela se dobra para nós em um cuidado de si da equipe, que facilmente é tomada na intensidade dos encontros:

> **Assunto: diário de quinta (continuação)**
> Levo a intensidade das tardes de quinta num antes, durante e depois dos encontros. Eles (jovens, guris, adolescentes) estão muito comigo, as tensões, as risadas, os impasses, as produções. Em Lógica do Sentido o Deleuze, falando de ***acontecimento,*** fala da Alice que cresce em dois sentidos ao mesmo tempo... não é uma contradição, mas um paradoxo. A Alice ao crescer torna-se maior do que era, mas por isso também torna-se menor do que é agora, não está falando em tempo *cronológico*. É fluxo, é Alice' e Alice" simultaneamente: "a propriedade do devir de furtar-se ao presente (...) o devir não suporta a separação nem distinção do antes e do depois, do passado e do futuro, ele puxa nos dois sentidos ao mesmo tempo". Esse acontecimento que são os grupos de quinta me produzem essa sensação. Penso em como acontecem coisas inusitadas nesse espaço quando parece que vai continuar igual. Ao mesmo tempo tento mapear onde e quando estamos provocando desvios, e se eles são legítimos, se não passam de momentos fulgazes que eu (nós?) insisto em valorizar... só sei que sinto e penso muito e agora busco leitura para pensar melhor, numa tentativa de capturar/reter algumas coisas e entendê-las...
> Hoje estou nesse devir-Chapeleiro, meio louco!
> Feliz desaniversário pra vocês!
> Alice
>
> (Diário coletivo Mais_vida, em 26 de novembro de 2005).

> **Assunto: Cançaso, Cansaço, quarta, nós, jovens, leituras, curso, sexta, PR, análise...**

> Nos matamos no nosso trabalho, suamos a camisa, somos polvos, mas que bom que não sucumbimos aos discursos baratos de que temos que nos preocupar primeiro com nós mesmos e depois com os outros. "Seja asséptico e, assim, tenha qualidade de vida". Talvez a ordem seja outra e seja isso o ponto que mais nos desaloja, que mais nos incomoda, que mais temos dificuldade de encarar. Quando perguntado sobre o que era ser de direita hoje, Deleuze [...] diz que é "pensar em mim mesmo, depois pensar em nós, depois pensar no mundo." E ser de esquerda? "É pensar no mundo primeiro." Quando o mesmo Deleuze nos recomenda prudência, é a sabedoria que ali fala na boca dele [apesar dele mesmo recusar esse termo], pois sabemos que não somos superheóris. Se queremos pensar o mundo, temos de pensá-lo juntos. E não tomar as dificuldades e frustrações para nós ou que a falha é individual. Pensar o mundo não é nos excluirmos dele. Pelo contrário, somos indissociáveis dele. Se choramos por alguma morte é porque provavelmente ela foi chorada por outros e sem dúvida deveria ser chorada pelo mundo, no sentido mais político da coisa.
>
> (Diário Birutar, em 31 de agosto de 2007)

A intensidade das intervenções ficam: são levadas conosco... Então como não desvairar? Como não naufragar de vez? Deleuze e Guattari nos advertem para os perigos desse encontro com a multiplicidade. “Você agiu com a prudência necessária? Não digo sabedoria, mas prudência como dose, como regra imanente à experimentação: injeções de prudência” (2004, p.11). Estivemos a todo tempo afirmando como esquivamos das dobras miscrofascistas que se nos embrenham em nossos corpos; somos vigilantes quanto a elas (FOUCAULT, 1996)...

> **Assunto: grupo-raiva: provocações pra nós!!!**
> quanta autonomia é necessária pra dizer não pra Psicologia! Bah, com essa frase fechou a gestalt toda. (ou abriu pra mais sentidos!) é, falamos, falamos dos monitores da FPE que não conseguem trabalhar o desligamento dos jovens e quando vemos, estamos nós querendo que eles fiquem um pouco mais ao nosso alcance, fazendo a mesma coisa que os monitores da FPE...
>
> (Diário coletivo Ventovidda, em 26 de junho de 2006).

...E, da mesma forma, não queremos enlouquecer e nem ser varridos pela linha da “vida loka” juvenil, que eventualmente pode seduzir à adrenalina e ao perigo. Tampouco queremos morrer, agarrados no rabo-de-foguete da linha de fuga suicida de alguma intervenção que não considere nossos limites, nosso lugar de cuidadores. Ao oscilarmos entre planos de estrato e superfícies liberadoras, vamos cartografando nossos contornos também (DELEUZE & GUATTARI, 2004).

> **Assunto: email curto e grosso**

> Estou adorando isso das vozes, são analisadores potentíssimos. Por aqui, vozes e imagens muito fortes estão circulando nos espaços onde habito e parece que apesar de muito se transformar em palavra, estratégia, guerrilha... muita coisa também dura no corpo e fica sem forma, como forças mesmo, pululando o corpo, burbulhando. Isso é bom, mas sem prudência pode transbordar em forma de choro ou alguma outra manifestação de afeto triste...
>
> (Diário coletivo Birutar, em 30 de outubro de 2007)

Somos levados ao encontro do mar e da pista veloz que encontramos em Copacabana, quando nos perguntávamos como, a um só tempo, engendrar pequenos mares no grande Rio e acolher um pouco da velocidade juvenil. É dosagem, é encontrar a medida. Por estarmos discorrendo a respeito de um cuidado que se dá na relação, ele se dobra sobre o si mesmo. Essa dobra se avizinha do que a Análise Institucional entende como **análise de implicações**, e o leitor deve se lembrar que escrevemos algures a propósito dela. O olhar sobre si, o exercício de nós mesmos analisarmos nossas estratégias de intervenção e coletivizarmos nossas desestabilizações, desânimos, impasses, bem como o que nos invade e arrasta com ânimo avassalador é uma tecnologia de si para a equipe do Estação PSI. Na cartografia por trechos de diários que falassem em prudência, percebi como ela aparece *inúmeras* vezes, atravessada de formas bastante heterogêneas. Fiz questão de "colar" abaixo vários recortes pela importância que essa prática faz cumprir...

> **Assunto: vendaval**
> Não tive estômago hoje pra fazer mais de 40 minutos de grupo... Já comecei o dia mal, estava bem carregada, chateada com coisas minhas, e cheguei na PR de mau-humor. Teimosa, fiz o grupo com os jovens mesmo assim, sensível e irritada - só podia dar no que deu...
>
> (Diário Ventovida, 26 de janeiro de 2006).

> **Assunto: Vendaval e brisa que fica**
> Alice
> As palavras da Fer são acolhedoras e produzem possibilidades para pensarmos nosso trabalho psi. muitas vezes experimento esta sensação de limite, ou ainda de não ter vontade para fazer, ler, orientar, coordenar. Em especial quando sinto que preciso que as forças retornem para o cuidado de si . é um constante aprendizado para "abrirmos" espaços para o cuidar de si , e algumas vezes, paradoxalmente fazer o esperado e seguir pelo que "temos" que fazer produz acolhimento e nos aponta que é possível, que não estamos sozinhas. As vezes vou sem vontade e do encontro retorno potente.Também como exercício da formação psi, acho que vamos aprendendo a viver a coexistência de afectos nossos, do outros, do agenciamento. Vamos circulando , fazendo ritornelos, fugas, ou simplesmente nos deixamos levar e o acontecimento segue e ensina. Então [...] podemos não fazer e adiar uma atividade em determinados momentos, retomar as questões que permanecem e

duram para serem discutidas, e também seguir no tempo e deixar acontecer, pois estamos no agenciamento coletivo de enunciação e ali adiante a palavra–passagem se instala.
Estás vivendo tudo isso porque o grupo- dispositivo está acontecendo, a esquizoanálise tão esperada está em plena ação com seus vendavais e brisas.
Estarei na Regional na segunda e podemos conversar.
Gislei

(Dário Ventovida, em 27 de janeiro de 2006)

Assunto: o que eu ganho com isso
Eu experimento a vida e me pergunto como podemos estar compartilhando forças de vida e de diferença entre muros tão bem planejados para excluir tudo que não é norma e hierarquia? Mas tem mais uma questão com a qual eu me alimento, tenho indigestões e sobrevivo: o encontro de forças de jovens e psicologia. Meu alimento é a formação nos seus impasses, bloqueios e impossibilidades, e também na sua produção, perguntas e indignação. Um devir de meu percurso que eu mantenho e é a opção ética da psicologia que eu escolhi. Comentei numa mensagem com Julica que tenho me esforçado para dar forma às minhas afetações buscando marcas de escrita, projetos, prazos.Também limites de corpo e saúde. Sair da onipotência que vamos dar conta do mundo pois esta é a armadilha da linha de fuga suicida. A delicadeza de manter a abertura para as afetações mas não ser engolida pela desterritorialização.

(Diário coletivo Ventovida, em 09 de março de 2007)

Assunto: nossa página e nossos afetos
Atualmente, eu tenho feito um esforço para manter minha sensibilidade a esses afetos com o exercício de construir algumas moradas de parada, territórios necessários. Passei um tempo somente nas afetações, sem linguagem própria, sendo levada pelo vento. Mas eu não sou vento, sou também organismo com seus extratos. Prudência dizem Deleuze e Guattari. Tenho me esforçado num certo pragmatismo em minhas escritas, pois o mundo também precisa disso, nós precisamos disso. Fazer algo, dar forma, instituir de modo que comunique algo, mesmo que seja uma palavra de ordem. Não vamos esquecer que a palavra de ordem carrega também passagens.

(Diário coletivo Ventovida, em 09 de março de 2007)

No uso de tecnologias de si para garantir um mínimo de prudência, o leitor já pôde notar, aparece a **escrita de si**. Talvez uma das técnicas mais importantes para o coletivo do Estação PSI, a escrita se faz em traços que sejam prolongamento e abrigo para as intensidades vividas. Cartografias, enfim. Mapas do acaso para seguir à deriva... mas nunca à toa. Devires navios-pirata para roubar conceitos-tesouros. Devires-mar que se acoplem aos movimentos deliciosos da água que ondula. Uma tentativa, quiçá (vejam lá nosso amigo poeta, Manoel de Barros, a nos soprar um segredo!), de fotografar o vento.

:escredevir

Queria transformar o vento.
Dar ao vento uma forma apta a foto.
Eu precisava pelo menos de enxergar uma parte física do vento: uma costela, o olho...
Mas a forma do vento me fugia que nem as formas de uma voz.
Quando se disse que o vento empurrava a canoa do índio para o barranco
Imaginei um vento pintado de urucum a empurrar a canoa do índi para o barranco.
Mas essa imagem me pareceu imprecisa ainda.
Estava quase a desistir quando me lembrei do menino montado no cavalo do vento – que lera em Shakespeare.
Imaginei as crinas soltas do vento a disparar pelos prados com o menino.
Fotografei aquele vento de crinas soltas.

Manoel de Barros

A escrita de si é mote, em Foucault (2006b), como uma prática ascética. Ela – e isso vale para nós também – "atenua os perigos da solidão; oferece aquilo que se fez ou se pensou a um olhar possível" (p.145). Ao analisar os textos gregos (Sêneca e Epícteto), Foucault destaca que a escrita está associada ao exercício do pensamento, constituindo a elaboração de discursos escutados e considerados como verdadeiros em princípios de ação. Isto é ela é "operadora da transformação da verdade em *êthos*", modo de ser, estética da existência (FOUCAULT, 2006b, p.147).

O pensador francês nos fala de duas modalidades de escrita que, coincidentemente, se aproximam muito dos dois exercícios de escrita performado por essa pesquisadora que vos fala. Muitos dos integrantes do Estação PSI também se utilizam de tais modalidades, mas nesse momento cumpre que consideremos a singularidade dessa montagem-pesquisa. As modalidades são os *hupomnêmata* (as cadernetas) e as *correspondências* (que no caso desse estudo dizem, em sua imensa maioria, dos diários coletivos, mas também de trocas de emails e cartas fora do contexto dos diários).

As cadernetas são companheiras de intervenção. Pequenas e portáteis, são pouso para desenhos, apontamentos, idéias, ensaios de escritas. As cadernetas, em Sêneca, não são diários onde se escrevem confissões e narrativas de si, como não ditos impuros (o que acontece, mais tarde, na literatura cristã), e sim capturas do já dito (idem, ibidem). Ao cartografar meus caderninhos, encontrei muitas questões repetidas, muitas

inquietações, muitas perguntas, mas também relatos e narrativas – ainda que não constituíssem confissões! Talvez essas cadernetas sejam uma mistura do que já vimos ser um diário de campo (HESS & WEIGAND, 2006) e *hupomnêmata*...

Tal qual o é para os gregos de que fala Foucault, elas estão sempre à mão, e a escrita ali se faz dessa forma eventualmente repetitiva, gaguejante, como tentativa de digestão do que é lido e escutado, como intento de extrair o que, afinal, pode ser considerado material de constituição de si. Um pouco antropófaga, a prática da escrita em cadernetas visa reter fragmentos múltiplos e trabalhar em seu rearranjo de forma a serem úteis para essa relação consigo, como aparece nos estudos de Foucault sobre Sêneca (idem).

Mas é também de leitura que me alimento, no diálogo com a escrita – e aí já estamos incluindo a escrita desta dissertação. Ainda sobre Sêneca, Foucault assinala a escrita como uma espécie de lugar de parada para quem lê freneticamente:

> Quando se passa incessantemente de livro a livro, sem jamais se deter, sem retornar de tempos em tempos à colméia com sua provisão de néctar, sem consequentemente tomar notas, sem organizar para si mesmo, por escrito, um tesouro de leitura, arrisca-se a não reter nada, a se dispersar em pensamentos diversos, a se esquecer de si mesmo. (idem, ibidem, p.150).

Em cuidado atento, minha orientadora de mestrado, Cecília Coimbra, bem que sempre recomendou, habitando um "devir-Sêneca", durante o período do curso de pós-graduação: "leia muito, mas vá escrevendo também...!". A alternância dessas duas práticas é praticamente cotidiana no contexto do Abrindo Caminhos, seja nas cadernetas, seja nos diários coletivos, e se estende ao Rio de Janeiro. A escrita da dissertação, no entanto, é um pouco diferente... As expectativas e exigências pessoais, de si para consigo, de si para com o outro que lerá e quiçá julgará; o medo instituído da academia (ainda que a UFF quebre radicalmente com a figura austera e terrorista da "Universidade" como morada de ameaçadores blasés intelectuais eruditos) acabam se erguendo como obstáculos à prática da escrita, ao menos em alguns momentos. A tristeza e alguns acontecimentos da vida sobre os quais não temos controle por vezes nos paralisam, despotencializam também. Marasmo. Onde está o mar? Quando será que vem a série? Faltará vento?

Ainda assim, caro leitor, devo dizer (confessar??) que, se nesses anos de pesquisa, houve períodos de completa parada – e quem que tenha passado por um processo como esse nunca teve seus dias, semanas, quem sabe meses(!) de estiagem? – ,

ela de fato se dava para a dissertação, porém não para outros lugares de escrita. Correspondências, poemas, crônicas em outros espaços estavam sempre sendo produzidos, como exercícios necessários para o que seria o desenho da cartografia deste material acadêmico e para além dele: para a continuidade da vida. Do mesmo modo, e às vezes de forma mais significativa, a leitura compareceu nessa arte de navegar de forma bastante clara como cuidado de si, trabalho sobre si, estética da existência para fazer da vida uma obra de arte – tal qual algumas das obras saboreadas[77]. E de pensar que nem sempre foi assim...[78]

Faça-se justiça, a interferência desses personagens é importante para o que queremos discutir aqui: uma psicologia que se abra, que busque intercessores, que se desfaça para depois ser reinventada. Canguilhem (1972) bem avisou: a psicologia, ao se encontrar com a filosofia, não sai ilesa dos questionamentos lançados. (Opto por deixar, na íntegra, um texto produzido em uma de minhas cadernetas abaixo; aumento a letra, excepcionalmente, para facilitar a leitura):

> *Garopaba – Porto Alegre (ônibus)*
> *Hoje de manhã, na praia. Na conversa com meu pai, a filosofia.*
> *Me dou conta de que, ao problematizar a psicologia e, ao mesmo tempo, um vetor vigente organizador de nosso mundo – o da produção de verdade, replicação de modelos e repetidas visitas a "manuais de intervenção" (os livros técnicos), DEVO chamar a filosofia para dançar junto. E digo mais: não só devo, como é inevitável: a cada passo dado, vê-se que é mais do que uma forma de trabalhar.A cada vôo a que o pensamento nos lança ("o pensamento parece uma coisa à toa, mas como é que a gente voa quando começa a pensar?[79]"), vamos nos apercebendo de que há formas de estar no mundo que fortalecem ou desestabilizam formas de trabalhar. A separação "formas de trabalhar" de "modos de viver" (formas de estar no mundo) é meramente* [...], *estabelecida por nós, talvez por habitarmos um registro ainda platônico-cartesiano-kantiano de (vi)ver o mundo, mas que também certamente maquia dissonâncias e diferenças éticas*

[77] Três livros, em especial, desempenharam essa fundamental função de instrumentos de trabalho sobre si, cuidado de si, árduo processo de dessubjetivação para criar um novo contorno possível para mim durante quatro amargos meses, questão de vida ou morte. Foram eles: "Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres", de Clarice Lispector; "Cartografia Sentimental", de Suely Rolnik; e "Amizade e Estética da Existência em Foucault", de Francisco Ortega.

[78] Resolvi compartilhar com o leitor, (ver ANEXO II), um pequeno texto que fala da "historinha" de uma menina e do seu encontro com a escrita e com a leitura. Ela está publicada na internet, em meu *blog*, sítio no qual, como dito nessas linhas, a escrita quase nunca parou: <http//:www.alicendo.blogspot.com>. A opção aqui é do leitor: não avaliei ser adequado incluir o texto no corpo da dissertação; contudo, como já admitimos estar incessante análise de implicações, você pode ler a pequena crônica se quiser.

[79] Trecho da música "Felicidade", de Lupicínio Rodrigues.

que incomodariam os mais obsessivos. Ou simplesmente cindimos nossas vidas em "áreas" (a vida pessoal, a vida profissional, a vida acadêmica...) e ignoramos sua imanência, ou a reconhecemos e insistimos nessa frágil muleta que ameniza possíveis culpas (ou não) de "viver" de um jeito e trabalhar, pesquisar, estudar de outros.

Ao invés disso, o mergulhador mais abusado, aquele que salta de cabeça, quererá ir ao fundo mesmo, tocar o chão, sujar a mão de areia e (não tem jeito) levantará a areia fazendo-a acomodar-se de outras formas no solo novamente.

E é esse mergulho mesmo (ou nesse vôo do pensamento) que nos damos conta de que pensamento estamos experimentando.. Ele tem a ver com sentir – ora, voar. Ele tem, isso sim, a ver com viver. E é então que as palavras de Foucault, ao dizer de uma ética de vida, ao escrever sobre a estética da existência; as palavras de Bérgson, por valorizar a intuição; as de Deleuze, na esteira de Espinosa, de uma alegria potente no êthos *dos encontros; as de Suely Rolnik e Guattari desmistificando a política de sua aura "macro" e envergando-a para as minúcias mais aparentemente desimportantes do dia-a-dia, essas palavras não são mais ensinamentos, lições, palavras-de-ordem encontradas em livros que devemos absorver e seguir. Não, elas traçam pontos em comum, ainda que habitando a heterogeneidade, com a escrita de Manoel de Barros, Mario Quintana, Clarice Lispector; com Inês Pedrosa e Ítalo Calvino; Vinícius de Moraes, Chico Buarque, Caetano Veloso, Dorival Caymmi e alguns outros poetas, músicos, loucos, bêbados que nos remetem a um tempo na Grécia Antiga no qual a cidade (ou polis) era o radical para política, em que a filosofia era acolhida em sua condição de ética/modo de viver e em que a vida não era separada em departamentos, tal qual lojas e empresas. Não estou falando aqui de um tempo perdido que devamos supostamente resgatar. Eu, assim como um professor que tive, também odeio a palavra "resgatar". Falo aqui de uma atualização desse* êthos *grego, tal como Foucault o faz em certo momento de sua obra. Ora, se todos eles (poetas, músicos, escritores) o fazem, é porque nada foi perdido. Apenas classificado como menos importante/legítimo pela ciência protagonista.*

Mas eu sou dessas mergulhadoras curiosas, e dessas saltadoras de asa-delta, e quero dizer mais: não só os poetas e artistas conhecidos e respeitados tem o crédito para dialogar com aqueles filósofos citados antes. Também a arte pode ser destituída de seu pedestal imaginário e assim acolhermos a obra de arte que pode ser feita da vida a de cada um de nós. As experiências vividas e o que fazemos de nós mesmos – nossas práticas, nossas andanças, nossos encontros, nossas lutas, nossas dores e delícias, nossas vertigens que não nos deixam mentir. Acolhê-las, trançá-las nos fios da filosofia como verdades não menos legítimas que as dos autores que lemos, isso é ser rigoroso e cuidadoso/sensível /delicado com isso que nos arrebata: com a filosofia como via, como modo de existir; a vida, como imanência de uma imanência.

É, pois, para isso que a filosofia, a um só tempo me conduziu, se fez contingência e efeito, efeito-metodologia.
(Caderneta Diferença, em 29 de dezembro de 2008).

E é dessa forma também que as **correspondências** trocadas nos diários coletivos operarão: na imanência não só dos acontecimentos, mas também na dos conceitos. O leitor já tem claro que falamos em cartografia para sinalizar com os conceitos constituem territórios e as práticas, teorias. Também já leu algures que a escrita dos diários se faz no calor da intervenção, em meio aos afetos experimentados ali. Além disso, já pôde experimentar a escrita viva que pulsa ali ao longo desse trabalho. Mas então, porque estamos falando dos diários coletivos novamente?

Como correspondência – e aí nos remetemos a Foucault (2006b) mais uma vez – o que mais cumpre destacarmos é a dimensão coletiva dela: o que é escrita para mim e leitura para o outro é cuidado de si para ambos. Nos diários coletivos, como dissemos, não só relatos são compartilhados, mas também as análises deles muitas vezes já são atreladas a autores intercessores, rabiscando possíveis aberturas e invenções. São, talvez, supervisões online, mas há algo no tempo do email que está entre o tempo do imediatismo de um *chat* de mensagens instantâneas e o tempo lento e espesso de uma carta enviada pelo correio. O email não deixa de ser uma *carta* e, por isso é endereçada a outros que possam seguir determinada cartografia, elaborando novas estratégias de intervenção: "a escrita que ajuda o destinatário arma aquele que escreve – e eventualmente terceiros que a leiam." (idem, ibidem, p.155).

A correspondência dos diários coletivos, portanto, se faz sempre... coletiva! E as afetações podem ser múltiplas. Como lugar inventado pelo Estação PSI, os diários têm essa potência de fazer inventar outros conceitos, mas isso não é por acaso: há um ingrediente importante que lubrifica, dando liga a essa escrita como cuidado de si coletivizado. Esse ingrediente se chama afeto.

Assunto: ventania, vendaval I
Como vocês sabem, o vento anda soprando com toda força por aqui. Às vezes isso é bom, faz ventar e fluir. Às vezes destrói, nos faz cair e anula nossas forças. Na verdade, este meu fazer aqui na PR tem tido a ver com o pensar, na medida em que as tensões estão à toda entre as forças juvenis, de poder, da instituição, do trabalho, da psicologia, da diferença... Estou pensando muito COM o jovem, COM os servidores. Mas hoje quero parar para pensar COM VOCÊS! É diferente **escreve**r, mastigar, digerir o que aconteceu. E pensar com o Estação é especial, é falar a partir de um outro ponto, é ficar mais confortável com uma língua nossa (a tensão cansa!), é dar forma a alguns afectos e intensidades que, se ficam muito soltos,

> voam pra longe. É preciso também trazer a análise aqui pra ventovida, acho que é muito com, intercessores neste diário, que se inventam muitos conceitos! Ou pelo menos é onde nos damos conta de que algum conceito foi inventado com alguém fora daqui... Faz parte da cartografia: ora molar, ora molecular, sempre se entrecruzando.
>
> (Diário coletivo Ventovida, em 03 de outubro de 2006).

A carta, então, é olhar sobre si mesmo e sobre o outro: a escrita faz com que aquele que escreve se torne presente de uma maneira "quase física" – para usar as palavras de Foucault quando se refere à correspondência de Sêneca e Lucilius (FOUCAULT, 2006b, p.154). Isso, no Abrindo Caminhos, é bastante importante, posto que o estagiário de psicologia está, na maior parte do tempo, sozinho no local de estágio (Procuradoria) – no que se refere à equipe de psicologia. Fazer carta... fazer cartografia sempre juntos.

Essa tecnologia de si, essa dobra da escrita, para nós, pois, reafirma-se como prática e liberdade: potencializamos nossa autonomia, nossas possibilidades de ser. Sopros de vento para que cada um faça sua navegação; movimentos intercessores para exacerbar o pensamento. Já sabemos: À deriva, mas não à toa! A coletividade experimentada nas escritas que se sobrepõem, que trazem para perto quem está longe, forçam-nos a pensar juntos, a estar juntos, e isso acontece para além dos diários. Já não somos mais forçados: queremos estar juntos. Encontrar-se é importante, estar presente e, ainda que soe redundante, com presença. Os encontros da equipe *psi* têm como objetivo "acadêmico" a supervisão, mas engendra-se algo mais do que a mera reunião de colegas de intervenção. "Amizade como modo de vida", afirmou Foucault em seus últimos anos de vida – e se não separamos modos de vida de intervenção, podemos pensá-la em como ela pode ser (não que o seja sempre!) via de invenção nas práticas.

:ousar – amizade como metodologia?

Afeto, afeto, afeto. De que adiantaria papagaiar essa palavra com filósofos como Deleuze e Guattari se isso não circulasse em nossos modos de trabalhar? Aqui fica nosso "apontamento de final de dissertação", para caçoar um pouco com o que estamos acostumados a ter como procedimentos-padrão de um trabalho acadêmico...

Discorremos sobre a importância do cuidado de si, compartilhamos estratégias de intervenção que são como princípios, como atitude, como ética. Desaguamos na escrita de si, que, se aparentemente fechava-se numa relação de si para consigo, estávamos avisados por Foucault que não há como o sujeito ser pensado como alguém fechado. É claro que temos nossos modos singulares de cuidar-nos de nós, cada um com os seus – estar só também é exercício, também pode compor a arte de viver – , no entanto, mesmo tomados na singularidade de cada vida, os espaços coletivos e de amizade não desaparecem.

E vá encontros. Com jovens, com colegas de equipe, com amigos, com mestres, com autores, com livros. A questão da amizade com os jovens do Abrindo Caminhos se apresenta; contudo, assim como Foucault, não chegamos a desenvolver muitas reflexões a respeito desse tipo de relação. Acontece que, apara esse filósofo, a amizade não é pensada unicamente como laço afetivo-sentimental de um par. Como toda relação que não é de dominação, ela é de poder, é de jogos estratégicos de liberdade (ORTEGA, 1999; FOUCAULT, 2006b). Destarte, a amizade é uma atualização da estética da existência, apesar de Foucault ter se restringido mais às relações *gays* e o estilo de vida *gay*. O que nos importa roubar aqui – fazendo jus ao que viemos fazendo como antropófagos ao longo dessa escrita – é o que há de político na amizade, o que há de prática de liberdade.

Para Foucault, a amizade não se define pelo que dois amigos têm em comum. Ela não se dá graças a uma semelhança. O que efetivamente opera em uma amizade, por mais diferentes que duas pessoas possam ser, é o afeto. E é ele que pode catalisar fluxos, disparar o pensamento, potencializar o outro em suas incontáveis possibilidades de estar no mundo. A ralação de amizade, desta forma, pode operar uma linha que, ao escapar da linha vertical do poder sobre o outro e a horizontal do embarque sem discriminação na linha de fuga, uma posição interessante para a psicologia: a da transversalidade[80] (GUATTARI, 2004).

> **Assunto: grupo, então**
> a presença da psicologia faz diferença ali, sim, é como sempre dizemos: estamos fazendo funcionar a transversalidade. Não psicologia-vertical, a "chefe" a líder que "autoriza" o grupo de acontecer ou mesmo a que controla o que se diz no grupo. Nem psicologia-horizontal, apenas como observadora ou como adolescente que troca vivências, ri das piadas e aceita tudo o que

[80] Provavelmente esse conceito mereceria mais explicações; aqui, no entanto, o seu uso é para ajudar na compreensão do que seria essa relação diferenciada de amizade.

> aparece como um papo legal entre amigos. E sim psicologia-transversal, como já tentei explicar antes. A que cartografa, a que faz junto, a que desloca, ora pela via da amizade, sim, ora pela via de instaurar angústia, por que não; pois dos DOIS (e tantos outros) modos se pode pensar sobre o que está nos atravessando naqueles momentos.
>
> (Diário coletivo Ventovida, em 27 de novembro de 2006).

A relação de amizade com os jovens traz, a um só tempo, possibilidade de produção de análise e perigo. Uma vez já contemplado o mote dos riscos da linha de fuga, que por vezes traça uma horizontalidade e nos coloca em devires adolescentes desinteressantes, cumpre afirmarmos a aposta nessa outra direção. Há situações em que a amizade aproxima-nos de jovens desconfiados – o que, já vimos, não é de se surpreender, uma vez observada a história de governo dos encontros de práticas *psi* com juventudes. A abertura para o encontro faz parte disso, da disponibilidade – essa posição de postar-se na beira, na borda – para a construção de uma relação afetiva com o outro. Com Éolo, com Gabriel, com Florence e tantos outros, a relação de amizade pôde se efetivar como forma de cuidado. Podemos fazer ressalvas, afinal, seguimos sendo psicólogos e, portanto, seguimos interessados em maneiras de cada um diversificar seu repertório subjetivo. No entanto, podemos pensar a amizade como via para que esse trabalho seja feito. Aliada às práticas pensadas aqui – análise de implicações, possibilidade de proposição de atividades, coletivização das análises, prudência, escrita, leitura – a amizade é bem-vinda e de fato acontece na relação com alguns jovens. A amizade, nesse sentido, terá sempre regras a serem construídas entre os amigos, o que necessariamente leva em conta os lugares políticos que cada um ocupa na relação, tendendo sempre para experimentações que tendam a relações mais libertárias (ORTEGA, 1999).

É assim também sentido na relação com os integrantes do Estação PSI: de mestre, aluno, formado, bolsista... passamos a ser amigos. Compartilhamos momentos de supervisão e de trabalho com prazer, dividimos momentos de implicação (e sobreimplicação!), de dor e de delícias com afeto. Pensamos a amizade, como já dito, como um combustível do pensamento e, por isso mesmo, permite mais discordâncias, mais contrapontos, mais discussões entre quem é amigo.

Vamos mais longe: o programa de mestrado da Universidade Federal Fluminense, com seus inúmeros dispositivos coletivizadores, convoca a que citemo-lo. Pensamos já na amizade em sua dimensão mais ampla, pensamos na dimensão do coletivo e do comum. A amizade como forma de vida que possa intensificar espaços de

hibridização e liberdade. Os coletivos freqüentados por essa pesquisadora, portanto, reafirmam-se com toda a sua força, sabendo que em cada um deles sempre há a possibilidade de derivação para outras amizades: a escrita e leitura dos diários coletivos; os encontros com o grupo Estação PSI quando em Porto Alegre; o coletivo-amizade de orientação da orientadora Cecília; o coletivo-amizade da turma de mestrado; o coletivo da relação analista-analisanda; a amizade-amor em constante engendramento da relação a dois. Relações em cujas intercessões essa obra-dissertação pôde se acentuar.

*

O leitor se pergunta: e nossa viagem? Já percorremos bastante. Nosso trajeto vai chegando ao fim. Uma amiga me escreve, dizendo, de Madrid, que uma dissertação termina sempre com reticências: um ponto final nesse pedaço de papel; os outros dois estão no que virá.

Retomamos o que queríamos, fazemos um pequeno balanço. Não, leitor, não é um balanço avaliativo: é um boiar, um respirar. Deixar-nos banhar. Nossa nau pára por uns instantes para um mergulho. Mergulho? Lembramo-nos do mergulho de que falamos no início da escrita, enunciado pela estagiária de psicologia. O jovem Posidon adverte para o perigo de se afogar. Diz: “cuidado”, e é justo isso que nos interessa, o cuidado... Queremos mergulhar juntos. Mergulhos coletivos que trabalhem acolhendo a multiplicidade que ali está. Mistura. Estar junto como modo de vida. Escutar, habitar a diferença por muitos instantes. Sentí-la com atenção e paciência para elaborarmos juntos o que fazer disso. Prudência é delicadeza para que isso de forte e suave compareça e dure o quanto houver de durar: vida. Imanência, uma vida. Esse algo que Éolo soprou em nossas velas:

> Na festa de despedida do Éolo [...] chegou o Gabriel, ficamos conversando ali e o Éolo apresentando o Teseu, novo estagiário do setor, à Julia, ao Mateus, a mim. E disse "agora a tua caminhada é com esses dois... muito legal trabalhar com eles..." e olhou pro Mateus, pra Julia, "aprendi muito com vocês".
>
> Olhou pra mim também, ficou aquela atmosfera toda de tempo contraído: Éolo, Gabriel, Julia, eu, Mateus... tantos grupos, tantas conversas e experimentações naquelas salas de reunião do sétimo andar! Tantas sacadas naquelas sacadas! Um tempo passado que dura e parece que a sensação ali era desse tempo intensivo, junto com o futuro no Teseu, que parecia um velho conhecido. Gabriel larga: "tá, Éolo, pode chorar!" E o que parecia piada, na verdade era o enunciado do que aparentava que aconteceria mesmo. Riu-se,

mas depois a Julia comentou "pois é, Éolo, tu achou mesmo que tu ia chorar, né?" e ele concordou.

E disse o que dificilmente eu vou esquecer um dia:

"É, saí ali na sacada agora. O ar tá mesmo diferente.

Agora... só quero saber por quê..."

(Diário coletivo Birutar, em 05 de julho de 2007)

.Desfechar

Ninguém vai me acorrentar
Enquanto eu puder cantar
Enquanto eu puder sorrir
Ninguém
Ninguém vai me ver sofrer
Ninguém vai me surpreender
Na noite da solidão
Pois quem
Tiver nada pra perder
Vai formar comigo o imenso cordão
E então
Quero ver o vendaval
Quero ver o carnaval
Sair
(...)
Alguém vai ter que me ouvir
Enquanto eu puder cantar
Enquanto eu puder seguir
Enquanto eu puder cantar
Enquanto eu puder sorrir

Chico Buarque

Chega a hora de concluir a dissertação. A opção por “desfechar” é a teimosia de aceitar que se conclua, que se feche algo... Mas sim, é preciso concluir para dar passagens a outras viagens, a outros encontros, a outros ventos (“está na hora”, me diz Maria Lívia do Nascimento, ao me encontrar nos corredores da UFF). Já não estou tão obcecada em preciosismos de linguagem escrita (“cuidado com a arrogância”, me fala Cecília Coimbra, em alguma orientação). O texto original de conclusão transformou-se em capítulo, na última hora, apesar de toda a dificuldade que tive para escrevê-lo. E me vejo pensando: por que foi tão difícil escrevê-lo?

A enorme quantidade de emails e mensagens e trechos de cadernetas definitivamente pesou. Como escolher entre tantas, quais me afetaram mais (não era esse o critério)? De repente não é só o volume de acontecimentos, mas como tudo foi importante. De repente é impossível escolher apenas algumas. Porém, é necessário. Tendo conseguido, afinal, já não é mais essa a dificuldade.

Paro e é como se olhasse o mar – quero tanto olhar o mar agora! – atrás de mim, ao meu redor. Lembro dos bolsos furados e de como analisar nossas implicações e pensar em invenção na intervenção diz justamente de um mergulho, um contato-contágio com a água, e não de um dentro/fora. Percebo como o mar, a navegação, o ar, o vento, estiveram sempre circulando – ora estancando, ora mais velozes – no Abrindo Caminhos. Abro a janela do computador de minha caixa de mensagens e vejo que seguimos na água e no vento, o programa segue, o Estação PSI segue. Eu, perto-longe, tenho saudade.

Percebo finalmente do que se tratava minha dificuldade: que árduo é escrever sobre uma experiência tão múltipla! Ela não é só minha. E dou-me conta que já escrevera isso no início da dissertação, há muito tempo: “quaisquer palavras soam insuficientes”... Acomete-me a idéia: tenho medo de teorizar demais, explicar demais, descrever demais. Vejo que filósofos escrevem sobre conceitos de alegria, de amizade, de cuidado, de devir, de encontro... mas qual é a medida para escrever um desfecho sobre eles sem tirar a potência do que aconteceu?

Imediatamente, antes de sequer começar a escrever esse desfecho, me varre uma vontade imensa de escrever para alguns jovens com quem troquei algumas correspondências e que segui acompanhando. Cuidado na relação que se mantém. Duração. Passado e presente. Amizade. Mais do que nada, quero – necessito – saber como estão. Quero dividir com eles que escrevo minhas últimas linhas. Quem sabe a

vontade é que eles também possam escrever junto comigo (e me dou conta de que de fato escreveram...).

O vento sopra grave lá fora nesse momento. No Rio de Janeiro faz um pouco de frio. Escuto algumas árvores batendo suas folhas. Onde eles estarão em um sábado à noite? O que estarão fazendo? Será que faz frio em Porto Alegre? Venta? Gabriel insiste em escrever nos emails: "não esquece da gente"... O que sempre me evocou a resposta: "e como deixar de me lembrar???".

Uma memória no meu corpo é inevitavelmente ativada. Certa feita, Gislei me escreveu um email em uma noite de carnaval na qual acordara com o filho que se queixava de dor de garganta. Foram à sala olhar TV. Gislei é torcedora do Internacional de Porto Alegre, e eu, gremista fanática. A diferença na rivalidade centenária de dois times de futebol potencializa uma amizade. Recentemente, Gislei se mudou para um apartamento cuja vista inclui a grande bandeira do Grêmio, em frente ao estádio Olímpico Monumental a poucas quadras dali. Nessa madrugada, uma vez olhando seus desenhos na TV, a voz da criança surpresa enuncia o que deixo a cargo do recorte do email recebido dizer:

> Eu nunca tinha visto TV ás cinco da manhã! Instante de novidade! Um largo sorriso apareceu. A criança, sempre a criança e sua intensidade para seguir o movimento em devir.
>
> Eu rio e olho para fora. As nuvens andam rápido num céu que se afasta da noite. Abaixo, na praça, os galhos e folhas das árvores estão impassíveis ao vento de outro plano, uma pintura verde, sem movimento. Estranho. Lanço meu olhar à esquerda e sorrio. A bandeira do Grêmio tremula e traz consigo Alice. Onde andará às 5 e pouco da manhã em dias de carnaval... . A preocupação de mãe foi contagiada pelos devires: ares que param, ares que movimentam, diferentes planos, diferentes afectos que nos afetam.
>
> Bjos
>
> Gislei

A essa mensagem, respondo:

> Dia 22 de fevereiro, praça XV, Rio de Janeiro. Quase um estádio Olímpico lotado na praça em função do carnaval de rua. O centro, outrora cinzento, abafado e cheio de passos apressados que desviam dos carros e ônibus, agora está um bocado cambiado. Segue abafado e cheio de passos velozes... mas os passos bailam e o bafo é driblado nessa dança. Ou, quem sabe, está o bafo incorporado nela, já que são corpos fumegantes que zanzam pelas ruas e calçadas coloridas de palhaços e colombinas e enfermeiras e colorados e gremistas e botafoguenses e bin ladens e caetanos e gals e bichinhos e super-heróis e loucos e noivinhas agora nem um

> pouco goradas-nem-grudadas[81]. O prédio da Assembléia é escalado pela multidão. Colunas gregas, estátuas de símbolos da pátria são pontilhados... não, são ENGOLIDOS pelos foliões. Todo mundo é criança e o que houver na frente é playground. E isso tudo começou às 8hs da manhã. É a primeira vez que vou tão cedo para um carnaval. [...]
>
> De repente todas as músicas sobre o carnaval fazem sentido. Uma série de letras do Chico passam ao fundo das tradicionais marchinhas... "alalaôôô, mas que calooooooooor"... "...e ela ainda está sambando...". Elas fazem sentido porque estão sendo sentidas.
>
> Crianças e velhos e mulheres e homens e gays e bebuns e mendigos e senhorinhas da zona sul, todos pulando juntos.
>
> Um casal de vendedores têm um filho que quer brincar. Ou era eu quem queria. Não sei bem. Sem nem saber como tudo começou, vejo-me correndo atrás dele, os dois desvairados, praça afora. Pegamos uma garrafa plástica e fazemos alguém de "bobinho", a garrafa ali vira bola. Dali a pouco aparece uma arminha de água e é esse agora o brinquedo, engate imediato. Assim ficamos, pega-pega, corrida louca, vou sendo levada por esse devir criança, divirto-me a valer, não estou tentando divertí-lo, apenas NOS divertimos, e não há vontade de parar, ainda que ele corra de pés descalços e haja cacos de vidro no chão. Ele acaba por pisar em um, pequenino, vamos na Mãe e ela tira com a pinça. Susto, culpa. Mas uma culpa de amiguinha que esteve junto no momento do ferimento, e não de adulta que deveria estar cuidando da criança... Pronto. Ele põe os chinelinhos de dedo e lá vamos nós, correr mais!
>
> Eis que sim, houve um momento em que pensei clara, lucidamente: É ISSO o devir criança mais HONESTO que já vivi. Mas não deu muito tempo pra pensar, não. Eu o estava EXPERIMENTANDO. Apenas isso.
>
> O nome do menino? Wesley. Lembrou-me algum jovem do projeto. Os pais jovens também. Serenos. Pensei que não precisa muito para se divertir. Não precisa de muito pra fazer carnaval. Nem toda aquela purpurina das fantasias da avenida, nem dinheiro. O carnaval de rua faz isso, cria a possibilidade de encontros, de efetivação de afetações as mais improváveis e as mais fascinantes. Uma arminha de água emprestada. Uma garrafa plástica. Crianças.
>
> (Correspondência eletrônica com Gislei, em 23 de fevereiro de 2009.)

A afirmação que mais persevera, ainda que em forma de questão, é “Por que não amizade como metodologia?”, enunciada por Heliana Conde na banca de qualificação. Ela sempre pairou nessa pesquisa, passeando pelos emails trocados com o Estação PSI e os jovens...

Pouco antes de escrever os emails para saber como esses gurias e gurias estão, encontro uma série de mensagens trocadas com Gabriel das quais não me lembrava. Ela se faz na tentativa de manter também a correspondência com outros jovens que tinham acesso restrito à internet. O futebol, a torcida, a conversa ali estão. Cuidado que dura em

[81] A expressão faz referência às personagens de Suely Rolnik em sua “Cartografia Sentimental” (2006). A noivinha-que-gora-e-gruda é uma moça que se cola em uma máscara nupcial como se ela fosse a sua essência, sem que de fato os afetos gerados em um encontro com um homem tenham ganho sentido, tenham “vingado”. Ela fica perdida, confusa, e, no entanto, por medo de fracassar ou despedaçar, ela insiste em tal máscara, que “enrijece a olhos vistos”. É um dos efeitos possíveis em tempos de um expressivo desabamento do território matrimonial.

correspondências. Muitos “te cuida” trocados ali, sinalizando a imanência do cuidado de si e do outro. Autonomia construída coletivamente. Encontro também uma mensagem enviada, mais tarde, para os jovens que mais marcaram tanto minha passagem pelo Abrindo Caminhos quanto as inquietações de pesquisa; mensagem na qual conto da marcação da data de defesa da dissertação.

As palavras dos fragmentos de emails que seguem dizem muito mais do que eu poderia escrever aqui. Fazem sentido porque são sentidas. Preferi, apesar dos recortes feitos e algumas mensagens excluídas, conservá-las em muito do como foram escritas para não perderem o que carregam. Agora, podemos seguir...

> **De:** Gabriel
> **Data:** 11 de fevereiro de 2008
> **Assunto:** ola
> [...]
> como havia te falado bah to passando vários perengues, creio eu, o sofrimento é uma preparação para uma possível exaltação mas ***po*** ando alimento sentimentos pensamentos ("coisas") que ñ só creio como sei que me prejudicarão
> [...]
> faz 2 anos que eu to morando pra "fora" (no semi-interior) e bah eu me transformei (psicologicamente) numa ***persona selvagem*** (eu digo selvagem com um espírito de de sobrevivência.. entendeu)
> o alice to sem palavras mas olha só não me esquece faz um bem saber que gente como vc sabe que eu existo....
> me escreve....
> o alice [escrevendo aqui na PR me emociono] lembrando do passado presente e pensando no futuro [...] o que eu posso te dizer: aproveite usufrua-os dos dons que Deus te deu (comunicação, sabeoria, perseverança e a tua fé que isso eu também sei que tu tens) porque acredito eu que ai no Rio também tem muito jovem que precisa de uma alice pra lembrar ***de ditos anteriormente ou futuramente citados***.
>
> falo vai na fé te cuida nesse RIO LOCO...
> VIDA LONGA GREMISTA e ñ te acanha tricolor até morrer, E DA-LHE TRICOLOR O TRICOLOR, E DA-LHE

> **De:** Alice
> **Data:** 12 de fevereiro de 2008
> **RE:** ola
> Entendo, sim, essa coisa de viver como "persona selvagem"... Morar sozinho e ainda por cima no meio no mato é uma mudança grande e certamente mexe com a gente.
> Mas essas coisas que tu diz que sabe que te prejudicarão... tô viajando ou tem mesmo a ver com infração? A gente que é "burguês" (mas nem vem que tu também tá bem melhor que muitos jovens!) acha que o cara que já esteve metido nisso pode sair assim, na maior... Mas Gabriel, tu sabe (a gente conversou várias vezes) que eu não sou hipócrita pra dizer "Ai, não sei o que essa gurizada vê em correr tantos riscos". Sei que não é só necessidade. Envolve prazer também, a adrenalina, a facilidade das coisas, mil coisas. E ninguém

aqui é idiota pra achar que todo mundo é santo. Todos já cometeram algum crime, maior ou menor, seja por passar o sinal vermelho ou por fumar um baseado.
O negócio, como já falamos, tem a ver com **qual** é a transgressão. E com **como** fazemos ou não alguma coisa. Tu, melhor do que eu, sabe o que pode te prejudicar e o que pode não. E machucar pessoas ao redor também. Uma coisa é um furto, outra coisa é um homicídio. A gente acha que nada vai acontecer com a gente, até que acontece... como vítima ou como o cara que vai preso por uma besteira. Então **te liga!** Não vai perder a fé em ti! Não dá pra confiar nos outros? OK... E em ti mesmo??
[...]
Teu sofrimento e teu afeto me mobilizam bastante. Seria bom saber se tem alguém perto com quem possa conversar... A Julia? Alguém indicado por ela, de repente (na clínica da UFRGS é de graça!). A essas alturas tu já sabe que falar com um psicólogo é poder desabafar e não é coisa de louco - isso é preconceito! Mas aí tu é que sabe o que tu quer fazer. Se quiser que eu te ajude nesse sentido, me diz por favor.

Teu email é sinal que conseguimos manter um elo de **confiança** muito forte. Sempre que tu quiser, me escreve. Me interessa muito saber de ti.
Não tem como eu esquecer esse passado presente que também faz pensar o futuro... Pode acreditar, já derramei lágrimas pensando nisso, porque é muito intenso e faz a gente pensar em quem se é e se pode ser. É também força para se inventar, pra seguir adiante e persistir nessa vida louca, que nos arrasta sem pedir permissão!
[...]
Vou me cuidando aqui, sim! Mas te cuida aí também, busca os encontros alegres que te façam bem, que despertem o melhor em ti, que acentuem tua inteligência e tua sensibilidade, mas também pra que tu possa viver teu momento ruim. É importante poder chorar. Quanto mais apoios temos, não é mais dependentes que ficamos - pelo contrário, ficamos mais autônomos. Lembra disso.
(E DALE TRICOLOR! SEMPRE!)
Grande abraço.
Alice.

De: Gabriel
Data: 21 de fevereiro de 2008
RE: ola
po alice quem é sabe
to buscando o preju já faz um tempo mas na fé direto e reto
vivendo nesse mundo de conveniencia vejo que nada é justo
vai na fé [...]
to meio sem palavras
olha me fala mais sobre esse ***negocio de graça*** da UFRGS que tu te referiu valeu
abraço sabe o jeito vai na fé

De: Alice
Data: 07 de março de 2008
RE: ola
Gabriel
Desculpe não te escrever antes, estou na correria.[...]
Que eu saiba, as entrevistas iniciais na UFRGS são por ordem de chegada e acontecem toda 4ª feira de manhã. Tem que chegar cedo, pois elas iniciam às 8hs da manhã mas sempre tem fila. O que já estou averiguando entre meus amigos é se tem como eu indicar um

terapueta específico, como se dá o encaminhamento pra tu ter uma espécie de atalho (se for possível).[...]
Soube pela Julica que tu esteve na PR de novo e conversou com Odisseu e Perseu, deu várias dicas, deu umas reais... mazá guri, hein? O cara experiente é outra coisa... Mas também a Julia me disse que tu tomou um atraque e foi liberado só pela aparência, que foi por pouco... Como tu tá? Como foi isso? Espero que tenha sido só o susto mesmo...[...]
E o Éolo nem me respondeu o email! Nem a Florence. Se tu vires eles diz que eu queria saber notícias deles também, tá?
Te cuida, rapaiz. Vou escrever em breve.

Alice.

De: Gabriel
Data: 13 de março de 2008
RE: ola
bah tchê to na lida direto e reto.[...] to aqui na PR, posso te escrever. mas qndo falei de problemas pessoais tinha dado ocorrido ("atracão" como falaste)
-bah vo te dar mais detalhes. Tava em uma situação meio inconviniente com minha mãe da por atitude propria sai de casa mas sem queimar o filme, daí fui busca uma [coisa] em casa... minha mãe desconfio dae fudeu me encheu de ***ditos e malditos*** despues passou-se um tempo (relativo) e fui pega um chinelo (já é outra história) e na ida os cana (BM) tocaiaram pra cima de nos, tentei fugi ñ deu muito certo tomei um pau (PAUZÃO) apanhei até de pá, dae ñ pudia trabalhar e voltei pra casa da mamãe (curativo morô)
[...]
alice agradecido valeu mesmo pela oportunidade to correndo por um serviço digno entende direitos pouca força maior durabilidade mas irei ao encontro o quanto antes/possível muito grato mesmo [...]
fica na fé.
-VE SE ESCREVE! ñ me esquece pelo menos tão cedo

De: Alice
Data: 13 de março de 2008
RE: ola
Gabriel[...]
putz, então tu só não foi em cana por um detalhe mesmo... esses PM vou te contar, é um absurdo, isso tem que parar essa história de ficar dando porrada em todo mundo (quer dizer todo mundo não, apenas alguns, a gente sabe)!!!!
Sigo no Rio, agora estou trabalhando na organização de um evento [...]
Me conta se foste na clínica da UFRGS ou não.
Ah! IMPORTANTE: Estarei em POA a partir de hoje à noite até terça de manhã!!! Será que poderíamos nos ver, de repente, na PR segunda-feira?
Fala com a Julica, manda email... estarei sem computador em porto, mas dou um jeito. Qualquer coisa estarei no celular.
Abraço!

De: Gabriel
Re: ola
Data: 23 de março de 2008
[...]
- encontrei o Mateus [integrante do Estação PSI] quinta-feira (20.03) bah falar com o mateus é sempre muito construtivo [...]

fiquei muito feliz qndo li seu e-mail [dizendo que estaria em Porto Alegre] mas enfureci-me ao recordar a presente data
Ñ SEI QNDO TERÁ A PROXIMA...

á ALice to trabalhando em uma ferragem ($)...
aqui no sul, tranquilo e sereno q nei baile de moreno. HAHAhhaha

escreve mais abraços, fortissimos

outra quentissima. o Éolo ta trabalhando com um irmão dele, menos mal, como se diria [...] ***corpo parado é oficina do diabo!***
SALVE GUERREIRA VAI SEMPRE NA FÉ E ACREDITE NA SORTE, OBRIGADAÕ ALICE ESCREVO MAIS OUTRA EM BREVE

De: Alice
Assunto: Rio, sorrio
Oi queridos.
Escrevo para informá-los que já estou com **a data da minha defesa de mestrado agendada. Vai ser no dia 09 de outubro, que cai numa sexta-feira.**
Vocês sabem o quanto foram importantes - e seguem sendo! - pra mim enquanto estive no Abrindo Caminhos (ou será que ainda não sabem???). E hoje termino uma dissertação que tem muito de vocês, pois escrevo da nossa experiência (a que tivemos juntos) no Abrindo Caminhos.
Foi no encontro com vocês que pude ver que a psicologia a gente inventa a cada momento. Uma psicologia que, como vocês, é de diferente da psicologia mais comum, uma psicologia inconformada com as coisas do jeito que vão, uma psicologia que quer libertar e não prender, que quer alegria e amizade, e não formalismos e distância. Aprendi a ser uma psicóloga que se contamina e que contamina, que acompanha junto e com afeto aqueles com quem se constrói um cuidado. [...] ser malandro é poder ver que há transgressões que significam tentar algo novo, errar, apostar, e principalmente INVENTAR.
Sabe que se tu vai ler livro de psicologia e agir conforme eles era pra eu ser super neutra, fazer cara de paisagem e tentar interpretar o que vocês diziam e as músicas que me mandavam... Mas NÃO! Com vocês vi que se poderia fazer algo diferente, tanta coisa diferente!
Ir ao jogo do Grêmio, conversar na sacada, andar pelo centro da cidade, discutir as coisas mais malucas, rir e lamentar junto quando se é assaltado, enfrentar preconceitos, olhar as pessoas andando no centro lá embaixo do sétimo andar, se dar dicas de música, ir numa exposição de arte, fazer grupo e exigir nosso direito de ter grupo, discutir afinal a importância de ter um grupo, ter dias em que só se ri e fala merda no grupo, reclamar junto para o procurador-chefe a respeito do lanche, sentir que somos diferentes, mas podemos estar tão perto! Até que um dia na despedida do estágio alguém diz "Tem alguma coisa diferente... só queria saber o que..." [...] nos tornamos amigos, no fim das contas. É claro que sou também "a psicóloga" do Abrindo Caminhos e isso ninguém está negando, tanto é que sempre quero saber como vão as coisas, por conta desse CUIDADO de que falei que construímos.
Sei que vocês não estarão em presença aqui nesse dia da defesa, mas saibam que estão já por todo o meu texto. Escrevam contando de vocês, que estou com saudade!
Beijos e abraços,
Alice.

De: Gabriel
Assunto: contato
oi alice! fiquei muito feliz por ti e acredito que tu vai muito mais longe....
ah imprimi o e-mail e vou levar hoje pro Éolo apesar de toda água que ta caindo, ele vai gostar de saber.
Outra: o Éolo é pai [...] sua filhinha é linda
beijão alice abraço

não esquece da gente que a gente não esquece de você...

Posso concluir. É melhor mesmo que conclua: o jovem pede para não ser esquecido, para que nem ele nem os outros sejam esquecidos, mas ao mesmo tempo me deixa ir e pede para seguir com fé e perseverança. E eu respondo: Sigo, sim. Surge, nessa semana, uma possibilidade de trabalhar com vítimas de violência, aqui no Rio de Janeiro. Há muitos, não só jovens, que compartilham de uma luta-afirmação por modos de viver mais livres. Cuidar-me-ei, sim, aqui nesse Rio louco. Sigo "na fé". Fé em que? Em vida, em mais vida, em outros mundos a serem criados e habitados.

Afinal, o mar é aberto, imenso, intenso. O vento segue soprando.

Ao pedido insistente do jovem, respondo uma vez mais: levo suas intensidades comigo... E como poderia esquecer?

.Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE Jr., Durval. Michel Foucault e a Mona Lisa ou como escrever a história com um sorriso nos lábios. Em: RAGO, M; VEIGA-NETO, A. *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ANTUNES, Arnaldo. *Como é que chama o nome disso: antologia*. São Paulo: Publifolha, 2006.

BAPTISTA, Luis Antonio dos Santos. *A Cidade dos Sábios: reflexões sobre a dinâmica social nas grandes cidades*. São Paulo: Summus, 1999.

BAUMAN, Zygmund. *Vidas Desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BARROS, Manoel de. Livro sobre nada. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. Arranjos para assobio. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. O livro das ignorãças. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. Ensaios Fotográficos. Rio de Janeiro: Record, 2005.

BARROS, Regina Duarte Benevides de. Grupo e Produção. Em: LANCETTI, Antonio. (Org.). *SaúdeLoucura*, no. 4. 1ª ed. São Paulo: Hucitec, 1994, p. 144-154.

_____. *Grupo: a afirmação de um simulacro*. Porto Alegre: Sulina/Editora da UFRGS, 2007.

BENEVIDES, Regina. A psicologia e o sistema único de saúde: quais interfaces?. Em: *Psicologia & Sociedade.* Mai-Ago 2005, vol.17, no.2., pp 21-25.

BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”. Em: *Obras escolhidas – magia e técnica, arte e política.* São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter e LACIS, Asja. Nápoles. Em: *Rua de mão única – Obras escolhidas Vol. II.* São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BOCCO, Fernanda. *Cartografias da infração juvenil*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e filosofia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Niterói, 2005.

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei Federal 8.069/1990. Brasília, 1990.

_____. *Lei Maria da Penha*. Lei Federal nº 11.340, de 7 de agosto de 2006.

BULCÃO, Irene. A Produção de Infâncias Desiguais: uma viagem na gênese dos conceitos "criança" e "menor". Em: NASCIMENTO, Maria Lívia (org.). *Pivetes: a produção de infâncias desiguais*. Rio de Janeiro: Oficina do autor, 2002.

CANGUILHEM, Georges. *O que é a psicologia?*. Disponível em <http://br.geocities.com/polis_contemp/que_psicologia.pdf>. Acesso em: 19 de maio de 2009.

COIMBRA, Cecília Maria Bouças. *Guardiães da Ordem: Uma viagem pelas práticas* psi *no Brasil do "Milagre"*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1995.

COIMBRA, Cecília Maria Bouças e LEITÃO, Maria Beatriz Sá. Das essências às multiplicidades: especialismo psi e produções de subjetividades. Em: *Psicologia e Sociedade*, 15 (2), 2003, pp. 6-17.

COIMBRA, Cecília Maria Bouças. & NASCIMENTO, Maria Lívia. Jovens pobres: o mito da periculosidade. Em: FRAGA & IULIANELLI (orgs.). *Jovens em tempo real*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

DELEUZE, Gilles. A imagem do pensamento. Em: DELEUZE, G. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

_____. O que é um dispositivo? Em: DELEUZE, Gilles. *O mistério de Ariana*. Lisboa: Vega, 1996.

_____. *A imanência: uma vida....* Em: VASCONCELLOS, Jorge e FRAGOSO, Emanuel Ângelo da Rocha (orgs.). *Gilles Deleuze: imagens de um filósofo da imanênciaI*. Londrina: Editora UEL, 1997.

_____. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.

_____. *Foucault*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2005.

_____. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2006.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. Em: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol I*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.

_____. 28 de Novembro de 1947 – Como Criar Para Si um Corpo Sem Órgãos. Em: DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol 3*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2004.

_____. O Plano de imanência. Em: *O que é a filosofia?*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2005a.

_____. Conclusão: do Caos ao Cérebro. Em: *O que é a filosofia?*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2005b.

DELEUZE, Gilles & PARNET, Claire. *Diálogos*. Lisboa: Relógio D´Água Editores, 2004.

_____. *O Abecedário de Gilles Deleuze*. Tradução e transcrição de vídeo da conversa entre Gilles Deleuze e Claire Parnet. Disponível em <http://www.oestrangeiro.net/index.php?option=com_content&task=view&id=67&Itemid=51>. Acesso em: 19 de setembro de 2009.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2ª ed. Brasileira, 1980.

_____. Introdução. Em: *História da sexualidade II: O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. *História da Loucura*. São Paulo: Perspectiva, 1995a.

_____. O Sujeito e o Poder. Em: DREYFUS, Hubert & RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995b.

_____. O Anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista. Em: PÉLBART, Peter Pal & ROLNIK, Suely. (orgs.). *Cadernos de subjetividade (número especial sobre Gilles Deleuze)*. São Paulo: Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos de Pós-Graduados da PUC/SP, 1996.

_____. Aula de 17 de março de 1976. Em: *Em Defesa da Sociedade- Curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. O que são as luzes? Em: *Ditos e escritos II: Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. Editora Forense Universitária, 2005.

_____. *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.

_____. *Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b.

_____. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

_____. *Segurança, Território, População - Curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

_____. *O Nascimento da Biopolítica - Curso dado no Collège de France (1978-1979)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FREITAS, Cristiano Rodrigues de. *Por outra perspectiva ética das práticas de cuidado e governo no contemporâneo*.. Dissertação (Mestrado em Psicologia) –

Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e filosofia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Niterói, 2009.

FUGANTI, Luiz. *Saúde, desejo e pensamento*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Editores e Linha de Fuga, 2008.

_____. A Ética como potência e a Moral como servidão. Disponível em <http://www.oestrangeiro.net/index.php?option=com_content&task=view&id=51&Itemid=51>. Acesso em: 08 de junho de 2009.

GAGNEBIN, Jeane Marie. O método desviante - Algumas teses impertinentes sobre o que não fazer num curso de filosofia. Disponível em <http://oficinadefilosofia.wordpress.com/2007/02/21/o-metodo-desviante-por-jeanne-marie-gagnebin/>. Acesso em: 02 de abril de 2008.

GUATTARI, Félix. A Transversalidade (1964). Em: *Psicanálise e Transversalidade*. São Paulo: Editora Idéias & Letras, 2004.

GUATTARI, Félix. & ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2005.

HARDT, Michael & NEGRI, Antonio. A Constituição Política do Presente. Em: *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

HESS, Rémi. & WEIGAND, Gabriele. A escrita implicada. Em: *Cadernos de Educação, n° 11. Reflexões e Debates*. Universidade Metodista de São Paulo, abril de 2006.

KIRST, Patrícia Gomes; GIACOMEL, Angélica Elisa; RIBEIRO, Carlos José Simões; COSTA, Luis Artur; ANDREOLI, Giovanni Souza. Conhecimento e Cartografia: Tempestade de Possíveis. Em: FONSECA, Tânia Mara. & KIRST, Patrícia Gomes (org). *Cartografias e Devires: A Construção do Presente.* Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003.

LAZZAROTTO, Gislei Domingas Romanzini. *Pragmática de uma Língua Menor na Formação em Psicologia: um diário coletivo e políticas juvenis*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre, 2009.

LOURAU, René. *Análise Institucional e Práticas de Pesquisa.* Rio de Janeiro: UERJ, 1993.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL – Procuradoria da República no Rio Grande do Sul. Comitê da Cidadania http://www2.prrs.mpf.gov.br:8080/home/comite

MORAES, Márcia. A ciência como rede de atores: ressonâncias filosóficas.Em: *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Mai-Ago 2440, vol. 11, no. 2, PP 331-33. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/%0D/hcsm/v11n2/05.pdf.> Acesso em: 02 de setembro de 2009.

_____. O Estado na Análise Institucional. Em: Altoé, Sonia. (org.) *René Lourau analista institucional em tempo integral*. São Paulo: Huitec, 2004.

NIETZSCHE, Freiderich. Obras incompletas. Em: *Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1999.

PASSOS, Eduardo e BARROS, Regina Benevides de. Clínica e Biopolítica na Experiência do Contemporâneo. Em: *Psicologia Clínica Pós- graduação e Pesquisa*. PUC-RJ, v.13, n.1, 2001, p. 89-99.

PEDROSA, Inês. *A eternidade e o desejo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

_____. *Nas tuas mãos*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2005.

PELBART, Peter Pál. A Nau do Tempo-Rei. Em: *A Nau do Tempo-Rei: sete ensaios sobre o tempo da loucura*. Rio de Janeiro: Imago editora, 1993.

_____. O avesso da melancolia. Em: *Vida Capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. Para desencaminhar o presente Psi: biografia, temporalidade e experiência em Michel Foucault. Em: GUARESCHI, Neuza M. F. & HÜNING, Simone M. (orgs.). *Foucault e a Psicologia*. Porto Alegre: Abrapso Sul, 2005.

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. Sylvia Leser Orientadora – um Muito de Possível. Em: *Psicologia USP*, vol. 17 no.3, São Paulo, 2006.

_____. Sobre um parágrafo de Michel Foucault: resposta a muitas questões?. Em: *Psicologia Clínica*, v.20, n.2, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652008000200010#nt20>. Acesso em: 01 de junho de 2009.

_____. Encontro intempestivo: Georges Lapassade no Brasil, 1972. Em: *Mnemosine*, Rio de Janeiro, v.4, n.2, 2008. Disponível em <http://www.cliopsyche.cjb.net/mnemo/index.php/mnemo/article/view/324/534>. Acesso em 05 de junho de 2009.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006.

_____. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. Em: *Cadernos de Subjetividade*, v.1, n.2. São Paulo: Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, 1993.

ROSE, Nikolas. Inventando nossos eus. Em: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Nunca Fomos Humanos: Nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SENELLART, Michel. Situação dos cursos. Em: FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População - Curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. O Entre-lugares da Psicologia. Em: *Caderno Desvio de sentidos na juventude* - Registro da Assessoria em Psicologia Social ao Programa Integrado de Profissionalização Gráfica e Marcenaria - CORAG - Atividade de Extensão do Departamento de Psicologia Social e Institucional, Instituto de Psicologia, PROREXT - Pró-Reitoria de Extensão - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre: Dezembro de 2002.

URRIBARRI, Fernando. *Guattari: El paradigma estético (Entrevista con Félix Guattari).* Disponível em <http://bibliotecadefilosofia.blogspot.com/2009/05/guattari-felix.html>. Acesso em 08 de julho de 2009.

VEYNE, Paul. Foucault revoluciona a história. Em: *Como se escreve a história*. 2ª edição. Brasília: UnB, 1982.

ZOURABICHVILI, François. Deleuze e a questão da literalidade. Em: *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1309-1321, Set./Dez., 2005. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 07 de agosto de 2009.

.Discografia

CALCANHOTTO, Adriana. Cariocas. Em: *Maritmo*. Rio de Janeiro: Sony-BMG, 1998.

_____. Esquadros. Em: *Senhas*. Rio de Janeiro: Sony Music, 1992.

GESSINGER, Humberto. Mapas do Acaso. Em: *Filmes de guerra, canções de amor*. Rio de Janeiro: BMG, 1993.

HOLLANDA, Chico Buarque de. Samba e amor. Em: *Chico Buarque de Hollanda*. Roma: Philips, 1970.

VIOLA, Paulinho da e CARVALHO Hermínio Bello de. Timoneiro. Em:*Bebadosamba*. Rio de Janeiro: BMG Brasil, 1996.

ZÉ, Tom e MEDEIROS, Elton. To. Em: *Estudando o samba*. Rio de Janeiro: Continental, 1976.

.**Filmografia**

BIANCHI, Sérgio. *Quanto vele ou é por quilo?* São Paulo: Agravo Produções Cinematográficas S/C Ltda., 2005.

JONZE, Spike (direção) e KAUFMAN, Charlie (roteiro). *Adaptação*. Los Angeles: Columbia Pictures, 2002.

RAMOS, Maria Augusta. *Juízo*. Rio de Janeiro: Diler & Associados e Nofoco Filmes, 2007.

ANEXO I

Programa

“ABRINDO CAMINHOS”

Versão- Julho de 2006

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
Procuradoria da República no Estado do Rio Grande do Sul

Comitê de Cidadania -PRRS

Em parceria com:

FASE - Fundação de Atendimento Sócio-Educativo

FASC- Fundação de Assistência Social e Cidadania **/ PEMSE-** Programa de Execução de Medidas Sócio- Educativo

FPE – Fundação de Proteção Especial

UFRGS - Pró-Reitoria de Extensão - **PROREXT**
Projeto de Extensão “ **ESTAÇÂO PSI”**
Departamento de Psicologia Social e Institucional

1 Origem do Projeto
2. Objetivos
3 Público
4 Metodologia
5 Atribuições
6 Processo de Acompanhamento e Seleção
7 Acompanhamento do Projeto na Procuradoria
8 Normas e procedimentos
9 Organizações Parceiras
10 Contato

1 Origem do Projeto

1.1 Da iniciativa:

Em 1994, formou-se na Procuradoria da República o Comitê da Cidadania, na época integrando ações da campanha de combate a fome e a miséria. Desde então o Comitê mantém diversas atividade neste campo de atuação e interage com outras iniciativas semelhantes, entre elas a parceria com o Comitê da Justiça Federal.

Durante o segundo semestre de 2002, o Comitê de Cidadania conheceu através de seu participante Joel Fernando Potrich o projeto desenvolvido pela Justiça Federal com adolescentes da FASE (Fundação de Atendimento Sócio-Educativo). A possibilidade de desenvolver esta proposta na Procuradoria foi discutida com o Procurador-Chefe Douglas Fischer que " se entusiasmou com a idéia e disse que vamos fazer sim".

"...o Joel trouxe a idéia e eu acho esse ponto fundamental... isso foi em meados de setembro e eu lembro muito bem que tu foste no meu gabinete e disseste: Olha eu tenho aqui uma coisa que eu não sei se vai dar... Eu disse que só poderíamos saber se tentássemos. Como eu já conhecia o trabalho desenvolvido pelo Comitê eu disse: bom, isso é uma coisa séria.."

1.2 Da viabilidade:

A partir de então, foram realizadas negociações com instâncias da Procuradoria Geral da União em Brasília que controlam a contratação de estagiários e o investimento de verbas em projetos desta natureza, sendo liberadas ,em 09 de outubro de 2002, quatro vagas para iniciar o projeto com perspectivas de seis de acordo com seu desenvolvimento.

Quanto ao processo de assessoria para acompanhamento da implementação do projeto, a Diretoria Sócio-Educativa da FASE indicou a possibilidade de parceria com projeto de extensão da Psicologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul tendo como referência projeto realizado na época no programa Integrado de Profissionalização em Artes Gráficas e Marcenaria da Companhia Riograndense de Artes Gráficas. Em novembro de 2002, foram realizados os contatos com a Professora do Departamento de Psicologia Social e Institucional Gislei D. R. Lazzarotto e encaminhado uma proposta de extensão que contaria com o acompanhamento acadêmico sistemático a uma estagiária de psicologia na Procuradoria. Para viabilizar a vaga de estagiário de psicologia o Procurador-chefe cedeu uma de suas vagas de estagiário de Direito para o projeto.

Posteriormente, foi alocada vaga específica para o estágio em psicologia.

1.3 Do processo:

A autorização verbal de Brasília para o estágio com os adolescentes em medida sócio-educativa foi em 9 de outubro de 2002 e no final do mês a

autorização por escrito. Em 19 de dezembro de 2002 foi assinado o convênio entre a FASE e Procuradoria sendo que no dia 20 foi realizada a reunião com técnicos das casas de atendimento aos adolescentes da FASE para encaminhamento da seleção dos estagiários com acompanhamento do procurador DR. Marcelo Veiga Beckhausen, responsável pelo programa de Estágios na Procuradoria e projeto de extensão da Psicologia da UFRGS.

" ... então um projeto que foi pensado em meados de setembro, aprovado em outubro, assinado em dezembro e executado no inicio desse ano....foi uma coisa extremamente rápida, séria, natural e conversamos sobre os riscos...".

"Houveram reuniões com os setores para apresentar o projeto com algumas indicações de locais para os estagiários. Alguns setores foram receptivos quanto a possibilidade de receber um deste estagiários outros não...".

" Os setores foram avisados e fizemos reuniões internas, mudamos algumas coisas para recebê-los.... a primeira reação foi de surpresa, depois teve medo sobre o que esse pessoal ia fazer aqui...mas na maioria a aceitação foi boa pois era uma maneira de se envolver com a comunidade, de se fazer uma ação concreta e isso foi indo. Mas até quem pensa diferente de nós nos ajuda a pensar... e hoje está se diluindo...o dia a dia vai mostrando questões novas..."

" Eu achei bastante louvável essa atitude por parte do Ministério Público, essa preocupação de reintegrar na sociedade uma vez que o Ministério Público é um órgão que fiscaliza...claro que provocou reações adversas mas o nosso setor acolheu muito bem eu não consigo imaginar o nosso estagiário diferente de nós, não dá...eu acho que ele é dez...esta sendo bastante útil no setor e esta oportunizando o contato dessas pessoas com um grupo diferente...a integração, valorização e desenvolvimento."

"... se amanhã eu encontrar ao menos um deles e ele disser que aquilo que aconteceu no Ministério Público foi o que me **abriu as portas,** para mim já vai ter valido a pena, ter uma profissão, mudar a vida dele, para mim está cumprida uma questão importante para o Ministério Público...assim como aqui a gente combate a sonegação, a corrupção que são mecanismos que geram essa desigualdade social precisamos enfrentar os dois pontos, o inicial e onde já tem o problema, vamos tentar resolvê-lo e se já aconteceu há méritos de todos e isso é mérito do Joel e tem que ficar registrado na história por uma questão de justiça e amanhã, 5 anos depois, vamos poder olhar para trás e ver como tudo começou. ... "

1.4 Da elaboração da proposta:

No primeiro semestre de 2003 foram realizadas reuniões e um seminário de planejamento para elaboração do projeto Abrindo Caminhos com participação da seguinte equipe:

Ana Maria- Patrimônio
Antonio Celso Ribeiro- Serviços Gerais
Claiton Renato Marques- Coocrim
Douglas Fischer- Procurador
Fernanda Bocco- Psicologia Social e Institucional- UFRGS
Gislei Lazzarotto- Psicologia Social e Institucional- UFRGS
Joel Potrich- Coocrim
Jose Angelo Scopel- PRDC
Klaus Richard Blumel- Informática
Marcelo Veiga Beckhausen- Procurador
Marco Antonio DiMartini- Protocolo
Maria Zeli Selau Borges Mann -Estágios
Marta Roberto- Biblioteca
Sheila Weremchuk- Psicologia Social e Institucional- UFRGS

1.5 Da inclusão de outros parceiros:

- Em maio de 2004 foi assinado o convênio com a Fundação de Assistência Social e Cidadania -Programa de Execução de Medidas Sócio- Educativo (FASC-PEMSE) visando o acompanhamento e a manutenção dos jovens no projeto na passagem de medida de internação (FASE) para meio-aberto (PEMSE)

- Foi assinado, em abril de 2005, convênio com a Fundação de Proteção Especial do RGS visando atender também jovens em medida protetiva.

Com a inclusão da Fundação de Proteção Especial foi ampliado o número de vagas de quatro para seis, sendo direcionadas três vagas para medida sócio-educativa e três vagas para medida protetiva.

2. Objetivos

"Conjugar esforços entre a **PR/RS** e a organizações conveniadas para colocação de adolescentes em aprendizagem laborativa, na forma preconizada pela Lei nº 8.069/90."

- Oferecer ao jovem que cumpre medida sócio-educativa e/ou de proteção especial um espaço de aprendizagem laborativa e exercício da cidadania.
- Oportunizar aos jovens experiências de pertencimento social que contribuam na construção de alternativas no enfrentamento do contexto de vulnerabilidade e violência .

- Sensibilizar o quadro funcional da Procuradoria em relação a problemática da violência na juventude contribuindo na problematização de políticas públicas neste contexto.
- Possibilitar espaços de extensão universitária que contribuam na elaboração de metodologias de intervenção no contexto juvenil e na formulação de políticas públicas da juventude.
- Apoiar iniciativas que promovam a cidadania e a solidariedade, compartilhando ações com o Comitê de Cidadania e de mais iniciativas dos servidores neste sentido.

3 Público:

Adolescentes entre 16 e 18 anos cumprindo medida sócio-educativa e/ou protetiva encaminhados pelas organizações conveniadas (FASE; PEMSE/FASC; FPE).

4. Metodologia:

A gestão do projeto e a orientação ao trabalho dos jovens é realizada com servidores e procuradores que constituem a equipe de formulação e implementação da proposta com assessoria do projeto de Extensão "ESTAÇÂO PSI" - Departamento de Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Esse acompanhamento é mantido com uma estagiária de Psicologia , uma bolsista de extensão e a orientação de uma professora, bem como com a interação das equipes técnicas das organizações conveniadas.

Inicialmente, em seminários de planejamento participativo, foram definidas atribuições, processo de seleção e acompanhamento de jovens , normas e procedimentos, conteúdo que orienta o desenvolvimento do projeto e que deu origem a sua denominação " Abrindo Caminhos". O setor que recebe o jovem em estágio de trabalho educativo define dois servidores para serem orientadores no acompanhamento cotidiano aos jovens e participarem na gestão do projeto.

Conforme demanda ocorrem ações educativas específicas como orientação em conteúdo escolar solicitado pelos jovens e o projeto de Oficina "Abrindo Cabeças" organizada por um grupo de servidores que desenvolve ações pedagógicas e culturais.

A formação das equipes envolvidas é realizada de forma continuada através da análise coletiva de elementos pedagógicos, psicológicos, éticos, econômicos, políticos e afetivos, em espaços individuais e grupais que acompanham os efeitos do projeto na vida dos jovens e no contexto da Procuradoria.

A equipe de gestão é formada pelo Procurador Chefe da PRRS, pelos representantes dos setores que alocam as vagas de jovens e equipe de Psicologia da UFRGS. Nesta instância são avaliadas e planejadas ações do projeto

5 Atribuições:

5.1 Quanto ao Procurador-Chefe

- Encaminhar os tramites legais e negociações interinstitucionais para desenvolvimento e manutenção do projeto.
- Acompanhar os processo de avaliação do Projeto para sua manutenção e ampliação.
- Sustentar estratégias de divulgação e sensibilização.

5.2 Quanto à Coordenação de Estágios:

- Coordenar o Projeto gerenciando solicitações das instâncias envolvidas.
- Acompanhar os processo de avaliação do Projeto para sua manutenção e ampliação.

- Sustentar estratégias de divulgação e sensibilização.
- Acompanhar o Projeto de Extensão da Psicologia e da Estagiária de Psicologia.
- Encaminhar atividades de gestão administrativa do Projeto

5.3 Quanto aos Setores que recebem o jovem como estagiário:

- Discutir expectativas e sentimentos gerados com o projeto para encaminhar as formas de integração do jovem ao setor .
- Definir atividades do estagiário, promovendo o treinamento para realização das mesmas e delegando as tarefas à medida que o jovem apresentar condições para assumi-las com autonomia.
- Definir integrantes do setor que assumem a função de orientadores do estagiário e de referência para o desenvolvimento do projeto.
- Selecionar o estagiário com assessoria da Psicologia e das instituições conveniadas.
- Acompanhar de forma sistemática o estagiário buscando assessoria junto ao setor de estágio da PR , Psicologia e técnicos das instituições conveniadas conforme necessidades.
- Participar das reuniões de acompanhamento e avaliação do projeto na Procuradoria.
- Contribuir na elaboração de estratégias de sensibilização, divulgação e implementação do projeto.

5.4 Quanto aos Setores que contribuem na qualificação do estagiário:

- Avaliar os conteúdos necessários à qualificação do estagiário na área de conhecimento específica desenvolvida pelo setor e desenvolver a formação necessária.
- Acompanhar o processo de aprendizagem do estagiário buscando assessoria junto ao setor de lotação do estagiário e Psicologia quando necessário.
- Participar das reuniões de acompanhamento e avaliação dos estagiários e do projeto na Procuradoria.
- Contribuir na elaboração de estratégias de sensibilização, divulgação e implementação do projeto.

5.5 Quanto às Instituições conveniadas responsáveis pelo encaminhamento de jovens ao Programa:

- Pré-selecionar e encaminhar os adolescentes para as atividades laborativas.
- Participar de reuniões com Psicologia e Orientadores dos Setores de Estágio para acompanhamento,
- Verificar a sua freqüência e acompanhamento escolar, enviando cópia à PR/RS.
- Substituir o adolescente que não se adaptar ao local do estágio, ou que tenha completado 18 anos.

- Promover cursos de iniciação profissional para os adolescentes.
- Elaborar relatório de aproveitamento e aprendizado dos adolescentes, de acordo com as metas previstas neste convênio.

5.6 Quanto à Psicologia :

- Acompanhar de forma sistemática o estagiário e os respectivos setores assegurando o caráter psicossocial do Trabalho Educativo.
- Contribuir no processo de sensibilização da comunidade da Procuradoria em relação ao projeto
- Oferecer um espaço de análise das solicitações dos jovens participantes do projeto constituindo uma relação de confiança e acolhimento de suas demandas.
- Promover ações que favoreçam a integração da equipe do projeto e técnicos da organizações conveniadas.
- Estabelecer o contato coma a família para encaminhamentos a respeito dos jovens.
- Sistematizar o conhecimento construído a partir da experiência contribuindo na avaliação do projeto e identificando as possibilidades de aprimoramento.
- Realizar avaliações sistemáticas do projeto junto aos Jovens, Setores, Coordenação de Estágios e Procurador-Chefe.
- Identificar e discutir formas de atender solicitações referentes ao campo da psicologia social e institucional, em especial referentes a construção da cidadania e afirmação dos direitos humanos, contribuindo com ações específicas e/ou encaminhando para vias de ensino, extensão e pesquisa na Universidade.

6 Processo de Acompanhamento e Seleção

6.1 Periodicidade da seleção:

Realização de processos seletivos com indicação de suplentes a cada seis meses a fim de preencher as vagas disponíveis em função da finalização de estágios não renováveis.

6.2 Abertura de vaga

- Apresentação no Setor de Propostas de trabalho com jovens
- Definição de Orientador do setor
- Definição de atividades para o Jovem
- Apresentação na Reunião de Setores

6.3 Pré-seleção nas Instituições Conveniadas:

Encaminhamento pelos técnicos das **Instituições Conveniadas** de jovens interessados em realizar estágio na Procuradoria considerando os requisitos abaixo descritos.

Síntese (Nome, Data de nascimento, situação da medida em cumprimento, aspectos a serem observados na realização do estágio, potencialidades) sobre cada candidato a ser apresentado em reunião com Orientadores da Procuradoria.

Os encaminhamentos ocorrem das unidades de atendimento que participam das reuniões de planejamento e acompanhamento do projeto na Procuradoria

6.3.1 Requisitos:

- Entre 16 e 18 anos, ao completar 18 anos o estágio será automaticamente extinto.
- No mínimo quinta série ensino fundamental
- Disponibilidade no turno da tarde

Verificar no caso de passagem para liberdade assistida a forma de acesso em função do local de moradia e acompanhamento do programa de egressos e técnico responsável.

6.3.2 Documentos exigidos para Contrato com PRRS:

- histórico escolar
- comprovante de matrícula atual
- cópia da identidade
- cópia do CPF
- 2 fotos 3x4

6.3.3 Bolsa e Documentos Necessários para Abertura de Conta no Banco:

- o jovem recebe uma bolsa mensal como estagiário do projeto de trabalho educativo
- comprovante de residência
- declaração de estágio (fornecido pela PRRS)

6.4 Seleção na Procuradoria

- Apresentação da Equipe da Procuradoria
- Visita aos Setores
- Conversa de candidatos com Estagiários
- Preenchimento de Ficha
- Entrevista com a Psicologia
- Entrevista com o Setor que disponibiliza a vaga

6.5 Indicação dos Candidatos Pré-Selecionados

Reunião com Setores e Técnicos das Instituições Conveniadas com a apresentação dos nomes dos candidatos que foram pré-selecionados pela Equipe da Procuradoria para definição da escolha.

6.6 Selecionados

- Orientação ao jovem a respeito do funcionamento e normas do Programa de Estágio
- Orientação aos Pais
- Recebimento de Certificado Após a Conclusão do Estágio

6.7 Não Selecionados

- Devolução realizada pelos Técnicos responsáveis pelo encaminhamento dos jovens e/ou Psicologia

6.8 Acompanhamento do Jovem no Programa

- Entrevistas Individuais com Jovens
- Reuniões com Setores e Jovens
- Visitas da Psicologia aos Setores
- Reuniões de Setores
- Reuniões mensais com Técnicos das Instituições Conveniadas.
- Reuniões com o técnico da Fase que acompanha o jovem, Orientador do Setor e Psicologia

7 Acompanhamento do Projeto na Procuradoria

- Reuniões dos Setores e Psicologia
- Reuniões de Equipe de Gestão
- Reuniões com Organizações Conveniadas
- Reuniões com Comunidade da Procuradoria

8 Normas e procedimentos

8.1 Freqüência:

- Cada setor fará as combinações diretamente com o jovem quanto ao horário
- Jovem deverá avisar com antecedência quando vai faltar apresentando justificativa. O contato é com o próprio setor para estes avisos, de preferência.

- Atividades como atendimento psicológico, comparecimento a avaliação de medida, não são consideradas ausências e devem ser devidamente comunicadas ao Setor.

8.2 Lanche:

- Realizado no intervalo integrando-se a sistemática do setor.
- Saídas durante o horário de estágio: Não será permitida a saída dos jovens durante seu horário na PR.

8.3 Cigarro:

- Não é permitido fumar nas dependências da PRRS, e é proibido fornecer cigarros aos jovens. Será permitido que eles fumem no intervalo, em local indicado pelo responsável do setor.

8.4 Vestimenta:

- Conforme normas do local de trabalho não podem comparecer com chinelo
  Bermuda, camiseta regata.

8.5 Vocabulário e formas de tratamento:

- Cada setor irá trabalhando com o estagiário estas questões, de acordo com as exigências de atividades do dia a dia.

8.6 Telefonemas:

- Os jovens não estarão autorizados a usar o telefone para questões pessoais. Para qualquer ligação que não for de trabalho, deverão pedir autorização para o responsável do setor.

8.7 Doações:

- Devem ser evitadas doações de comidas, roupas, etc. Se for identificada uma necessidade específica de um dos jovens, será levado para discussão da equipe e avaliado o melhor encaminhamento.

8.8 Eventualidades com os jovens:

- Qualquer acontecimento, como atraso, falta, mudança de comportamento ou outros, os setores irão repassar ao Setor de

Estágios e à Psicologia para avaliar encaminhamentos e , se for o acaso, estabelecer contato com técnico responsável (FASE, PEMSE ou FPE).

8.9 Forma de abordar estes procedimentos:

Na integração inicial serão repassadas e acompanhamento no próprio setor , buscando assessoria da Psicologia no processo. O não atendimento destas combinações deve ser discutido, pois um dos objetivos do estágio é justamente que o jovem possa exercitar sua responsabilidade quanto aos acordos no local de trabalho.

9 Organizações Parceiras

FASE - Fundação de Atendimento Sócio-Educativo

FASC- Fundação de Assistência Social e Cidadania **/ PEMSE-** Programa de Execução de Medidas Sócio- Educativo

FPE – Fundação de Proteção Especial

UFRGS - Projeto de Extensão " **ESTAÇÂO PSI"** do Departamento de Psicologia Social e Institucional

10 Contato

Praça Rui Barbosa, 57 – Porto Alegre – 90030100
PABX: (51) 3284-7200,
Secretaria de Coordenação de Estágios: Maria Zeli Selau Borges Mann - 32847290 - zeli@prrs.mpf.gov.br

ANEXO II

Historinha.

Era uma vez uma menina que não gostava de ler nem de escrever.
Nunca soube qual deles causava o outro. Em cada Natal ela sabia que iria para a casa da avó paterna e que ganharia o que a família gostava de chamar de "presentes educativos" - o que, para ela, era o mesmo que dizer "presentes chatos". Todos pacotes retangulares, densos, uns mais finos e outros mais grossos (ou devera ela já saber que existiam as palavras "delgado" e "espesso"?), empilhados ao redor de uma árvore bem pequenininha. Parados. O divertido era ver os nomes das primas recortados de revistas e jornais colados nos pacotes. Aquilo era divertido! Um belo efeito visual - apesar dela, na época, desconhecer esta expressão. No entanto, o conteúdo era sempre o mesmo: os monótonos livros.
Nada contra eles especificamente, bem pelo contrário: ela ouvia histórias toda noite, antes de dormir, lidas e contadas pela mãe. Mas não adiantava tentar fazê-la ler. Ela simplesmente achava que tinha muita coisa mais empolgante para fazer. Mesmo na escola, quando sua irmã deleitava-se com os livros obrigatórios a cada semana, ela só dava uma engambelada na professora e se safava de ler aquelas intermináveis páginas de tédio e corpo imóvel. Ela precisava se mexer, correr, falar, pular e se esconder. Descobrir coisas ao tocar nelas. Sentir na pele. Na hora de escrever, que vergonha sentia! Odiava as histórias que escrevia, não tinha jeito, aquilo não era pra ela! Ficava vermelha e não queria mostrar pra ninguém.
Só que se esconder é o que ela quis, muito tempo depois, quando entrou na faculdade. Todos ali eram bem crescidos - ela também! - e agora teria de ler, sim. Ainda conseguiu enganar professores (ou será que a si própria?) e não ler uma linha sequer de alguns livros, apesar de ir bem nas provas. O que eles não sabiam era que durante as aulas, ela fazia o que sempre fizera na infância: ouvia estórias. As estórias que os mestres lhe contavam. Com anotações minunciosas, ela gravava muito bem a teoria e caprichava nos exames. Ainda aí ela gostava de acreditar que a facilidade incrível que tinha com a língua portuguesa vinha de origens desconhecidas, como se tivesse nascido com um gene-livro-de-gramática, ao contrário do que sempre se comentava ("fulano escreve muito corretamente, isso é por ter lido muito!"). Ela não decorava regras; ela simplsmente sentia como era o certo para escrever. E secretamente desdenhava aqueles colegas que cometiam deslizes bobos. Enquanto isso, sua irmã, que sempre "escreveu melhor" do que ela, estudava jornalismo e produzia textos com todo gosto, deixando a família orgulhosa. Ela satisfazia-se em escrever o necessário.
Acontece que um dia era deparou-se com o inevitável. Teve de mergulhar nos livros. Não bastaram mais anotações em aula. Era como se alguém tivesse jogado ela dentro de uma piscina! Afogava-se em xerox, muitos xerox. E olha que nadar sempre tinha sido o forte dela. Caneta, sublinha, faz ficha. Sua irmã chegava a estranhar como se lia naquele curso! E a menina emburrou-se. Enfrentou meses e meses de oftalmologistas, dores de cabeça, madrugadas de leituras. Não gostava. Revoltava-se. Matava aula. Namorava. Passava bilhetinhos. Jogava papo fora. Agora sim, tinha decido, seria displicente, irresponsável, inconseqüente, desinteressada. Pela simples vontade de experimentar sê-lo, afinal nunca o tinha sido exatamente.
E foi por essa mesma curiosidade de tocar em coisas e pelo mesmo tédio com o mesmo que mesmo bem estável e feliz, saiu. Mandou-se, escafedeu-se, mudou-se, exilou-se. Quase dois anos sem estudar. Quase sem ler. Quase emburreceu. Voou o mundo, mas desesperou-se. Viu o quanto aprendia e aprendia com o que vivia, mas também tudo escapava como os balões de gás se nos escapam. Até hoje não sabe se sentia-se assim, meio vento, por uma ânsia generalizada e meio fútil de querermos sempre guardar tudo,

reter tudo, chavear o diário e botar ele lá no fundo da gaveta... ou se por descobrir que o fato de só ela saber e lembrar daquilo tudo não era suficiente. Ao menos não para ela, que sempre foi inquieta.
Foi então que pousou. E tinha uma fome inominável. O cérebro roncava. Precisava ler. Precisava escrever, também. Era como se agora ela estivesse pronta pra sossegar e devorar um bom livro - com direito a molho caprichado e um bom suco! Palavras, linhas, parágrafos, quanto mais colorido o prato mais nutrientes tem, é o que dizem, e para ela quanto mais variedade lesse, mais vitaminada se tornaria. Teve um tempo em que até a mistureba foi demais, teve um pouco de indigestão. Desacelerou-se.
Eis que numa aula dessas ela conheceu um menino. Era um menino que tinha lido muito. Sabia muitas coisas mesmo. Coisas diferentes dela, até poque ele era bem diferente dela. Tinha viajado o mundo de outro jeito. Com o Marco Polo, por exemplo. Ela de repente gostou dele, nem sabia bem porquê. Esse jeito de gostar que é meio raro por aí, um jeito de gostar pelo que ele era. E não porque ele tivesse dado uma flor pra ela. Ou tivesse dito muita coisa pra ela. Aliás, ele não dizia muita coisa pra ninguém. Mas ela gostava que ele não dissesse. E gostava de tentar descobrir. Como sempre gostou: tocando. Pela simples vontade de experimentar.
E um dia ela estava conversando com seus amigos, com sua irmã, com sua mãe, e até com aquela avó que recortava e colava seu nome nos presentes educativos de Natal. E viu que queria mais isso: viver experimentando os livros. E um dia ela escreveu e não ficou com vontade de se esconder. Decidiu que ia mostrar sempre o que escrevesse! Foi então que ela teve uma idéia muito boa: ela ia levar uma vida em que se mexesse e tocasse nas coisas e experimentasse ao mesmo tempo em que lesse e escrevesse. Contou isso pra todo mundo de quem ela gostava, inclusive pro menino. Ele adorou a idéia e disse que ele também queria fazer isso.
E aí a menina, se sentindo meio burra, meio inteligente; meio fraca, meio forte; meio mesma, meio diferente, resolveu se mandar de novo. Mas não escafedeu-se, não exilou-se. Ela foi contar estórias e ouvir mais estórias. Ela foi tocar nas coisas e sentir na pele. Ela foi se esconder de vez em quando também. Ela foi voar num mundo bem mais pertinho.
Ela foi mas sabia que, em cada Natal, ela voltaria pra casa daquela avó, que nem existia mais, e sorriria ao ver aquela pilha de presentes educativos.

the
and

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo